



Rua Tedrisode Mncail 845

Rua Marconi 41-90

Paris 81313 - 4.2397

Poëma Sarawá  
de  
Matos Cruz

Traduções

1940

Maria





# Mallart y Curió

Madr. 2

## Primeira Parte

### ação da Escola de formação geral

#### I - O problema do exodo rural e o absentismo

Um dos problemas que mais preocupam os que estudam as questões economicas e sociais é o que planta com toda sua força transcendental o fato da emigração dos campos para a cidade.

As estatísticas de todos os países nos mostram com poucas variantes a extensão do fenomeno que longe de apresentar-se estacionado, vem aumentando sua intensidade nestes ultimos annos.

Pelo que se refere a Espanha, a estatística mostra a visível atracção que exercem as capitais de mais de cem mil habitantes, que crescem á custa das zonas rurais. Incluso n...

provincias se nota que a capital, por  
pequena que seja apresenta um  
crescimento superior ao resto do  
territorio provincial.

Para isto, vejamos o coeficiente  
de crescimento nos diversos tipos de  
agrupamento demografico em  
Espanha nos ultimos decenios a  
que se referem as estatisticas publicas  
das:

	1901-10	1911-20
Na totalidade do pais	7,22	6,95
Nas capitais	10,50	17,10
Nas povoadas de mais de 20.000 habitantes	11,16	14,66
idem menos de 20.000	6,11	3,47

Todo o mundo reconhece na cidade  
uma excessiva concentraçao de gente  
deslumbrada pela vida de comodidade,  
ou seduzida pelo afan de ganhar  
ordenados fantasticos, que não tceem em  
conta que as comodidades da vida  
de cidade são muito relativas e



que muitas das que têm perdido conta  
com as cousas da Terra, deixando  
uma casa higiênica, ventilada  
e insulada vão parar em um  
lugar sombrio, humido, ou têm  
que ser recolhidos pelas instituições  
beneficentes.

Não é necessario apresentar um  
quadro pessimista do ex-agricultor  
que se fez rendeiro para ir viver na  
cidade. Para viver sem dores de cabeça  
ao Tão pouco ha que censurar  
ao modesto camponês que vivia em  
parte, de seu emprego e em parte  
de alguma Terra que cultivava e de  
algum animal domestico que criava;  
a cidade necessita renovação de  
forças humanas e energias jovens  
que quasi não pode dar nada  
mais que o campo.

Os jovens inteligentes que chegam  
do campo para a cidade são, ma-  
tarde, nesta, geralmente os que dirigem

as maiores empresas e desempenham  
as funções mais delicadas.

Porém na cidade só há gente  
e no campo, falta. Que vão para  
a cidade os que têm algo que  
nela fazer que valha a pena.  
Porém que fiquem no campo os  
que não nasceram para a vida  
complicada das cidades, as que  
dificilmente venceriam nas lutas  
que ela exige.

Isso não se pode conseguir  
facilmente. A tendência dos agri-  
cultores abastados a ir morar  
viver na cidade tem suas razões  
de ser. A atracção que exercem os  
centros urbanos e industriais sobre  
os trabalhadores rurais é muito fundada.

Para os primeiros, a ideia de ir  
viver na cidade tem muitas vezes  
justificativos de peso.

A educação dos filhos é uma  
das mais fortes. Os centros de



cultura das grandes cidades oferecem aos jovens as melhores garantias para sua formação científica e profissional. Prescindindo do gasto que supõe ter com os filhos estudando longe da família, nem as casas de hóspedes, nem as escolas internatas, de regimen restritivo que eram até agora os lugares exclusivos aonde viviam os estudantes em nosso país são bastantes adequados para dar aos jovens um ambiente de vida suficientemente sã, tanto desde o ponto de vista corporal como no aspecto moral.

Porém hoje, começa a haver residências de estudantes (repúblicas) nas quais os jovens encontram-se rodeados de comites de estudo e as são expansões, donde seque sem parar, a direção que lhes dão educadores dotados de amplos

sentimentos paternos. As vezes estas instituições se oferecem em tais condições de economia que já não dão motivo às famílias para transferidas-se em massa à cidade para cuidar da educação dos filhos.

Para as filhas mais jovens existem cada vez mais centros de educação que oferecem toda a classe de garantias; porém poucas vezes será aconselhável que as jovens deixem o ar, o sol e as singelas atividades da vida rural, tão favoráveis para uma educação fundamental, antes que tenham necessidade de fazer uma formação científica algo superior ou adquirir uma cultura algo elevada.

Outra razão da tendência do agricultor em converter-se em rendeiro está no fato de



que o capital agrícola geralmente  
 rende menos que o investido na  
 industria ou em fundos publicos  
 a insegurança das colheitas,  
 a falta de alguma organização racional  
 da venda dos productos agrícolas e  
 incluindo a carencia de meios  
 técnicos para fazer o trabalho  
 agrícola sufficientemente remunerado  
 têm motivado uma crise agrícola  
 geral de que não se pode sair  
 sem tomar medidas radicais  
 no sentido da capacitação  
 profissional dos agricultores e da  
 organização racional de todo o  
 processo de produção e de distribuição  
 agrícolas.

Pelo que se refere aos trabalha-  
 dores ou agricultores modestos que  
 se inclinam a deixar o campo para  
 ir a cidade, ha que reconhecer que  
 eles são os que mais sentem a crise  
 agrícola. As leis sociais os amparam

a eles em bem menor escala que aos operários da cidade.

As gentes modestas dos campos pode-se dizer que não conhecem nem as indenizações por acidente de trabalho (1) nem a vivienda higiênica que se tem oferecido a seus similares da cidade com a denominação de "Casas Baratas" e tantas outras vantagens que goza o obreiro industrial ou o habitante modesto da cidade.

Por isso que existe uma parte de justificação nas apreciações pessimistas relativas a consideração que merece o trabalhador agrícola e nas palavras que este mesmo repete em muitas ocasiões, dizendo que o trabalho da terra constitui o último dos ofícios.

sem embargo, a esta desconsideração tem contribuído muitos outros fatores derivados do divorcio que existe, desde o incremento que tem tomado os centros urbanos, entre

(1) A extensão dos benefícios da lei de indemnização dos accidentes na agricultura fez-se em Espanha em 1931



estes e as zonas rurais.

Nos teatros da cidade, na literatura, se tem ridicularizado constantemente o camponês. Não só se <sup>tem</sup> posto como motivo de graça a falta de cultura geral do lavrador como também a sua inadaptação ao ambiente urbano, sem se contar que a mesma inadaptação mostrarão os habitantes das cidades ao encontrarem-se transplantados para o ambiente rural.

Tudo isto influencia na preparação de uma auto-desconsideração traz lamentáveis consequências, porque o indivíduo que a sofre se encontra muito mal disposto para qualquer trabalho consciencioso e produtivo.

Se a verdadeira situação de crise se ajuntam estes pessimismos o rendimento do trabalho diminui de uma maneira sensível.

## Plantear

Precisamente para poder vencer a crise e para que a capacidade produtiva de nossa população rural dê plenos frutos, é preciso que esta se lance ao trabalho cheia de otimismo e de confiança no resultado do esforço inteligente.

Ha que plantear muito a sério os problemas da terra e tem-se que semear ideias de redenção do agricultor pelo próprio agricultor.

Tudo isto é questão de educação, educação dirigida fundamentalmente para preparar a personalidade para que encontre facilidades para expandir-se muito e extensamente dentro da margem da vida rural; educação dirigida a equipar tecnicamente o agricultor para dar-lhe elementos com os quais vencerá na luta econômica.

A escola é que principalmente ha de dar esta educação.



de eucausamento em plena vida rural, não só nela há de formar-se os jovens nas horas ordinárias da classe, mas também que desde ela ha de realizar-se um trabalho de cultura que irradie até as pessoas formadas por meio das classes de adultos por meio de conferências, hamundo revistas agrícolas à disposição dos alunos e de suas famílias.

Não faz falta especialisar a escola primária rural para convertê-la em um centro de formação profissional; trata-se unicamente de situar o trabalho educativo e instrutivo no proprio ambiente em que vive a escola de utilizar elementos que se oferecem ao professor rural para dar uma formação geral. Esta maneira se contribuirá a que a vida do agricultor se faça agradável e conseguir-se-á que este afirme seus pés no solo.

desde ha muito tempo mantêm  
o bom gosto e dão idéias ou  
orientações aos habitantes das  
comarcas que têm a sorte de  
vê-las mais de perto.

Porém estas mansões não  
podem servir de modelo para  
a habitação media dos agriculto-  
res nem também respondem  
completamente às necessidades  
da vida actual. Tem-se  
que dar à população rural outros  
modelos de vida, para que,  
dentro da modestia possa reunir  
na casa uma serie de condi-  
ções que façam a vida sadia,  
econômica e agradável.

Tem-se que introduzir na  
casa simples e modesta aquellas  
adaptações que necessita o  
homem que quer incorporar-se  
um pouco à vida moderna  
com suas exigências, porém com



suas facilidades para satisfazê-la. Isto se pode conseguir sem grandes gastos, se não se quiser recorrer a instrumentos de reticãõ tão valiosos como o rádio e o telefone e elementos de recreio tão agradáveis como o cinema caseiro e determinados instrumentos aperfeiçoados de música.

A decoração interior da casa que contribue tanto para a expansão psicológica dos que háo de tê-la diante dos olhos muitas horas do dia pode ser realizada pelos mesmos membros efetivos da família, segundo seus próprios gostos; a construção de um jardimzinho ou de um terraço com flores não exige grande esforço nem pode distrair o indivíduo dos trabalhos produtivos, sobre tudo si é tomado como passatempo ou como expansão.

Estas pequenas criações são algo

que atam muito forte á casa.  
Deixar uma habitação que  
nos mesmos temos enlelgado  
e tornado confortavel com nos  
cuidados de todos os dias,  
depositamos nela algo de nossa  
alma, ser-nos-á muito feroso.

A gente do campo que possui  
uma casa e que nela põe  
tudo seu amor, manifestada  
na preocupação de adorna-la  
e fazê-la comoda, abandonam  
muito difficilmente o campo.

Por isto é conveniente  
que nossos jovens se iniciem em  
atividades da boa disposição  
e enlelramento da casa rural.

Nas escolas, teriam que  
se dar orientações práticas sobre  
estas atividades concretas, como se  
tem começado a fazer já em  
algum lugar, dando estímulos  
aos trabalhos manuais que se vão



gangas  
bordes de las fincas,  
tapias, cercos

adotando já na maioria das escolas primarias como meio de educação geral.

As meninas, futuras donas de casa, têm nestas aulas um assinalado papel. Sua ação é decisiva no que se refere á obtenção de um lar agradável. Por isso tem-se que formá-las em um espirito compreensivo e delicado e iniciá-las para a utilização industrial e inteligente dos elementos que se oferecem para a casa campezina.

Além do embelezamento e boa disposição da casa tem-se que pensar em outros embelezamentos e boas disposições que hão de contribuir a tornar agradável a vida do campo. Os caminhos,

têm também sua importância desde o ponto de vista da boa presença e da utilidade. Temos que observar a situação

finças

que exercem sobre os habitantes do campo como sobre os da cidade esses caminhos bem cuidados e esses limites de cercas embellezados que contemplamos nos lugares de veraneio e em todos os sitios aonde existe a preocupação de fazer a vida agradável.

Tudo isso se pode conseguir sem grandes dispêndios; o essencial está em sentir a necessidade de melhoramento e em compreender que este melhoramento se pode conseguir com a boa utilização dos elementos que estão mais próximos.

Pem-se que pensar além disto, em uma serie de benefícios de ordem social que hão de ser obtidos desde o ponto de vista do robustecimento da instituição familiar.

A vivenda com falta de conforto



convicção a dispersão, enquanto que a casa agradável é que absorve uma parte importante de nossa atividade íntima, convicção a vida de lar e ao afastamento de certos lugares que como a taberna fazem verdadeiros estragos, às vezes entre os camponeses, contribuindo para seu mal-estar e acentuando a tendência para a deserção do campo.

### III - A ruralização na escola primária.

Não se pode medir com exatidão a parte que tem correspondido a escola primária no alheamento e no divórcio que se tem efetuado no espírito das gerações destes últimos tempos com relação as coisas da vida rural.

O desinteresse pelas coisas da terra vem de muitos diversos fatores,

porém a escola não está alheia a ele.

As gentes do campo, mesmo os elementos mais cultos não pensam bastante nos problemas agrícolas.

Não se preocupam suficientemente em melhorar suas terras e sua criação.

Muitos não receberam mais que a instrução primária.

Aprenderam a ler, escrever e contar, ouviram falar de feitos heroicos realizados em épocas ou terras remotas; conheceram obras de poetas e escritores de todas as épocas, porém de agricultura e de problemas rurais apenas ouviram uma palavra na escola.

Os meninos da escola rural nem através dos livros e das explicações dos mestres todo um mundo de coisas brilhantes



## atrelantot

de ciências e artes, de inventos e  
avanços que se gozam na vida  
das cidades; apenas quando ouvem  
relativo às riquezas agrícolas, as  
melhorias obtidas pela técnica  
no cultivo dos campos, a vida  
reforada do agricultor que sabe  
explorar suas fazendas. Nestas  
condições as jovens chegam a  
acreditar que o trabalho da terra  
é algo desapreciável dentro dos valores  
da civilização e da vida moderna.

O Resultado de tudo isto é que  
o filho de agricultores, que tenha  
um pouco de aspirações, o que  
deseja obter uma posição social  
distinta volta as costas ao campo  
para dirigir todo seu pensamento  
para as coisas da cidade.  
Considera que ficar no povoado  
~~cho~~ rural, dedicado as coisas  
rurais, é de gente conformada  
com sua sorte, e efetivamente

a maioria dos que ficam no ambiente campestre, passam a vida obscura, sem brilhar, resignando-se a recolher o que a Terra lhes dá bondosamente, sem pensar que eles mesmos são culpados de que não se lhes dá mais e de que a vida campestre não proporcione melhores atrativos.

A escola primária ha de fazer ver que tambem as cousas rurais oferecem elementos de expansão espiritual, que a agricultura necessita tambem applicações da ciencia; que as manifestações da vida rural podem compreender tambem o cultivo da arte; que as explorações agricolas dão uma margem muito ampla de atividades aos jovens que tenham aspirações de posse e de dominio



Tráfico

e que tanta consideração social pode ter o agricultor como o industrial ou o artista.

Não é só a escola rural que tem influência na desconsideração pelas coisas campestres. A escola da cidade também está dominada por uma visão unilateral que orienta os alunos exclusivamente para a vida própria dos grandes centros urbanos para as atividades de aplicação dita de "ler, escrever e contar", para o cultivo das disciplinas do espírito e menos mal se inclina para os labores da indústria e do tráfico.

É difícil a volta de pessoas da cidade para o campo; os esforços que encontram os centros de colocação de obreiros parados da indústria no campo, são muito pequenos. (Recordem-se os esforços realizados na Alemanha, na Inglaterra, na França). Porém a ação de nivelamento e distribuição social

nada das forças produtivas  
que se nem realizando em  
varios países sob a pressão das  
crises económicas seria bastante  
mais facil do que é se a vida  
das cidades fora mais amarel  
com as cousas do campo.

Sabemos perfeitamente que  
os mestres, salvo raras excepções,  
não estão iniciados nem  
preparados para a missão de  
ruralização da escola que faz  
falta.

As escolas normais do magis-  
terio primario não dão geralmente  
esta preparação e quando se tem  
pedido que ha de se tem conter-  
tado que a escola primaria não  
deve especializar-se que os  
mestres rurais não devem conver-  
ter-se em iniciados para a  
profissão agricola, já que a escola  
primaria deve desenvolver sua



atividade no sentido da formação geral humana.

Porém não se pensa em que as coisas da agricultura e do campo têm tanta importância para a formação geral como as podem ter as coisas da indústria e os confortos que se desfrutam nos centros urbanos e que a civilização e a cultura compreende também as coisas da vida rural.

Parece notar-se nestes últimos anos uma corrente para corrigir-se um pouco estas coisas; organizam-se cursos de ampliação e de iniciação prática e se estimula aos mestres rurais por meio de prémios e outras vantagens para que melhorem sua preparação neste sentido. Porém vai muito lentamente.

A primeira dificuldade está em que os programas escolares estão sobrecarregados de coisas de um valor muito duvidoso, e de alguns meios.

É preciso despojá-lo de sumas quantas  
lições de programma que se puzer  
seguramente como simples tributo  
à cultura e às instituições do pas-  
sado para dar lugar ao que é mais  
que tributo de cultura por ser cultura  
mesma e que se refere às instituições  
do presente e do futuro.

Uma das coisas que ha de  
receber sitio na escola primaria  
é a publicação rural e agricola.

Especialmente na escola  
rural ha que introduzir as  
leituras sobre coisas rurais.

Como grande instrumento  
que é a leitura ha que iniciar  
a utilisá-la de modo que se  
aproveite mais tarde como meio  
de adquirir as novidades que  
possam quizar para resolver  
as problemas praticos que  
se não oferecer aos futuros  
agricultores.



A cultura de caráter agrícola na escola não há de propôr-se fazer agricultores consumados, porém é conveniente que as novas gerações tomem consciência da importância que têm estas coisas e que os jovens do campo vejam algo mais do que vêm fazer a seus pais e que se acostumem a utilizar um elemento tão importante para o progresso profissional, qual seja a publicação periódica ou ocasional referente à especialidade.

O jovem que se acostume a ter nas mãos a publicação agrícola, desejará tê-la mais tarde.

O aluno que haja se acostumado a interessar-se pelos problemas que se planteau na revista tem probabilidades de interessar-se por eles quando se encontrarem com uma

dificuldade que vencer em seu trabalho ocasional.

Temos aprovado por propor esta medida porque é sem dúvida uma das que oferecem mais facilidade na escola primária atual.

Para introduzir as leituras agrícolas para dar entrada na escola a revista de caráter rural não se necessita nenhuma preparação especial por parte do professor.

Sua ação se pode limitar a propor leituras aos alunos ou ainda a pôr simplesmente as publicações em mãos destes para que tirem o que de boa vontade possam.

Temos praticado isto em uma escola de montanha com alunos de doze a quinze anos e podemos mostrar - nos



ham satisfeitos do curso, posto que além de conseguir uma certa iniciação dos alunos, nos mesmos nos formamos uma certa cultura agrícola e dali tem arrancado grande parte de nossas preocupações pela melhoria da situação dos camponeses e da agricultura.

Talvez seja muito pedir que todas as escolas estejam subscreitas a uma ou a varias publicações agrícolas, já que os presupostos não são elásticos; porém o mestre que se empenhe nele, terá taes assignaturas sem deixar um centimo de nenhuma outra atenuação da vida.

Os municípios, os agricultores abondos e diversas entidades seguramente se prestariam gastos e amente a ceder um pequeno donativo que se necessitaria para tais fins.

Por outra parte, as mesmas emprezas

editoriais das revistas haveriam de compreender o que significa para elas o fato de que os alunos das escolas se acostumem a ler suas publicações.

Talvez seria a melhor propaganda que fariam para procura de assinantes, contribuindo deste modo para a formação de gerações iniciadas na leitura e na procura de documentação adequada para servir de guia das melhorias agrícolas e da revalorização das cousas do campo.

Outra das medidas que se podem tomar na escola com relativa facilidade, para sua ruralização é a prática das atividades próprias do cultivo de plantas e da criação de animais.

A pedagogia moderna nem concedendo uma importância muito grande às singelas ativi-



da agrícola como base de experiência,  
e da formação geral.

As instituições escolares modernas,  
têm amplos espaços de terra culti-  
vável onde os alunos se entre-  
gam com entusiasmo às práticas  
fundamentais de agricultura e de  
jardinagem.

Isto representa um grande  
passo, e o lamentável é que  
estes pedaços de terra esquivem  
se à disposição das instituições privi-  
legiadas. Especialmente para os  
meninos da cidade, plantas debéis  
carentes de ar e de sol, a escola  
que disponha de amplo jardim  
que cultivem os alunos e de  
espaço livre onde estes possam  
dedicar às atividades próprias  
dos meios rurais, significa um  
poderoso elemento de equilíbrio  
funcional e de adaptação para  
receber amavelmente as coisas do  
campo.

ajeno

Os meninos das escolas rurais têm necessidade de encontrar na escola aquelas atividades próprias da agricultura e da criação de animais; porque já se lhes aferecem com facilidade em suas próprias casas e em todo o ambiente que os rodeia.

sem embargo, a escola rural não aproveitará devidamente estes elementos como base de ensinamentos de caráter científico e menos como fundamento de educação geral.

Com demasiada frequência desaprecia todo este mundo de experiências e de observações dos meninos do campo e os leva pelos domínios da abstração e da experiência ajena incompreensível.

A escola rural não necessita como as demais escolas, estar rodeada de jardim, de terra



cultivar nel e de terrenos livres para di-  
versas atividades, porém tem que ser  
a condição de aproveitar a experiência  
dos alunos nos terras cultivadas e nos  
espaços livres que se oferecem aos  
alunos.

As excursões escolares deverão de  
prodigiar muito as lições de  
coisas baseadas na observação  
extra-escolar deverão de utilizar-se  
muito o mundo, a intervenção  
da escola nas coisas da vida  
rural da localidade deverá de  
ser muito mais intensa do que  
é geralmente. Esta intervenção  
da escola requer um plano algo  
meditado e é preciso dedicar-  
lhe capítulo à parte.

#### IV

- Instituições ruralistas ao redor  
da escola primária -

Uma das atividades que se  
tem despregado em nosso país com  
maior extensão no sentido da revalorização  
do agro é a conhecida "Festa da Arouce".

sem embargo talvez esta atividade tenha sido demasiado absorvida pela parte de "Festa" e, pela exterioridade e manifestativa, descuidando-se do que podia conduzir a uma verdadeira efetividade.

Mais que as Festas, o que tem dado agora melhores resultados é a sociedade escolar.

Pelo que se refere às sociedades florestais, recorremos a um trabalho do Sr. Barrachina (Revista Org. Científica - Madrid, março, junho 1930) no qual se diz que a sociedade escolar florestal é um admirável instrumento de grande extensão que realiza a lição prática, a propagação, a mutualidade e a previdência.

Estes agrupamentos de alunos repovoam, sem efetuar gastos, plantando árvores que mais tarde permitirão constituir o bosque creador de um fundo para os filiados.

Parece que as sociedades escolares florestais têm adquirido grande



desenvolvimento em vários países com a ajuda dos Municipípios, das entidades de carácter económico-social e dos particulares.

Organizam ensinamentos práticos de silvicultura e de pequenas indústrias florestais, ocupam-se da melhoria de cultivos e da constituição de viveiros de plantas destinadas ao repovoamento florestal tratam de ter um pequeno parque ou jardim botânico, procuram pôr em produção os terrenos comunais mediante o melhoramento ou a melhoria dos cultivos e se preocupam pela protecção das espécies úteis à agricultura.

Geralmente os Municipípios, donos de terrenos comunais têm posto muito poucas dificuldades à criação de parcelas para viveiros, jardins botânicos e zonas de repovoamento a cargo das associações escolares.

Será necessário que todos estes terrenos estejam perto das escolas para que os socios activos, que são os alunos

possam realizar seus trabalhos com  
mais facilidade sob a direção de  
seus respectivos mestres, que também  
sem ser considerados socios ativos  
assim como os engenheiros e  
todo o pessoal dos serviços flores-  
tais das respectivas localidades.

Uma forma muito interes-  
sante de associação escolar de  
caráter ruralista é a "do Clube de  
Jovens" que tem tomado grande  
incremento em varios países  
especialmente nos E. Unidos.

Segundo dados que tomamos  
da revista franceza "La Vie a la  
campagne" naquele país, em 1926  
existiam 31.845 clubes de jovens agri-  
cultores e criadores que reuniam  
527.723 membros e que haviam  
ganho desde 1918 um produto de  
6.079.092 dolares. Os clubes de  
jovens avicultores haviam ganho  
402.237 dolares.

Estes clubes às vezes compreendem  
varias classes de trabalhos agrícolas



juvem na maioria dos casos tende  
à especialização. Assim os clubes de  
milho de trigo, etc —

Parece ser que a chegada de  
jovens que pertenceram aos clubes  
no seio das empresas rurais, tem  
feito ver já os excelentes resultados  
daquelles.

Existem clubes de jovens para os  
dois sexos. São pequenos agrupa-  
mentos locais que reúnem os  
adolescentes das classes superiores  
das escolas primárias ou os reconstruídos  
destas.

Sob a direcção de um instrutor  
competente os membros destes  
clubes são chamados a efectuar  
os trabalhos agrícolas para os  
quais foram constituídos, se-  
gundo normas precisas contidas  
nos Projectos —

Regularmente estes trabalhos se  
desenvolvem na mesma exploração agri-  
cola paterna. Consistem, por exemplo,  
em criar um terneiro ou umas aves, em

semear e colheer um cereal deter-  
minado em um pedaço de terra.

Estes clubes procuram chamar  
especialmente a atenção dos escola-  
res sobre os aspectos financeiros  
e práticos de seus "projetos", com  
isto fazem uma transição entre  
a escola e a vida profissional.

Gracias a isto, os jovens comen-  
çam a ter a responsabilidade de  
operações de compra e venda.

Os benefícios podem passar para  
o fundo patricular de cada jovem.  
(Veja-se: L. E. Matthaci, L'enseignement  
professionnel agricole - Resue Internatio-  
nale Du Travail - novembro 1929. Também  
Dirección general de Escuelas de la prov. de  
B. Aires - La Plata - 1919)

Em Espanha que saibamos  
não tem sido organizados todavia  
clubes desta classe. Em troca, veem  
funcionando com êxito algumas  
associações escolares de caráter agri-  
cola, e são muitas já as escolas



que têm empreendido diversas atividades de caráter rural, como a sericultura, a apicultura e a avicultura.

Por nossa parte, temos praticado vários cursos neste sentido com pleno êxito segundo se tem explicado em alguma publicação.

É de desejar que todas as tentativas se generalizem e que em todas as escolas rurais se desenvolvam muitas atividades práticas a base dos elementos que se lhes oferecem em abundância.

Os campos, as instalações agrícolas, as granjas se poderão pôr facilmente à disposição da escola facilitando assim o desenvolvimento de iniciativas de educação ativa.

O trabalho que pode desenvolver a escola desde o ponto de vista da formação geral, podendo-se em contato direto com os elementos que se oferecem no campo e na casa de trabalho é de um valor muito grande.



A introdução no conhecimento científico pode fazer-se muito bem por meio da observação e da experiência em contato com as coisas agrícolas.

Especialmente as ciências naturais podem encontrar no campo e nas explorações agrícolas uma magnífica introdução para os alunos.

Se a escola abre para as jovens as caminhas da vida, fazendo-os passar primeiro pelos terrenos firmes do ambiente rural, procura-se iniciar nas atividades complicadas da vida moderna preparando primeiro para as simples atividades da vida dos campos, fará obra meritoria e altamente promissora de formação geral ao mesmo tempo que preparará a adaptação de todos aqueles individuos que não de desenvolver suas atividades no ambiente rural.

Propoñhamos o contato direto com as coisas do campo por meio de planos interessantes para desenvolver (associação escolar para o estudo



restamento, para a criação de auge,  
para sericulture, apiculture, etc. 25  
porque acreditamos que o trabalho  
verdadeiramente proveitoso é o que  
se desenvolve o mais próximo pos-  
sível das realidades, o que apresenta  
aos alunos muitos problemas interes-  
santes que resolver e o que obedece  
a um plano em cuja elaboração  
tem intervindo muito diretamente  
os mesmos alunos. Tem-se que des-  
confiar muito das lições abstratas  
dos discursos, das palavras que não se  
baseiam em experiência própria.

Tem-se que substituir a palavra  
pela ação pessoal, dirigida para  
realizações que signifiquem uma  
verdadeira iniciação para a reso-  
lução de problemas dos que se apresen-  
tam na vida; tem-se que tratar  
de desenvolver o espírito de luta nobre,  
mediante as pequenas lutas orgânicas  
das para a obtenção de resultados de  
produtividade, a medida que se  
resolvem as questões fundamentais  
de caráter científico e cultural.

Não se podem alarmar nenhum

dos defensores da escola primária de formação geral e linha de proficiências de caráter profissional.

Ainda que a escola rural tenha muito contato com as coisas agrícolas tal como a concebemos aqui, não por isto se converte em escola profissional especializada

si aproveitar os elementos que se lhe oferecem ao redor e em benefício da própria formação geral.

Para a iniciação científica e prática, as escolas dos centros industriais aproveitarão as observações e as experiências dos alunos em relação com as indústrias locais que servirão sempre de magnífica referência para toda formação geral.

Da mesma maneira as escolas rurais utilizarão o campo que se lhes oferece para todo seu labor educativo.

Sem embargo a escola rural pode internar-se sem perigo de



unilateralização nas coisas agrícolas porque estas são ao menos especializadas e evoluídas e suas atividades podem constituir uma magnífica preparação da vida real (construção do prof. "e. p. e. c.")

Por outra parte si as necessidades económicas de nosso tempo e os anseios de harmonia social pedem à escola uma ação especial dirigida à capacitação do agricultor e a mais íntima união deste com as coisas rurais, a escola tem que fazê-lo.

Bem-se ter em conta além disso, que o camponês encontra muito dificilmente possibilidades para sua formação profissional, si não for nela iniciada na escola primária.

Na cidade, nos centros industriais encontra-se com relativa facilidade instituições e instrumentos de preparação profissional e enquanto que no campo estes elementos são escassos.

Por tanto a escola primária não sai de sua missão em atuar em prol da iniciação dos agricultores.

Fará mais, fará obra altamente meritória se não se contenta com exercer a devida influência sobre os jovens que estão em idade escolar e atua com os adultos em um plano de extensão cultural e de aperfeiçoamento profissional.

## V - Ação cultural de Irradiação da escola

Um dos campos de atividade que se oferecem ao mestre para contribuir para a vitalização do ambiente rural está na obra de extensão cultural que se pode fazer nas classes de adultos.

Estas classes em regra geral, não dão os devidos resultados porque se dirigem a grupos de indivíduos demasiadamente heterogêneos, os quais pelas matérias que se ensinam encontram dificilmente um agente de interesses que as faça verdadeiramente proveitosas.

Tanto é assim que se dão muitos casos em que a diretriz de



adultos e mulla, e o professor  
se nãe obrigado a mandar para  
as classes noturnas os alunos  
maiores das classes diurnas para  
justificar o cumprimento de seu dever.

23  
24

Isto se deve indubitavelmente  
a que as chamadas classes de adultos  
nãe são suficientemente atraentes e  
interessantes. Muitas vezes porque  
se tem que atender a um analfabeto,  
que quer aprender somente "lêr,  
escrever e contar", outras vezes por  
que as concorrentes às classes noturnas  
estão divididas em dois ou mais  
grupos enquanto haja interesse  
por aprender determinadas matérias  
o professor não pode satisfazer os  
gostos de todos e a classe noturna se  
desfaz.

Por isto impõe-se a transfor-  
mação da classe de adultos. Em  
primeiro lugar tem se que pensar  
em algo mais ameno e menos mono-  
tomo que o ensino das disciplinas escolares.  
Os adultos, a menos que se tenham  
acostumado à disciplina intelectual  
dos estudos, resistem com dificuldade  
ao ensino abstrato -



Seus espíritos, afetos: ao contato da realidade, querem realidades que os iniciem com segurança na resolução dos problemas de sua vida prática.

Mais que matérias de ensino de tipo escolar, querem idênticas que fortaleçam seu espírito na luta contra as dificuldades que a vida cotidiana lhes apresenta, mais que abstrações, querem normas que ajudem a resolver seus problemas profissionais.

É certo que o analfabeto encontra talvez mais dificuldades para a satisfação de seu desejo de sair de seu vergonhoso estado.

Tão pouco o que deseja aprender contabilidade pode encontrar facilmente nas classes de adultos transformadas a satisfação a suas atenuadas aspirações.

Porém é certo é que atende-se ao analfabeto, dando-lhe acolhida ao que deseja aprender contabilidade, e desviviendo-se como que necessita aprender ortografia, todos se consanam pouco depois de começar o curso,



e a escola de adultos fica sem  
efeito e tem que fechar. É tam-  
bem impossível que um só  
professor atenda a interesses tão diversos.  
Ha que procurar para as  
classes de adultos um fator de aglu-  
tinação de uma grande maioria de  
adultos do povo e este fator ha de  
encontrar-se na serie de materias  
que são objetos de preocupação  
no povo.

Por outra parte, tem-se que pen-  
sar em fazer a classe de adultos  
muito mais arrenda, dando forma  
de conferencia com projeção e  
outras illustrações, de sessão cine-  
matográfica, ás vezes de noite de  
literaria ou musical, etc.

X É certo que para esta trans-  
formação da escola de adultos são  
necessarios mais meios do que aquelles  
que estão atualmente; meios econo-  
micos, obter-se-iam facilmente  
em quanto são pedidos; a capacidade  
tecnica do professor conseguir-se-ia  
em seguida em quanto se suprimisse  
o absurdo sistema de oposições para o  
aumento de categoria e este aumento  
de categoria se fará a base de fatos de



merito profissional.

Si para os aumentos de soldo do Magisterio por via restringida, em vez de uma preparaçao memorística de um programma de oposições, exigir-se ia obra efetiva do mestre na vida da escola e de sua irradiação cultural, outros seriam os resultados do estímulo ao acesso.

O que hoje é desinteresse para os alunos (o mestre estuda, não se ocupa conosco, dizem eles) então seria trabalho educativo entusiástico, ação de extensão cultural, conferências e espetáculos para pequenos e grandes.

Por isto aproveitamos este lugar para pedir aos poderes publicos a modificação das normas legislativas que regem o ensino de adultos nas escolas primarias e mudem o processo contínuo produtor de estímulo do magisterio por meio das chamadas oposições restritas substituídas



pelo estímulo a Base de Trabalho pedagógico aplicado, dentro da qual tem-se que esperar se reconhecerá grande importância as obras de iniciação às atividades agrícolas e de vitalização do ambiente rural.

## VI - A Educação da mulher do Campo

O que vimos dizendo até agora referente à formação geral e profissional das gentes do campo, tem aplicação o mesmo para um ou outro sexo, sem embargo, como muitas destas coisas as temos dito pensando nos varões, temos que dedicar capítulo a parte para a mulher.

Por outro lado, a participação da mulher nas questões da vida rural

é tão importante, que sua educação merece uma atenção especial.

Não é que consideremos que a mulher tenha que levar a cabo trabalhos que são próprios dos homens. Sua missão em função próprias da economia rural está bem definida.

A casa de campo ou ainda que para fazer mais extensiva, a casa que vive com os elementos do campo, tem muitas possibilidades para desenvolver um grande número de indústrias domésticas que constituem um reino extensíssimo onde a mulher pode fazer valer suas múltiplas qualidades.

Do mesmo tempo, a administração e os cuidados da casa lhe dão ocasião de intervir de uma maneira decisiva na marcha da exploração rural,

A atmosfera de menor desperdício e de desgosto pelo ambiente rural que tem circulado por todas as partes nestes últimos tempos, tem



chegado ao espirito dos jovens  
de nossas povoadas e aldeias, 26  
30  
— muitas acreditam que

preocupar-se pelas cousas do campo  
parece rebaixar-se. A aspiração  
que nelas domina é romper por  
completo as amarras que as ligam  
à terra e marchar para a cidade.

Querem vestir bem, querem pa-  
recer senhoras, ainda que se dediquem  
a atividades servis. Quanto mais  
senhoras não seriam nessas camponês,  
si soubessem organizar sua casa como  
si fosse um palácio de indústrias do-  
mésticas derivadas do leite, das aves,  
dos frutos da terra!

Si empreendessem devidamente,  
cientificamente, estas tarefas da casa  
que são o complemento necessário de uma  
boa exploração rural, as camponês  
teriam um poderoso senhorio (dominus).

A mulher que vive no campo em  
um ambiente rural se desorienta  
com preocupações que a fazem  
abandonar os trabalhos que a natureza  
e a economia do país lhe recomendam,  
não colabora na direção da exploração agrí-  
cola, e ainda perturba a marcha desta.



Ainda que os homens trabalhem na terra do melhor modo possível, si a mulher não está em casa, hossaída de um forte espirito coordenador, que vigie os detalhes que permitam rematar a obra, a exploração não pode marchar bem.

As cousas de dentro de casa, confiadas á mulher, estão intimamente relacionadas com as de fora.

O mesmo si se trata de indústrias do campo que si se trata de tarefas domésticas, a mulher não pode faltar, com sua vontade e com sua preparação adequada.

Até agora, as propagandas agrícolas e os poucos ensinamentos para agricultores tem se dirigido quasi exclusivamente aos homens.

A estes se tem ensinado a maneira de trabalhar a terra, de aplicar os adubos, de podar as arvores frutíferas, de lutar contra as pragas do campo.

As mulheres quasi não se lhes tem dito nada com relação á maneira de desenvolver as funções que lhe correspondem no lar do agricultor.



Tem-se que preparar devidamente a mulher desde jovem para que mais tarde sinta o gosto pelos trabalhos que lhe serão confiados; tem-se que iniciar as meninas das escolas de uma maneira prática nos afazeres próprios da grangeira tecnicamente culta, para que quando adultas possam colaborar nas explorações rurais com hábitos de disciplina científica e de industriabilidade devidamente controlada.

Tem-se que dar às filhas dos agricultores possibilidades para receber uma instrução agrícola doméstica. Inquanto as escolas primárias sejam os centros quasi exclusivos onde se educam as camponesas, tem-se que procurar que se atenda devidamente a parte de formação que se refere a cousas de economia doméstica agrícola.


As professoras hão de fazer com que os pais a importância da reintegração da mulher ao lugar que lhe corresponde, na casa do campo. Às alunas se lhes deve estimular a que amem as cousas da agricultura.



desde a escola e desde a família,  
Por um e outro lado, deverão  
receber instigações para preo-  
cuparem-se pelos problemas locais,  
por um e outro lado não de  
ajudá-las a formar ideias de ex-  
pansão de sua vida dentro da  
órbita das atividades que se desen-  
volvam no ambiente rural.

Não há dúvida de que  
com uma preparação desta natu-  
reza, a camponesa poderá dar  
satisfação a seus desejos de melho-  
ramento social, sem sair do meio  
em que se criou.

A adolescente que veja  
como a vida da casa de campo  
se completa de uma maneira ilimitada  
graças aos elementos que se tiram  
da ciência e dos inventos modernos  
tornar-se hábil e providente,  
converter-se à no órgão que anima  
o lar e que aproveita energias e  
frutos que se perderiam para sempre.





### VII - Fomento de Indústrias Rurais

Uma das atividades que se oferecem ao professor, além das assinaladas anteriormente para a fixação da população dos campos, é a que se dirige ao fomento das pequenas indústrias rurais.

Não se tem que esforçar para demonstrar a importância que tem o problema do paro entre os trabalhadores do campo.

A paralisação de trabalhos em determinadas épocas do ano se sucede de um modo constante em quasi todas as comarcas agrícolas, segundo o regimen das estações das culturas.

Por uma parte, as regiões frias e chuvosas sofrem durante o inverno a paralisação que traz consigo o descanso da vida vegetal e a limitação imposta à saída do gado de seus estabulos.

Por outra parte, as regiões de clima suave conhecem momentos de paralisação de trabalhos que produzem



grandes crises, especialmente naquelas  
lugares aonde o regimen da pro-  
priedade conecta o trabalhador  
rural em simples jornaleros (diaristas)  
(como ocorre em grande parte de  
Extremadura, Andaluzia e Castela)

Especialmente no norte de  
Espanha, se é que limitamos a visão  
a nosso país, existem numerosos  
lugares montanhosos cujos habitantes  
nem se obrigados a passar largas  
temporadas de vida recolhida, cheia  
de limitações economicas e de privações  
de toda ordem.

As familias muitas vezes se  
desfazem temporariamente, para  
mandar uma parte de seus membros  
a outros lugares mas hospitalares  
em busca de elementos que fazem  
falta para ajudar o sustento de sua  
casa. Desta maneira, a vida  
familiar, fator tão importante no  
fomento das virtudes dos povos,  
fica truncada.

Si não se verifica este  
nomadismo, os habitantes das regiões  
duras e frias, como os obreiros aquece-  
las que estão em períodos de



descanso (para) passam  
largas horas de ocio e costumam  
frequentar a taberna, donde se  
corrompem fisica e moralmente.

29

93

Todo este tempo perdido poderia  
aproveitar-se seguramente, iniciando  
desde pequenos trabalhadores a aproveitarem  
suas aptidões, pondo-os em caminho  
para preparar-se para uma vida  
mais elevada mediante o exercicio  
de uma serie de industrias complementares.

É possível que a organização científica  
dos trabalhos agrícolas permita dar  
ocupação constante a um numero  
maior de trabalhadores.

É de esperar que a industrialização  
da agricultura e da pecuária, chegando  
a regiões de vida difícil, resolva  
dentro de pouco tempo o problema  
da paralisção temporal do trabalhador rural.

Ao mestre cabe uma missão im-  
portante na preparação do espirito das  
novas gerações para adaptar-se a estas  
novas situações e para precipitar seu  
advento.

Porém tem-se que pensar ao mesmo  
tempo no desenvolvimento de uma serie de  
industrias complementares que seque-



mente escapariam à consideração dos organizadores da transformação agrícola. A extensão das comunicações e a chegada das redes de distribuição de energia elétrica aos lugares mais afastados há de dar grandes facilidades para eles.

Tem-se que pensar que todavia, por muito tempo, há de ficar numerosos os lugares (regiões) que não podem encontrar no trabalho da terra e na criação de gado, os elementos indispensáveis para uma vida algo complicada e confortável.

Tem-se que notar que existem regiões agriculturalmente pobres, que em determinados momentos necessitam de uma mão de obra numerosa que no resto do ano dificilmente pode encontrar ocupação nos cultivos; que existem locais frios e duros, donde nem a variedade de cultivos nem a extensão da área cultivada permitem compensar o deficit do trabalho produzido pelo mau tempo.

As mulheres todavia encontram trabalho mais ou menos remunerador na extensão de seus tra-



trabalhos domésticos; ainda que  
seja necessário que desde  
pequenas recebam uma pre-  
paração que lhes permitira um rendi-  
mento superior a seu esforço.

30
34

Porém, sobretudo os homens passam  
muito tempo ociosos. Por um lado  
os dias de mau tempo são poucos, as  
noites longas de inverno dão novas  
horas de paralisção e de ociosidade.

Em muitas zonas rurais  
existem todavia valiosas representações  
de uma pequena indústria do lar, que  
produz variados artigos de aplicação na  
mesma casa, e até que tem saída  
nos mercados da zona.

Fabricam-se utensílios de madeira  
para usos domésticos e enseres para  
a lavoura; as mulheres fabricam  
queijo e manteiga, e algumas ainda  
fião e tecem o linho colhido e  
a lã de suas ovelhas.

Porém tudo isto tende a decair  
parecer; são muitas já as casas de  
campo e de montanha que não comen-  
çam mais que alguns exemplares das  
ferramentas que usavam os avós nas  
vigílias de inverno e nos dias frios.

e chuvosos. Ali há pouco a casa de campo no inverno era uma verdadeira oficina; cada um trabalhava no que lhe parecia mais apto para levar ao complexo da exploração rural sua parte de personalidade e seu esforço em favor do equilíbrio econômico da casa.

Isto tinha sua razão de ser quando as explorações rurais tinham que fazer vida quase independente.

As comunicações abertas passo a passo a invenção geral da indústria especializada, permitiram a chegada aos povos mais afastados de todos aqueles artigos que dificilmente se fabricavam no recalcamento liberal.

Não se pode ver os artigos que foram anulados pelo produto fabricado pelo técnico e pelo gosto modernos.

Porém existem muitos trabalhos aos quais a indústria moderna permitia que ocupam o lugar daqueles artigos quasi desaparecidos. Podem -se ocupar que adaptando-se perfeitamente aos gostos e aos usos atuais, servam



para aproveitar esta grande  
quantidade de energias que agora  $\frac{31}{35}$   
se perdem.

A organização científica da  
produção não se opõe a vida das  
las pequenas indústrias caseiras que  
requerem um poucas técnicas  
especializadas e algo de persona-  
lidade no trabalhador. Recordando  
a vitalidade que têm dado estas  
pequenas indústrias a numerosos  
povos rurais do centro do Norte  
de (Europa) Brasil. Citemos especial-  
mente a comarca de -Erzgebirge  
que inunda os mercados alemães de  
fajetas de madeira, indústria que começa  
com caráter de complemento para a  
época do mau tempo e que se tem  
convertido para muitos em ocupação  
de todo o ano.

A vida rural corresponde uma parte  
muito importante na adaptação  
daquela pequena indústria comple-  
mentar que se vai perdendo, trans-  
formando-a segundo reclamam as  
necessidades do nosso tempo.

nosso povo rural não precisa

das excelentes habilidades manuais e de sentido artístico que distingue a nossas rapas meridionais.

Ha numerosas comarcas que têm uma gloriosa tradição de trabalho caseiro complementar que se perderá para sempre si não se organizam as atividades de maneira que respondam às necessidades dos tempos modernos.

Com esse trabalho se perderá também a base econômica que sustenta a população que emigrará definitivamente aos grandes centros urbanos e industriais deixando pouco a pouco deserta e totalmente improdutiva aquelas terras de exploração insuficientemente remuneradora si não se pde o devido remedio.

A escola rural pode preparar estas adaptações do trabalho complementar de uma maneira exadente por meio das atividades conhecidas pela designação de "trabalho manual" que se vão intro-



duzindo pouco a pouco em  
todas as escolas.

Especialmente se se orientam  
no sentido que assinalam os  
princípios de educação funcional  
na ativa (escola ativa), poderão  
fazer uma magnífica preparação  
para as indústrias complemen-  
tares da população rural.

Induso, talvez, o mesmo meio  
poderia estimular a criação de deter-  
minadas indústrias, valendo-se  
de demonstrações práticas e che-  
gando às vezes à constituição de  
agrupamentos de trabalho de  
adultos e de jovens que ele dirige  
e encaserna convenientemente.

A elevação social que acarretará,  
consigo o melhoramento económico  
unido ao poder formativo do  
trabalho em colaboração para  
a iniciação nestas ocupações  
complementares será de um  
valor incalculável.

Transportado o trabalho com-  
plementar ao recesso do lar, aonde

reuniria todos os individuos da familia dando lugar ao desenvolvimento de iniciativas pessoais exerceria uma açao muito benéfica na conservaçaõ das virtudes familiares e na educaçaõ moral.

Salvo esta açao directora e impulsora do trabalho complementar poderia constituir para o professor uma parte de seu programa na transformaçaõ das classes de adultos.

Almas quantas noites de inverno dedicadas à iniciaçaõ nestes trabalhos de caracter complementar seriam seguramente de grande proveito.

Para os jovens esta iniciaçaõ constitue uma magnifica pre-aprendizagem, que mesmo pode servir - lhes para sua preparaçaõ geral humana que para começo de formaçaõ profissional, no que se faria prova de suas aptidões e inclinaçõs.



Agora, bem, que d'esse trabalho  
se poderiam desenvolver?

É um pouco difícil a con-  
tatação, já que as circunstâncias  
variam muito de um lugar  
a outro. De uma maneira geral  
pode-se decidir que todas aquelas  
operações que não exijam uma  
formação profissional especiali-  
sada nem requerem o concurso  
de maquinaria e de técnicas  
algo complicadas, podem ser  
introduzidas nas zonas rurais  
para servir de ocupação útil  
nos dias de mau tempo e nos  
serviços de inverno e nas épocas de  
descanso.

Sem embargo, há que pensar  
especialmente na vantagem que  
supõe a transformação de  
materiais primos que se produzem  
na localidade, sobretudo se o  
agricultor é possuidor exclusivo delas.

Juntamente no que se refere  
à utilização de máquinas  
e de força motriz o raio de  
ação da pequena indústria  
complementar não está tão  
limitado como a primeira  
vezta parece.

A energia elétrica, as  
móveis e contínuas chegam  
já até as regiões mais afastadas.

Ali podem mover as simples  
máquinas ou as instalações da  
indústria complementar, ofere-  
cendo um rendimento em épocas  
que permaneceriam paradas  
depois de haver-se empregado  
para os usos propriamente agrícolas.

Uma das maiores garantias  
de êxito no estabelecimento das  
indústrias complementares se  
encontra na associação adequada  
da atividade dos dias de  
descanso com as necessidades próprias



da agricultura e da criação. A manipulação de produtos da terra que em estado natural não tem fácil venda, ha de oferecer um extenso campo.

Em muitos vales do norte especialmente teremos espalhadas muitas distal pequenas industria agricola algumas das quais produzem artigos excelentes, porém definham por falta de organização da produção e da venda.

A saída que possam ter os produtos é um fator muito digno de ter-se em conta ao tratar de estabelecer um determinado trabalho complementar.

Por outra parte se deveria estimular o espirito de laboriosidade (aproveitabilidade?) no sentido de empregar as 'ocios' em melhorar as instalações e os instrumentos, em reparar as ferramentas simples, já que isto supõe evitar-se um gasto anual não desprezível.

Grande parte deste trabalho de iniciação ao trabalho rural complementar deveria ser encomendada à escola agrícola; porém como esta apenas existe a escola primária e a classe de adultos devem tomá-la a seu cargo na medida do possível. A revalorização do campo bem o merece.

#### VIII-

#### Ação social pro- arborização

A gravidade do mal exige remédio coletivo —

O problema florestal reveste em Espanha caracteres tão graves devido ao abandono que tem reinado no aproveitamento dos montes e em tudo o que tem tido relação com a arborização que se nem apresentar como questão de vida ou de morte na revalorização



sação do campo e em toda a economia nacional.

35

39

Por isto exige manuseio especial aqui. País montanhoso e acidentado e nesse, indicado especialmente para que o bosque se cubra em sua metade pelo menos, apenas tem arborização em 13% de sua superfície e todavia estende a 100 milhas.

A crise geral, a ação destruidora das aguilas em aumento cada ano exigem uma atitude enérgica.

Tem-se que ir-se em cheio na defesa e conservação dos montes que ficam (quedam?) estabelecendo uma vigilância com caracteres de polícia pública, ordenando as aproveitamentos, melhorando a qualidade das plantas existentes, transformando o material em monte limpo, e sendo possível em bosque, promovendo o reflorestamento natural.

Tem-se que empreender com toda amplitude a obra de reposição artificial; tem-se que plantar árvores, muitas árvores.

Já não é a ação duvida do Estado  
nem o esforço isolado dos técnicos  
a que pode por remedio eficaz,  
necessita uma ampla ação social  
na que todo o mundo deve  
entrar a colaborar na medida  
de suas possibilidades; faz  
falta todo um plano de  
educação e de propaganda flores-  
tal que mobilize toda a vasta  
colaboração publica indispensa-  
vel e dos conhecimentos praticos  
adequados, sem os quais o  
esforço publico poderia resultar  
ineficaz. A escola tem neste  
uma grande missão.

criação de um ensino florestal-  
- silvicultura -

Além de criar as associações  
escolares florestais a que se tem  
feito antes referencia, tem-se  
que ir a criação de um ensino  
florestal que deve ter seu assento  
em cada região, e ain talvez  
em cada comarca.



A base dos atuais serviços  
florestais, em grande medida, melhora a qualidade  
de elementos econômicos e técnicos  
dentro das escolas rurais, através de cursos  
profissionais em relação com os cursos  
escolares, e com a realização de cursos  
de férias para os professores rurais.  
Além das contratações  
para as escolas rurais, florestais, as  
atividades principais a serem realizadas  
de forma sistemática, principalmente, nas  
escolas rurais, são as atividades de  
ensino de técnicas agrícolas, especialmente  
das escolas rurais, e a formação  
de pessoal técnico especializado.

A. Cortilha florestal nas escolas rurais.  
Os professores não recebem  
em seus estudos a preparação agrícola,  
e florestal, que não precisa nas  
escolas rurais e por tanto não  
é raro que não estejam capacitados  
para dar a seus alunos o ensino  
que requer o desenvolvimento de  
trabalhos de ação florestal que  
desempenham a função de ensino.



Um meio muito adequado para corrigir este defeito seria a organização de cursos para os professores rurais nos quais familiarisarem-se em pouco tempo com os conhecimentos fundamentais e com as técnicas mais adequadas para dirigir um ensino prático em sua localidade. Porém talvez isto seja pouco esquiuel no momento e tem-se que recomendar outro meio muito mais viavel e rapido qual seja a "Cartilha Florestal".

Um livrinho de linguagem simples, com muitas gravuras, que apresentasse os problemas principais da reflorestamento e da silvicultura, deveria aparecer quanto antes nas escolas, pelo menos nas rurais; a Cartilha Florestal, clara e viva tal como é necessaria teria que ser lida ja' por todos os espanhois.

— Um bosque p.<sup>a</sup> cada escola —

Tem-se que fazer em todos os povoa-  
dos, pelo menos nos da montanha, se  
destine para cada escola um pedaco de



monte ou de terra indicada  
para arborização, onde os meninos  
possam viver de uma maneira direta  
os problemas, fazendo o ensino prático,  
aprendendo a plantar e tratar e explorar  
diversamente o arvoredo.

Assim como algumas escolas têm  
campo de experimentação agrícola, am-  
parados pelas leis (e nas is ha em  
maior numero pela falta de preparação  
agrícola dos mestres e das exigências de  
técnica e de tempo que reclamam os cultivos)  
todos os povos montanhese e talvez todos  
os rurais poderiam ter um pedaço desti-  
nado ao bosque dos meninos que eles  
mesmos deviam plantar e cuidar.

A simplicidade de técnicas não  
assustaria aos professores e o tempo que  
se deixaria aos programas seria escasso  
e se encontraria amplamente compensado  
por uma formação muito mais completa  
dos alunos.

Sociedades para o fomento da arborização

Uma ação muito interessante pode  
ser levada a cabo pelas associações  
de homens de boa vontade que se propõem  
trabalhar pela causa florestal no campo



da propaganda e do estímulo público.  
Todo o mundo sabe o quanto

habe a organização das esforços parti-  
culares q<sup>as</sup> são animados por uma  
ideia nobre, e por isto as sociedades  
para o fomento da arborização tem  
que ser ajudadas moral e material<sup>te</sup>  
pelas entidades oficialmente encarregadas  
de velar pelo bem publico e por  
tudo que seja a solidariedade  
em que todos nos encontramos ante  
um problema nacional de grande  
transcendencia.

Estas sociedades são talvez as  
que não de intervir de um modo mais  
directo e immediato na preparação do  
estado de espirito popular que se  
necessita como iniciação, divulgando  
o referente ás questões florestais por  
meio da imprensa, da radiotelephonia,  
do cinema, das conferencias das sociedades  
que rendem tributo á arvore, sem deixar  
o papel que podem desempenhar na  
preparação de concursos para premios e  
estímulos para os proprietarios e o pessoal  
florestal.



Estas sociedades poderiam ser  
sucessoras das escolares, ou bene,<sup>38</sup>  
deveriam ser estimuladas desde a escola.

- A propaganda pelo Cinema -

Dever-se-ia estimular a edição de  
filmes e a projeção de películas onde se  
apresente a vida da floresta em todo  
o seu esplendor.

Ao mesmo tempo <sup>de</sup> deveria procurar  
que nas coleções de películas instrutivas  
que já começam a ser numerosas, e  
já começam a estender-se pelas escolas  
e Centros de Cultura, figurasse amplamente  
assuntos florestais, entrando diretamente  
em <sup>detalhes</sup> assuntos técnicos de plantação, de  
exploração e de transformação de produtos  
e fazendo ver o papel que desempenha  
o monte bem cuidada dentro da  
economia geral.

Tudo isto é coisa que deve realizar-se  
principalmente por parte dos técnicos  
e propagandistas, que háo de solicitar  
repetidamente estas produções para suas  
campanhas com objecto de estimulá-las  
e de ajudar as <sup>empresas</sup>.



— As coleções de gravuras sobre  
a arvore.

Um dos elementos de divulgação  
mais alcançáveis de todo o mundo é  
a gravura, e dentro desta, o postal  
é a ~~segura~~ <sup>te</sup> forma que moderna-  
mente mais se presta para o genero  
de divulgação que requer a propaganda  
florestal.

Não é só o postal instrutivo o  
instrumento propagador que circula  
de mão em mão e influe algo  
no espirito de todos.

O afan colecionador dos  
meninos que se explora algo  
para a comunicação de determinados  
conhecimentos na escola e no lar, en-  
contra no postal uma excelente  
maneira de manifestar-se e não há  
dúvida que a propaganda florestal  
moderna aproveita-lo convenientemente.

Em coleções de postais, gráficos  
e cromos poder-se-ia apresentar a  
arvore como elemento de beleza e de  
utilidade acompanhando a gravura.



uma explicação sintética e incluso  
poder-se-ia com as certas orientações  
em silvicultura. 43

Com ele despertaria-se a amor a  
árvore e se inclinaria a uma ação con-  
veniente.

As reproduções de quadros onde se  
apresenta a árvore em sua magnifi-  
cência poderiam ser uma grande auxilia-  
da propaganda florestal.

Dever-se-ia fazer edições econômicas  
para serem vendidas a preço baixo e  
servir de ornamentação em escolas e  
Centros de reunião. Com elas exerceria  
seguramente uma educação por sugestão  
que seguramente haveria de influir  
na vida dos concorrentes, fazendo-os  
entrar de alguma maneira no estado  
de espírito geral que requer uma obra  
na qual têm que colaborar todas as  
forças do país.

## IX - A volta ao campo dos foros da cidade.

Afortunadamente nossa geração parece  
disposta a reprimir as influências perniciosas  
que exerce a cidade sobre a ~~espaço~~ vida  
de seus habitantes. Buscam-se meios para profes-  
sionar aos povoadores das cidades, elementos



de compensação à sua atividade agitada (1) e à sua artificial manjeira viver. Aproveitam os descansos festivos para ir ao campo, as praias e as montanhas são invadidas temporariamente por multidões que anseiam <sup>relaxação</sup> repouso de forças e expansão vital.

Voltados os olhos para esta natureza nutriz (2) o homem da cidade começa já a não contentar-se com saídas temporárias; querem ter sua casa em pleno campo.

Graças ao aperfeiçoamento dos meios de comunicação fazer-se possível este traslado diário, em condições de relativa comodidade desde a vivenda campestre à cidade e vice versa.

Os agrupamentos urbanos tendem a um maior grau de especialização: as cidades, serão, pareça, o centro dos negócios, do trabalho condenado, das relações sociais e culturais; a vida familiar as horas de descanso e de recreio serão ~~passadas~~ passadas por inteiro na casa de campo. Inclusive ~~o~~ a cidade aqui nem necessita de traslado - se para a cidade, qualquer um pode soltar-se em relação com todo o mundo mediante a simple



utilização simples do telefone.

Isso talvez contribua por si só a resolver, em grande parte, o problema do abandono das campos.

Porém de momento, o trabalho e o afazer da vida de relação na cidade vivendo ao mesmo tempo no campo é e será todavia, em geral, por muitos anos um luxo que só se permitirá as famílias de posses.

Enquanto ao excursionismo e à frequência com que passam temporadas no campo os habitantes da cidade, tem-se que dizer que não existe nisto, nem mais que uma preparação de espírito para acolher com carinho as coisas rurais e uma certa preparação de terreno para intentar um trabalho de reintegração no campo.

Esta reintegração no campo tem sido tentada nestes últimos tempos com a colocação de trabalhadores parados das cidades nos trabalhos agrícolas. O resultado tem sido muito pouco. Chalegamos, não que se refere aos trabalhadores adultos, quando não tem tratado de operários recém-chegados do campo, a adaptação dos trabalhadores industriais nos trabalhos agrícolas se <sup>tem</sup> feito



dificilmente. Em troca, os jovens reintegrados no ambiente rural, ainda os que se criaram na cidade, tem feito uma adaptação bem fácil.

Na Alemanha em ocasiões anteriores provocadas pela guerra estabeleceram diversas instituições de colocação de jovens no campo.

Induso os estudantes encontram facilmente ocupação sadia, remunerada durante as férias, o qual permitia cobrir prerempcionas necessidades, que a crise economica não permitia satisfazer.

As atividades de reintegração de operarios parados (desocupados) ao campo, continuam até o fecha - o mesmo em Alemanha como na Inglaterra, pelas oficinas de colocação que enviam anualmente ás explorações rurais varios milhares de trabalhadores despedidos pela industria.

Na Inglaterra, os centros de instruções e adaptação agricola de Brandon, Claydon e outros tem orientado para a Agricultura a muitos milhares de obreiros industriais, principalmente mineiros, e o



mesmo tem feito na Alemanha  
o estabelecimento de Fliegerhorst, e  
em França o de Villemur. 45

com a escola pode prevenir em  
grande parte essas crises provocadas  
pela desocupação (desemprego) antecipan-  
do-se ao trabalho das oficinas de cola-  
cação e facilitando-lhes o trabalho.

Por uma parte muitas escolas  
da cidade deveriam converter-se em  
colônias campestres de educação.

Existem nas cidades numerosas  
meninas de seis que se pudessem fazer sua  
educação no campo desenvolver-se-iam  
sadias e vigorosas. Muitas vezes têm que  
permanecer na cidade vivendo em bairros  
populosos - hacinados? faltas de sol e  
de ar puro frequentando escolas onde encon-  
tram a pureza do ambiente que lhes faz  
falta.

Estes jovens recebendo a educação  
na cidade são exclusivamente orientados  
para as atividades da cidade e que se de-  
senvolvem nos centros urbanos.

Deste modo se os lança a uma luta  
para a qual não têm forças bastante e tendem  
a sucumbir.



Cura-los, leva-los ao campo, quando se lhes exige um esforço enorme de adaptação para as actividades da cidade ou da vida industrial, não é coisa fácil. Si os jovens tivessem sido educados em ambiente campestre ter-se-iam fortalecido e poderiam prestar grande utilidade occupados posteriormente em trabalhos agrícolas ou de carácter rural.

Dever-se-ia crear, com toda rapidez, numerosas colonias campestres de educação para todos aqueles jovens de cuja vida seiga si permanecem na cidade ~~moderados~~ de ambiente insalubre.

Especialmente para os meninos e sujeitos á tutela social (orfãos, abandonados) haveria que proceder á instalação deste tipo de instituições que não consistem em ter aos alunos asilados em grandes casas no meio do campo, ~~sem~~ sem contacto efectivo com ele; com todos estes seres haveria que se praticar uma verdadeira iniciação de actividades rurais, iniciação que se aproveitaria para fazer a reintegração de valores humanos no campo. Deve-se seguir o exemplo do Tribunal Tutelar de menores e da junta provincial de Protecção



a Infância, de Barcelona que crearam as  
escolas agrícolas de Santa Maria del Vallés e  
a escola do Lar Ballaplana, que estão desti-  
nadas a fazer um magnífico trabalho de devolução  
de energias, que seguramente se perderiam na  
cidade. Ainda que permanecendo dentro dos  
limites do período de escolaridade primária  
pode-se fazer nas colônias campestres de  
educação, uma grande obra de harmonização  
econômica e social.

Uma última solução que propomos para  
a reintegração ao campo mediante a colaboração  
da escola, é a colocação temporária  
de jovens da cidade em casas de agricultores

Precisamente, em época de verão coincide  
geralmente as férias escolares com as fainas  
da colheita nos campos. Nessas ocasiões  
os agricultores necessitam uma mão de obra  
numerosa, na que os jovens podem desem-  
penhar um magnífico papel, sem men-  
cabo de sua saúde e com grande vantagem  
para sua iniciação, fácil na <sup>vida</sup> ~~condição~~ do campo.

As dificuldades com que tropeça  
a adaptação dos operários sobranceiros  
(da indústria) seriam vencidas em grande  
parte por este procedimento. Muitos dos obreiros  
que emigram para centros industriais longínquos,  
em busca de um pão incerto não permanecem  
cegos à visão de uns campos próximos que



solicitam seus braços. Como têm  
vivido sempre alheios às coisas da  
terra, não exigam este <sup>do</sup> pela efetuação  
se está somente tivessem passado  
um verão no campo, <sup>do</sup> oferecendo, tomando  
parte nos trabalhos agrícolas, seguramente  
não iriam para tão longe, cheios de  
preocupação e de insegurança; muitos  
deles deixariam espontaneamente a perspeti-  
va de um porvir incerto, para oferecer  
seus braços à terra mãe que não per-  
mite nunca que passem fome aqueles que  
inteligentemente a trabalham (cultivam).  
Para esta obra de coliciação temporária  
de jovens da cidade no campo, seria con-  
veniente uma estreita colaboração entre as  
escolas urbana e a escola rural. Esta  
última seria a que procuraria as casas  
de agricultores que mais garantias ofereciam  
para receber jovens da cidade; ella a que  
fiscalizaria que as práticas agrícolas dos  
meninos temporariamente colocados, não <sup>se</sup> aliam  
do exigido do que pudessem de bom <sup>no</sup> dar  
lhes.

Quem sabe si muitas destas colocações  
temporárias não se converteriam em definitivas?  
Disto existem já precedentes e é de se esperar  
que a estadia do jovem no campo não ficaria  
como uma simples recordação mais ou menos



espiradanel na história da vida  
de todas as maneiras, pode-se  
afirmar que o resultado desta ação em  
favor da vitalização do campo, dependeria  
do carinho, da inteligência e do sentido  
prático que nele puzerem os professores.

## X - Creação do ambiente e levador

Indubitavelmente, o lugar onde se  
vive exerce uma influência muito poderosa  
na formação pessoal. Não só as pessoas,  
o meio familiar propriamente dito, influem  
sobre o caráter e a maneira de pensar dos  
pequenos e dos adolescentes, porém também  
o ambiente material, a casa com suas depen-  
dências, sua disposição, seus arredores.

Analisando as memórias íntimas dos escri-  
tores, estudando a produção científica ou  
artística dos grandes homens, encontramos  
com muita frequência, destello (vestigio) de  
um influxo determinado que exerce a  
habitação, a casa sobre o desenvolvimento  
das ideias, dos sentimentos.

A moradia com sua disposição  
interior e com sua situação em relação com  
as coisas de fora constitui uma parte  
muito importante do ambiente da vida.  
É não só os indivíduos privilegiados



e os espiritos dotados de sensibilidade especial os que tomam do ambiente certos elementos que hão de dar caracter a suas elaborações intellectuais e a sua produção, porém sim todos estamos sujeitos a' ação poderosa das cousas que nos rodeiam e recebemos a influencia do que se oferece a' vista com certa persistencia.

A habitação da homem, a casa, ainda que não represente mais que um quadro estático das cousas domesticas e de relações decorativas e utilitárias, é algo que fala ao espirito com voz decisiva, algo que penetra na ideia e no sentimento sem que, em maioria das vezes, o individuo se dê conta.

A situação da casa, o marco da vivenda o que se descobre e se presenca desde a habitação nem o completa a influencia, operando talvez com ação mais intensa que a mesma disposição interior.

Nossas recordações, a reconstrução das cenas de nossa vida passada, podem oferecer com tanta precisão de detalhe esta relação ao lugar e as cousas que nos rodeiam que tem se que admitir o poder grande que exerce a disposição do circundante.



A casa que temos habitado nas  
sucessivas etapas de nossa existência, 50  
o pequeno mundo de formas e de cores  
que tem acompanhado nossas elaborações  
íntimas, no acesso do bar, as tonalidades  
da luz, o ar de vida, os ruídos e a música  
que tem entrado por terraços e janelas,  
tudo tem contribuído a formar o modo  
tal como o homem se comporta.

Quem quiser conhecer-nos a fundo  
que conheça a casa onde temos vivido,  
o lugar onde se desenvolveu nossa exis-  
tência, as coisas que estiveram mais em  
contato conosco.

Aquele que quiser compreender a  
produção de um pintor, de um literato  
tem que estudar os ambientes em que de-  
passou as horas de sua vida. Ao ver  
em certas zonas rurais da Inglaterra, do  
centro de Europa e de Espanha mesmo,  
familias modestas vivendo em casas  
ornamentadas com gosto, comunicadas  
com caminhos bem cuidados em um  
ambiente de ordem material, passando  
os dias em santa harmonia e elevação de  
espírito temos pensado ter diante uma  
nova do poder do ambiente de equilíbrio e  
atenção para com as coisas.



Tem-se que pensar se as famílias terão sua parte de culpa no desarranjo da casa, a falta de gosto na disposição das coisas do interior, a má situação em relação aos elementos do exterior, quando se analisem as causas de devios e irregularidades no caráter de seus membros.

Os encargos de velar pelo bem público tem que ver se o ambiente que envolve aos cidadãos é bastante propício para prestar sua ajuda à reta formação humana e aperfeiçoá-la segundo convenha.

O sacrifício de uma transformação neste sentido não significaria seguramente grande coisa ao lado das notas de harmonia, que passariam a formar parte da vida dos indivíduos e das famílias. Por isto, ao cuidar (plantea) o problema da revalorização humana no campo não ha que olvidar este elemento educativo que pode contribuir grandemente para a paz das famílias e da sociedade.



Um dos meios melhores para procurar ambiente educativo (favorável) para a população rural está em dotar de jardim a casa e a escola. Esta necessita elementos que contribuam para a harmonia psicológica dos indivíduos e é preciso buscá-los.

Pouco a pouco, vai o jardim colocando-se no primeiro plano das reivindicações da vivenda. Uma casa que não tenha um pedaço de terra onde cultivar plantas e flores onde não cresça alguma árvore é uma casa incompleta.

Um arvore ao lado da janela um tapete de verdura ou de flores de frente das habitações, adoça os momentos de folga e descanso e é sempre um motivo para dar vôo ao espírito. A escola com muita razão <sup>meses</sup> que a casa, vivenda familiar necessita de seu jardim.

A higienistas e naturalistas clamam pela companhia amorosa das plantas; os sociólogos querem que os homens encontrem espaço livre onde possam entregar-se às ocupações inocentes do cultivo vegetal e encontrar desta maneira o complemento



necessário das expansões de sua vida ordinária.

Pede-se a cidade jardim ou pelo menos um máximo de jardins na cidade coisa bastante difícil de conseguir geralmente nas grandes aglomerações. Porém graças a esta corrente, as cidades se estendem para o campo e transmitem a este os elementos de progresso que nelas se desenvolvem primeiramente.

Realmente quasi não se conhece uma casa algo completa sem jardim. O lar ou o bairro necessita dele como o corpo necessita de seus órgãos essenciaes.

Sem jardim, a casa a barriada? - - não respiram convenientemente; a vida nelas não é completa.

Dever-se-ia passear entre flores pelo menos <sup>uma vez por dia;</sup> nada deveria acostar-se sem contar o haber da jornada, um cuidado para <sup>com</sup> uma planta. O contacto com as plantas cura a excitação que produz nossa vida (moderna e tempera?) nosso espirito na placidez e no equilibrio.

Pois bem; si as pessoas adultas necessitam do jardim para repor forças e para vencer os desequilibrios fun-



cionais de sua vida artificializada  
muito mais necessitam d'ele os meninos | 52  
que estão em período de desenvolvimento  
de suas energias e de suas funções vitais.

A vida reclusa que se faz nas habi-  
tações, o sedentarismo, a falta de espaço  
e de contato com os elementos natu-  
rais que são fonte abundante de vigor  
e de plenitude, condena as criaturas  
ao raquitismo e ao desequilíbrio. Por isto  
as escolas devem ter como elemento principal,  
amplas jardins.

- O campo e o ambiente para a vida  
e a Educação geral

O ideal seria que os meninos vivissem  
no campo que é o lugar onde podem crescer  
amplamente ao puro sol abundante e vida  
de atividades simples, bem ao alcance  
de sua compreensão e completamente  
de acordo com suas necessidades de desen-  
volvimento e de formação integral.

As instituições de educação deveriam  
estar todas situadas em pleno campo  
ainda que as exigências que traz consigo  
a aglomeração urbana e os inconvenientes  
que acarreta a separação dos meninos de



sua família para levá-los ao campo  
permanentemente ~~para~~ <sup>para</sup> derivar a solução  
no sentido de dotar amplamente de jardins  
todas as povoações e todas as escolas.

Efetivamente, as cidades conhecem  
já amplos zonas de parques e de casas  
com jardim que lhes dão ambiente  
natural, em paralelismo com os  
bairros centrais do tráfico, dedicados  
exclusivamente à vida dos negócios  
e do trabalho.

Porém o jardim <sup>de</sup> que necessitam os  
meninos não é precisamente aquele  
que agrada aos adultos.

Esses canteiros impecavelmente  
cuidados, esses caminhos tão bem traçados  
e cultivados conservados onde pode-se  
só contemplar e admirar, onde apenas  
<sup>uma</sup> pode sem pôr os pés sem que se altere  
a ordem imposta pelo jardineiro, não con-  
stitue nem é muito menos um lugar apro-  
priado para a expansão dos meninos.

As populações poderão ter jardins  
destinados a fins predominantemente  
decorativas; porém não deve faltar lugar  
para uma educação verdadeiramente



ativa e é muito difícil de obter dentro  
das grandes populações.

Os meninos necessitam dispendir  
energias em jogos que apresentem formas de  
trabalho, tem que despertar suas aptidões  
latentes mediante atividades que estejam  
bem próximas de sua vida rudimentar.

Seu desenvolvimento intelectual o  
reclama, a preparação de uma vida  
harmonica o requer. O homem pratico  
o que sabe conciliar ideias realizaveis  
e realizar as ideias concebidas, começa  
a <sup>formar-se</sup> formação com as pequenas rea-  
lizações dos jogos desde a primeira idade.

As construções dos meninos, os jogos  
os tijolos, as pontes, que com tanto gosto  
fazem na terra e na areia os pequeninos  
são algo assim como o ensaio das construções  
futuros, algo que prepara tudo que seja  
realização e criação. As atividades da  
vida simples do campo são o passo  
obrigatório para as atividades da vida  
moderna e complicada.

O ambiente ~~que~~ que hade poder  
realizar-se com maior eficacia e  
vida educativa está indiscutivelmente  
no campo. Ali é onde poderão os  
pequenos cultivar suas plantas, trazer



seus caminhos e fazer suas construções. Ali se formarão em harmonia funcional, ali devem ficar, o maior tempo possível.

Porem tem-se que elevar e aperfeiçoar o ambiente rural, não precisamente para os que vêm da cidade mas sim principalmente para os que no campo vivem permanentemente.

Tem-se que começar por fomentar o respeito á arvore e á utilização do vegetal para ornamentação, o qual tem no campo geralmente bastante a desejar.

Em todo tempo a arvore e as flores, a folhagem das verdes copas e das trepadeiras têm dado motivos decorativos de primeira força para elevar (educar) o ambiente dos lugares em que vive o homem. Com sua variedade de formas e tonalidades, a arvore adornou as vilas romanas e tam-  
bem os claustros medievais, permitindo inclinar o espirito para os gozos terrenos ou para a contemplação mística graças a suas multiplas combinações possíveis.

A arte pictórica tem tirado valiosos recursos da conjugação harmônica



de casa e plantas. Uma casa sózinha,  
sem acompanhamento de folhagem  
de árvores, de trepa-deiras, de flores, da  
impressão de um quadro incompleto. (1)

(1) É muito possível que em nossa apreciação  
estética, ante um quadro desta natureza,  
influam fatores psico-biológicos, subjetivos  
que nos levem a estabelecer relações pessoais  
com a realidade representada e então  
nosso juízo sobre o quadro, seja mais uma  
manifestação de nossos ideais de vida do que  
se refere à casa. O quadro, considerado  
desde o ponto de vista ~~estético~~ estético  
talvez seja perfeitamente completo, e só  
a casa representada como tal traz-nos  
para consideração uma vivenda que para  
nossa vida seria insuficiente. Porém, de  
todos os modos o contraste entre as linhas  
geométricas de uma edificação, com as formas  
imprecisas e variantes que proporcionam  
as árvores e as plantas é um elemento  
estético de primeira ordem. Que o digam se  
não as produções de tantíssimos desenhistas  
e pintores, que não têm sabido prescindir  
dele para dar vida e beleza às casas  
que crearam com o lapis e o pincel.)



Seja o que for, as plantas consti-  
tuem uma companhia inseparavel  
do homem equilibrado e sensivel a  
beleza e contribuem a uma sugestão  
educativa para a harmonia.

Por isto o campo, e especialmente  
a escola rural, deveriam preocupar-se  
mais pelo elemento decorativo das plantas.  
Do cuidado das plantas para fins  
de embelezamento derivar-se-iam muitos  
outros cuidados para fazer mais  
educativo e elevado o ambiente do campo.

Outro aspecto muito interessante  
é o de higienização das viviendas e  
dos povoados rurais. Si no campo, os  
povoados e as casas forem suficientemente  
higienicas e agradaveis, não só se  
obteria um bem estar fisico porém ao  
mesmo tempo favorecer-se-ia o desenvol-  
vimento normal da vida rural e o campo  
seria foco de atração em vez de lugar de  
dispensão. Todo este aperfeiçoamento  
do ambiente obter-se-ia mediante  
exemplo e uma cultura pratica, dirigida  
a tirar partido dos recursos que se ofe-  
cem aos camponês para conseguir em suas  
coisas, ordem beleza e benefícios.



Não há que destacar o papel  
que a escola tem que desempenhar  
nesta ação de exemplo e na somatória  
desta cultura.

49

55

## - 2ª Parte -

### Trabalho de formação profissional

#### I - As exigências do trabalho agrícola

a) As funções delicadas e especializadas  
da moderna agricultura -

É bem corrente, incluso entre os mesmos  
agricultores pensar que para cultivar a  
terra e criar gado não se necessita aptidões  
especiais nem qualidades um pouco seletas  
e que são coisas que as pode fazer qual-  
quer um. Em realidade, basta? faz  
muito pouco, tinha justificação esta descon-  
sideração pelo trabalho agrícola; porém  
em nossos tempos, em que as técnicas  
da agricultura tem se complicado extraor-  
dinariamente e a ciência entra a presidiar  
os trabalhos de exploração rural, tal justificação  
já não existe.



A maquinaria, as manipulações químicas, os tratamentos biológicos, a industrialização, a organização científica transformam radicalmente as funções da exploração do campo. Se bem que desta transformação resultam certas atividades muito pouco exigentes em inteligência e em qualidades pessoais, em troca, outras se tem feito muito delicadas e são propicias para o aproveitamento de dotes individuais relativamente elevados.

At mesmo tempo a agricultura começa a permitir um pleno desenvolvimento da especialização com o qual os indivíduos não se apreciam por seu valor quantitativo, mas sim por suas aptidões específicas e seu valor qualitativo.

Com isto, as questões de pesquisa pessoal de preparação e de distribuição deste entre as diversas atividades, segundo as aptidões naturais e sua formação profissional, adquire uma importância grande. Se bem que a Agricultura em suas atividades simples pode aproveitar talvez melhor que outros ramos da



Produção, o esforço de capacidades  
muito limitadas (meninos, inválidos, velhos) 54  
enfermas) até o ponto que se utiliza  
uma vez (mais como meio de educação  
geral e de citacion a exploração  
agrícola moderna. Tem funções de grande  
responsabilidade e trabalhos que não se  
podem confiar a qualquer um.

O agricultor não é nada mais que  
um empregado que tem que fazer produzir  
para sua "Empresa" um rendimento remunerado,  
do esforço que ele põe nela e remunerado  
dos esforços de todos os que com ele cola-  
boram. Por outro lado, os gastos  
de pessoal representam uma parte tão  
elevada dentro dos gastos de exploração (  
por termino meio se calculam em 40 %  
dos gastos de exploração) que bem merecem  
a preocupação para reduzi-los, procura-  
do que este pessoal seja mais adequado  
para obter um bom rendimento. - 3

Si considerarmos as funções  
diretivas da exploração agrícola, vemos  
que são de grandes exigências em quali-  
dade de pessoal. Em igualdade de  
importância e de pessoal ocupado, as  
explorações agrícolas são de direção mais



difícil que as empresas de outros tipos, já que nelas tem-se adaptar a uma serie maior de circunstâncias variáveis e por geralmente aun nas grandes mais especializadas, tem que regir maior variedade de trabalhos e de operações ou pelo menos tem que regir estas dentro de uma maior variedade de circunstâncias.

O chefe de uma exploração agrícola de alguma importância, ademais de um bom estado de saúde geral e de tenacidade física e' bom que tenha um grau elevado as seguintes aptidões de caracter psíquico:

- 1 - Intelegência geral - Facilidade para compreender e para resolver as situações
- 2 - Iniciativa. Espírito de expansão <sup>novas</sup> vital que o estimule ao desenvolvimento economico.
- 3 - Previsão - Poder de atuação presente com vital ao futuro.
- 4 - Laboriosidade - Resistência a' fadiga
- 5 - Pontade firme: Resolução
- 6 - Atenção (distribuida para atender a varias coisas de uma vez, porem concentrada seguindo a importância do objeto de interesse.



- 7- Dom de observação. Sentido do importante.
- 8- Memória - especialmente para fatos e situações.
- 9- Serenidade - Domínio de si mesmo. Pouca excitabilidade para não traçar dental.
- 10- Firmeza de espírito. Amplitude e flexibilidade no assessoramento e unidade de de critério na realização dos planos.
- 11- Elevação de vista. Espírito de justiça (especialmente para as relações com o pessoal).
- 12- Dom de gentes. Compreensão humana.
- 13- Sentido de ordem. Espírito de organização, de colaboração de coordenação.
- 14- Sentido econômico. Facilidade de despoção das coisas para o devido aproveitamento de materiais, de tempo, de energia, de dinheiro.
- 15- Facilidade de compreensão técnica.
- 16- Sentido prático.

O chefe de uma exploração pequena em o "pequeno agricultor", deveriam ter, em grande parte, as mesmas qualidades dadas que se possam exigir em pequena



grau e algumas delas poderiam  
inclusive estar ausentes, tais como as  
assinaladas com os n<sup>os</sup> 10 e 12.

5. Boa troca podem revestir formas  
especiais algumas, como o sentido  
"economico", que pode tomar caracteres  
de espirito de ~~...~~; a atencao que pode  
ser menos distribuida e mais concentrada;  
a iniciativa que pode deixar lugar  
para a facilidade de contrair habitos  
e de automatizar-se (para determinadas  
atividades em que o agricultor e ao  
mesmo tempo diretor executor do trabalho).

6. Aos capitazes, mordomos (fiscaes)  
e pessoal diretor de segunda categoria  
dever-se-ia exigir as qualidades enun-  
ciadas anteriormente, ainda que muitas  
possam ser atenuadas. Tudo mostra  
a necessidade de selecionar e de  
formar pessoal capacitado.

Indubitavelmente, de frente de  
numerosas exploracoes agricolas, grandes  
e pequenas, existem pessoas que aistem  
muito de ter as qualidades que aca-  
bamos de assinalar, porem, al<sup>em</sup> esta  
um dos principais males da Agricultura



que devemos procurar remediar. 58

## b) O operário agrícola — 59

Compreenderemos sob a expressão global de "operário agrícola" em primeiro lugar, a categoria de trabalhadores do campo não especializados, que estão geralmente às ordens imediatas de um capataz ou de um obreiro qualificado, ou bem atuam como auxiliares diretos do pequeno agricultor e se dedicam regularmente às atividades de peões (braçais) passando de um trabalho a outro dentro da grande variedade de trabalhos da exploração.

Com explorações importantes, estes obreiros constituem a brigada moral, e em todas são os jornalheiros (diaristas) que executam os trabalhos mais penosos.

Estes trabalhadores necessitam antes de tudo, integridade funcional e robustez física; bom sistema circulatório, bons pulmões, bom sistema muscular, força, tenacidade, resistência às temperaturas extremas, sem os quais seu rendimento pode ser notavelmente diminuído.



Porém também é conveniente  
que tenham:

1) Inteligência para interpretar ordens  
e seguir as instruções, especialmente de  
quem tem a autoridade superior ou dos chefes;

b) facilidade de adaptação e de  
automatização dos movimentos;

c) força e resistência, resistência à  
fadiga e ao calor;

d) Equanimidade (paciência) ante  
as circunstâncias adversas (maiores ou  
menores condições de trabalho);

e) Memória (especialmente de tipo visual);

f) - Respeito à vida, compreensão  
biológica, especialmente do desenvol-  
vimento dos animais e das plantas.

Para obter gente destas qualida-  
des necessita alimentação e gênero de  
vida adequados, cultura e seleção  
profissional.

Nas explorações agrícolas geralmente  
existem outras categorias de trabalhadores  
que não necessitam uma formação  
especializada. Entre elas tem que  
contar primeiro ~~os~~ que se dedicam a



153  
60  
a funções auxiliares várias, os "invoços", que ficam às ordens diretas dos chefes, dispostos a qualquer eventualidade (recados, arreio de animais de tiro ou de sela, limpeza) etc. Estes indivíduos têm que ter um certo grau de inteligência geral, com algum predomínio da esfera verbal, boa memória, rapidez de reação (movimentos), facilidade de assimilação intelectual e de adaptação motriz, ademais além de um bom estado de saúde e de integridade dos órgãos.

Logo vêm os trabalhadores eventuais que acodem em determinadas épocas, especialmente em momentos agudos, em que a exploração tem necessidade de reforço de pessoal. Ainda que geralmente se trata de operações circunscritas, são tarefas simples auxiliares (colheita de café, apanha de algodão) que não necessitam de aprendizado etc.

Desde o ponto de vista do rendimento, seria muito interessante fazer uma seleção deste pessoal, procurando indivíduos de movimentos rápidos, de habilidade manual, automatizáveis



que tenham boa visão  
com alguns casos a curta  
duração dos empregos desta classes  
apenas pagará o trabalho de  
seleção científica; porém nunca  
estará sera demais distribuídos e  
prepara-los de modo que se aproveite  
melhor suas capacidades pessoais,  
mientras se organiza de tal maneira  
a vida rural que permita a  
ocupação permanente e a estabele-  
zação do pessoal.

— c) As especialidades profissionais  
agrícolas —

Não nos referimos aqui ao  
pessoal diretivo das explorações  
especializadas porque se estudou  
anteriormente de uma maneira indireta  
ao tratar do pessoal diretivo em  
geral.

As condições daquele que dirige  
uma exploração agrícola seja esta  
do caráter que seja, são muito parecidas,  
por isso aqui tem se que tratar do  
agricultor, do fruticultor, do viticultor



do cerealista enquanto realizadores do trabalho próprio destas especialidades da produção.

O chefe das explorações horticolas, frutícolas, vitícolas, etc., necessita primordialmente as qualidades que se assinalaram antes para os chefes agrícolas em geral, em maior ou menor grau, segundo a importância da exploração e o que nos interessa agora é o horticultor, o fruticultor, etc., enquanto atuam diretamente nas cousas próprias destas especialidades, seja como diretor ou como operário.

Assim se nos oferece a seguinte serie de aptidões específicas para cada uma das especialidades:

- Fruticultor e Viticultor:

visão normal - Espírito de observação

Facilidade de compreensão e de adaptação

Sentido das formas do espaço - Inteligência

especial - Memória visual - Percepção das cores

Habilidade manual - Resistência à fadiga

Resistência ao calor.



## Horticultor e Fruticultor

Visão normal - Espírito de observação  
Atenção distribuída, ainda que concentrada  
Sentido da forma e dos espaços - Facili-  
dade de compreensão - Aptidão mate-  
mática, geométrica - Inteligência especial  
Sentido da cor - Boa percepção das cores.  
Gosto artístico - Sentido da escala  
Memória de formas e de tonalidades  
Habilidade manual.

## - Cerealista -

Visão normal - Espírito de observação  
Diferenciação de tonalidades - Sentido  
da forma e do espaço. Aptidão mate-  
mática - Sentido muscular - Apreciação  
de pesos, resistências e momentos -  
memória visual - memória cinestésica  
Resistência à fadiga -

## Profissões pecuárias

Ainda que dentro destas profissões  
haja várias especialidades (pastor,  
vaqueiro, vaqueiro propriamente dito, moço



de trabalho (estabilidade) sem contar as m-  
- de indústria derivadas, existem determinadas

de estabulo (leiteiro) sem contar as m-  
- de indústria derivadas, existem determinadas  
aptidões próprias para as que têm  
trato com animais - Assim pode-se  
dizer que as profissões pecuárias têm  
como exigência distintiva as expressadas  
e continuação:

- Agudeza visual - Sentido muscular - Sensi-  
bilidade tátil - Domínio (inibição) dos  
movimentos involuntários - Memória visual
- Inteligência geral - Compreensão da  
vida animal - Pouca excitabilidade
- Paciência - Resistência à fadiga -  
Sentido de ordem e de limpeza - Sentido  
da feição plástica.

### Profissões auxiliares

Ficam na exploração agrícola uma  
série de atividades, que não são de  
caráter propriamente agrícola nem  
pecuário, porém que terão de merecer  
atenção para que sejam desempenhadas  
por quem tenha aptidões para elas.



São as de maquinista agrícola  
chauffeur, carpinteiro, ferreiro etc —  
entretanto como estas profissões  
são tratadas com alguma extensão  
em estudos de psicotecnia e de orien-  
tação profissional científica de caráter  
geral, não é necessário dedicar-lhes  
um lugar aqui —

---

## II - A distribuição do pessoal agrícola

a) a orientação das aspirações  
da juventude rural.

Influída seguramente pelas  
crises que pesa sobre a agricultura  
a juventude dos campos se desinteressa  
demasiado pelas coisas da terra e  
da vida rural, e, ao tomar como  
profissional, pensa muitas vezes  
mais na série de atividades que  
se desenvolvem principalmente nos  
centros urbanos do que nas do meio em  
que vive. Isto acarreta um grande



problema para a Agricultura, porque aquele que se sente com forças para as lutas da vida das cidades, abandona o campo. Desta maneira as explorações agrícolas perdem grande parte da melhor gente que nasce e se cria à sua custa.

Já se tem dito anteriormente que a cultura que recebe a juventude rural não é a mais adequada para fazer amar as coisas agrícolas; que os programas da escola primária compreendem ~~inuito~~ ~~mais~~ coisas de Literatura e de História que de Ciências Naturais; que os alunos ouçam falar ~~bastante~~ <sup>muito</sup> mais de Arte e de batalhas que de problemas da vida rural que se desentolda ante eles.

Tem-se que despertar o amor às coisas do campo pelo conhecimento um pouco científico que delas <sup>se</sup> possa adquirir através da escola primária.

Porém esta tem que ser ajudada por outros elementos. Nesta época em que tanto interessam aos jovens os inventores tem-se que dar a conhecer as invenções



consequida em terreno agrícola, por todos os meios ao alcance. Os exemplos de industrialização, de organização científica, de sistematização no emprego do pessoal, tem que ser decisivos. Se os centros do <sup>comercio</sup> tráfego e de indústria deslumbram geralmente aos jovens camponeses atraindo-os com força fascinadora, é devido em grande parte a que se oferecem ~~com as galas da modernidade e do desenvolvimento~~ ~~os trabalhos agrícolas metodizados e cientificamente organizados~~ com as galas da modernidade e do desenvolvimento da potencialidade humana.

Si vemos que parecidas galas podem ser ostentadas pelos centros rurais quando as explorações agrícolas são organizadas cientificamente e que de seu próprio ambiente possam fazer amplo desenvolvimento de suas capacidades de seguro, a sugestão das cidades seria muito menor.



Por isto é conveniente que por todas as vias que oferece a cultura e a difusão dos meios de informação, a juventude rural se penetre do que é e deve ser a vida industrializada e modernizada dos campos que veja as possibilidades de desenvolvimento que se <sup>lhe</sup> oferecem com o trabalho agrícola <sup>metodizado</sup> e cientificamente organizado. Uma ação da escola profissional e das obras complementares de divulgação dirigida neste sentido se impõe a <sup>u</sup> todas luzes.

Mesmo <sup>quando</sup> que na primeira parte já se tenha falado do problema ~~tem~~ <sup>se</sup> que fazer uma menção especial no que se refere à mulher.

Todo o mundo sabe que existem regiões onde as mulheres realizam muitos trabalhos agrícolas rudes e pesados.

Quase não tem-se que assinalar a inconveniência de que a mulher leve a cabo tais trabalhos. O sentido comum é quasi suficiente para dizer-nos que



que a mulher não está adequada

para as ocupações em que predomina  
os movimentos dos membros superiores

Os estudos ~~de~~ mentares da economia  
norma do esforço feminino nem  
além disso confirmar nos que

é precisamente nestes trabalhos onde  
a mulher pode fazer trabalho de reu-

dimento; porém sem nas ocupações em  
que se necessita rapidez de pequenos mo-

mentos das mãos e aptidões de  
ordem, de organização de detalhe e de

economia doméstica. A exploração  
agrícola dá lugar a muitas destas

ocupações nas que a mulher poderá  
desempenhar um magnífico papel.

A mulher ha de colaborar  
muito intimamente no desenvolvimento  
da exploração sem sair do raio de

ação que lhe confere o sexo.  
O homem <sup>do melhor modo</sup> trabalhará na terra  
todo o bem que se deseja e levará a  
direção da empresa com êxito que suas  
capacidades lhe permitam; si a mulher  
não está em casa possuída de



forte espírito coordenador, que vigie os detalhes para rematar a obra nos possíveis defeitos, a exploração não pode andar bem.

As coisas do interior da casa cuja direção corre a cargo da mulher estão intimamente ligadas com as de fora. Como diretora de um setor importante na exploração rural a mulher tem que desempenhar funções delicadas de administração e de coordenação, e o agricultor chefe da exploração ha de procurar a colaboradora que possua as qualidades necessárias para desempenho destas funções.

Como operaria, a mulher será uma insubstituível em pequenos trabalhos que requeiram rapidez de execução manual, automatismo, constancia, sem exigir grande esforço muscular.

Tanto em umas funções como em outras, o papel da mulher na exploração agrícola é muito importante e a tarefa selecionadora e formadora ha de merecer atenção muito acentuada.



## B - A procura de pessoal para a exploração agrícola -

Dado que para cada tipo de trabalho de exploração agrícola se requer determinadas qualidades e aptidões, é preciso ver se os que se oferecem para ser ocupados nestes trabalhos as possuem.

Nos núcleos urbanos de alguma importância funcionam umas oficinas laboratoriais de orientação e seleção abertas ao público onde acodem os jovens e mesmo os adultos a provar suas aptidões e informar-se sobre suas capacidades com objeto de pedir conselho sobre o tipo de atividade profissional que melhor lhes convenha.

Também acodem a elas os chefes das empresas para auxiliá-las de selecionar o pessoal que necessitam empregar. Nestas oficinas laboratoriais se costuma submeter aos indivíduos a um exame medico-fisiológico



e a umas provas psicotécnicas 67

de modo que nos processos científicos se determina quais os indivíduos que <sup>se mantêm</sup> encaixam melhor com os trabalhos para os quais se deseja a pessoal.

No campo existe grande inconveniente em utilizar os serviços destas oficinas-laboratórios públicos devido à distancia que costumam estar as explorações agrícolas e serão muito poucas as empresas rurais que possam ter um serviço próprio de seleção de pessoal com laboratório e técnicos especializados como o têm muitas grandes indústrias.

Tal vez se possam utilizar as oficinas laboratórios ambulantes de orientação e de seleção que têm começado a funcionar e alguns países.

De todas as maneiras para os casos em que não se possa dispor do serviço especializado será bom que o chefe de exploração agrícola ou o encarregado de admitir o pessoal tenha uma preparação que lhe permita seleccionar este de uma maneira algo científica e



distribuí-lo entre as diversas ocu-

parações da empresa segundo as aptidões. Neste trabalho será auxiliado pelo médico pd que por sua profissão tem uma preparação fundamental para esta classe de trabalhos.

Com embargo a ação organizada e ainda acidentalmente aproveitadora das energias humanas no campo não termina com a seleção e a colocação de cada um no caminho de atividades que melhor se adaptem com suas aptidões naturais. Na maioria dos casos tem se valorizar estas com uma preparação especializada.

### III - A Valorização das Aptidões

a) As aptidões naturais e seu aproveitamento

Com regra geral, não basta que os indivíduos possuam determinadas qualidades e aptidões naturais para certos trabalhos. Com ele tem-se a garantia de que possam adaptar-se facilmente às ocupações em questão.



de que poderiam chegar a obter 60  
68  
mais facilmente que os demais um  
rendimento elevado; de que adquirirão  
com certa rapidez as técnicas consi-  
deráveis.

Porém a maioria das operações  
agrícolas são o suficientemente complicadas  
para necessitar aquisição prévias,  
conhecimentos, hábitos adquiridos.

Muitos acreditam que os traba-  
lhos do campo, tanto os do exterior  
como os do interior da granja, são tão  
simples que basta pôr-se a mão neles  
para fazê-los bem. Porém o certo é  
que possuindo dotes de inteligência e  
aptidões naturais especiais, é necessária  
uma preparação que valorise estes fatores  
pessoais, dispondo a atividade de modo  
que se contem ao indivíduo os recursos  
e táticas úteis.

Precisamente por não haver se  
preparado suficientemente por esta pre-  
paração, a agricultura sofre mais aguda-  
mente a crise, e a qual  
se encontra mais atrasada que outros  
ramos da produção.



Como se disse antes existem nas explorações agrícolas funções muito delicadas tais como as de direcção e de organização para as quais não basta possuir dotes naturais, porém também que faz falta uma esmeradíssima preparação profissional. Da mesma maneira existem trabalhos especializados que requerem técnicas adquiridas em um aprendizado esmerado ou em uma documentação precisa.

b) a profissão tradicional e a aquisição das técnicas novas —  
A agricultura vem oferecendo desde antigamente uma das mais puras manifestações do sistema de transmissão de práticas de pais a filhos. O aprendizado agrícola tem vindo até agora limitando-se quasi á aquisição da tradição do ofício.  
Efetivamente muitos cultivos são levados a cabo como se tem visto fazer sempre; muitas operações relativas



a criação de animais, a transformação de produtos se fazem todavia | 69

em grande parte sob a influência dos conselhos e das máximas populares. É muito de estimar a influência desta espécie de sabedoria rural rudimentar que se tem formado no curso dos anos e dos séculos que chega a nós como produto de larga experiência e de toda uma ciência primitiva. Porém hoje não basta nem muito menos.

Os chamados "experimentados", ou seja os que levam uns quantos anos de prática boa ou má se doem de que se lhe retifique em seus costumes de trabalho.

Com realidade, merecem toda a classe de respeitois parte parte dos que falam em ~~homens~~ <sup>nome</sup> da ciência dos que trazem descobrimentos proveitosos no campo da investigação e das aplicações agrícolas. Si é que fazem as cousas tão bem como sabem e trabalham com sinceridade e unção.

Porém já não podem ser mestres como o foram antes; não podem encarregar-se da formação profissional da juventude.



É certo que ha entre a gente formada nas praticas tradicionais quem se adapta facilmente ás cousas novas, quem sabe retificar constantemente seus pontos de vista ao encontrar-se com elementos novos.

Por eles pode vir uma grande parte da renovação e o aperfeiçoamento da vida rural; poderiam ser bons iniciadores dos juvenis agricola.

Porém são escasos e mesmo eles precisam preparar-se previamente.

Ademais está demonstrado que existe uma certa incompatibilidade entre o trabalho produtivo, cujo objeto é o rendimento e o trabalho de ensino; que uma coisa é produzir e a outra é ensinar a produzir e que deve ser objeto de ação especial, bem determinada a preparação profissional agricola. Só no caso em que se dedique uma ação especial com precauções e elementos científicos, a formação do agricultor responderá ao que demandam as necessidades de nossos tempos e se terá o mais poderoso elemento de valorização do campo.



## c) O problema da formação dos trabalhadores

Como causa previa para a educação dos trabalhadores tem-se que fazer efetiva a obrigatoriedade do primário e mesmo adotando, mais que meios corretivos, o estímulo e o auxílio econômico das famílias que se vêm obrigadas a utilizar os filhos antes de terminar o período escolar.

Este auxílio econômico deveria fazer-se assinando becas de estudos primários e instituindo obras tais como as cantinas escolares, os roupeiros, etc, mas que se trata aos jovens como tutelados sociais e não como submetidos à caridade dos poderosos.

Paralelamente, deveria tender-se ao prolongamento do período escolar pelo menos até os quinze anos trazendo no possível, a entrada de jovens nas ocupações de tipo automático mas que se embota sua inteligência quando deveria ser mais estimulada ao desenvolvimento.

Assim o último período de obrigatoriedade escolar poderia dedicar-se à formação profissional adotando o sistema



de iniciação em uma série ampla de atividades básicas que deram uma preparação fundamental para a maioria dos trabalhos industriais nos grandes centros urbanos e de concentração industrial e agrícolas nas zonas rurais.

Passado o período de obrigatoriedade escolar tem-se que dispor toda a série de obras de extensão cultural como são conferências de divulgação científica e social, cursos, sessões de cinema educativo com sua parte recreativa, etc.

As empresas agrícolas e as associações de agricultores têm de colaborar decididamente nestas obras de extensão cultural fomentando a organização de atos formativos e desportivos dotando os trabalhadores de salas de leitura onde se ponha à disposição a imprensa diária de todas as matizes e as revistas de caráter geral e profissional que mais possam satisfazer os interesses dos leitores. Por todos os meios ao alcance procuras-se



fomentar a constituição de clubes  
obreiros para representações teatrais  
nocturnas (soirées) artísticas, excursões e  
viagens.

No extermínio das atividades culturais  
dos trabalhadores poderão tomar  
uma parte muito importante, ademais  
alguns dos próprios agricultores, os que tenham  
a seu cargo missões educativas e  
instrutivas nas escolas profissionais  
de primárias.

De todas as maneiras procurar-se-á  
deixar os grupos de trabalhadores deixar  
aos grupos de trabalhadores que possam  
constituir-se, o desenvolvimento de suas  
próprias iniciativas. Precisamente o  
fomento destas iniciativas e a facilitação  
de meios para levá-las a cabo é  
o que ha de fazer-se por parte dos que  
têm a responsabilidade da elevação  
de nível cultural do trabalhador.

Formação profissional  
Salvo raras exceções, deverá procurar-se a formação profissional que se  
faz geralmente por imitação espontânea



praticada nos mesmos lugares de trabalho, sem organização.

Toda formação profissional deve organizar-se segundo um plano prévio. As empresas industriais começam a ter já planos de aprendizagem mais ou menos racionalmente organizadas, os métodos que empregam costumam ser de iniciação rápida nos trabalhos próprios da exploração.

Dão ao interesse da empresa e por este costumam ser demasiado especiais e unilaterais; por um suas iniciativas podem ser perfeitamente imitadas pelas empresas rivais.

As corporações e associações profissionais que se ocupam da formação profissional dos trabalhadores costumam ter uma organização melhor que as empresas particulares.

Dão uma preparação mais ampla e mais sólida. Seus métodos têm a grande vantagem de ser geralmente práticos, ainda que muitas vezes os planos de ensino não prestem



bastante atenção para a formação humana. Os organismos públicos, o Estado, a Província, o Município, pelo comum, têm sistemas bastante eclecticos; porém as vezes estão demasiado burocratizados e algo alheados dos problemas práticos. Costumam ter o inconveniente de oferecer títulos e diplomas que os alunos buscam às vezes com mais interesse que a mesma preparação profissional.

Este defeito, sem embargo, se pode corrigir com uma renovação do espírito dos centros de ensino, para nos que todo o professorado deve inculcar com insistência que não é a prova escrita reconhecimento do mérito diplomado, a que vale ainda a preferência a capacidade para atuar e produzir. Também se contribuirá para o desaparecimento do burocratismo dos centros de ensino profissional concedendo os títulos e diplomas exclusivamente aos que tenham demonstrado com fatos a preparação correspondente.

Como defeito comum a maioria dos centros de formação profissional tem-se que assinalar que raras vezes se encontram todavia aplicados os métodos modernos de



aprendizado é dizer os que seguem  
uma sistematização psicofisiológica  
nos processos de iniciação nas ativi-  
dades dos ofícios.

Objeta-se que os métodos  
nacionais de aprendizagem e em geral  
todos os sistemas nos que não vai  
rapidamente a produção de artigos  
de valor comercial resultam excessi-  
vamente caros.

A isto tem-se que contestar que  
não está reñida a sistematização  
psicofisiológica do processo de aprendi-  
zagem com a produtividade do trabalho  
do aprendiz.

Pode-se muito bem atender  
a finalidade utilitária da obra em  
si dentro de uma organização  
científica do curso da iniciação  
do aprendiz.

Preciamente a ideia de que  
trabalho que tem o aprendiz entre as  
mãos ha de servir para algo utilitá-  
rio, o estimula a esmerar-se e a  
fazer mais curto o periodo de  
iniciação. A finalidade sentida, o  
objetivo desejado faz que o aprendiz



trouha em jogo todas as capacidades  
habilidades e seu desenvolvimento seja  
mais intenso. 43

2) Condição <sup>na</sup> primeira condição de uma boa aprendizagem está na <sup>que</sup> o indivíduo tenha além da aptidão natural correspondente gosto e interesse pelo trabalho que ha de aprender. Si não o possui na medida que exige o esforço de aprendizagem é preciso despertá-lo com estímulos e abacantes que falem a sua espontaneidade, a seus ideais, a seus desejos.

Como segunda condição, há de se ter a de que o aprendiz saiba o mais exata e claramente possível que é o que tem que fazer e logo como o tem que fazer.

A falta de conhecimentos da finalidade do trabalho que ha de aprender-se, a imprecisão sobre os objetivos da atividade, diminuem o interesse do aprendiz multiplicam os tanteios e dificultam as autocorreções e as soluções. Para evitar isso ha de explicar-se claramente o objeto do



## Trabalho em questão

As explicações sobre a indole do trabalho e a maneira de realizá-lo devem ir preferentemente acompanhadas de demonstrações; as instruções devem ser no possível escritas e ilustradas com gráficos pelo menos quando se trate de coisas algo complicadas.

As cifras, as cotas, os dados concretos estampados sobre o papel têm um grande valor normativo; muito mais que os conselhos e as recomendações orais.

Como se pode ver, falamos aqui de aprendizagem no sentido de iniciação a uma atividade, a uma operação ou a um trabalho determinados. O sentido comum da' como regra, que se deve proceder do facil para o difficil, é dizer que se deve começar por praticar a parte mais simples do trabalho ou da profissão para passar paulatinamente aos aspectos mais complicados.

Ainda que vulgar, é necessaria apontá-la porque costuma se passar



por alto no afã de chegar quanto antes ao fim, o qual pode ser um grave inconveniente para a eficiência da aprendizagem.

Outra regra de ensino pode ser de que se proceda melhor das partes para o todo que do todo para as partes.

Esta regra antiga tem tido profunda revisão em quanto concerne à educação intelectual e a aquisição de conhecimento do mundo, porém tem pleno valor a aprendizagem de coisas práticas, na iniciação às atividades de predomínio motor (motor).

Efetivamente, da muito bom resultado a prévia análise do trabalho que terá que ser aprendida sucessivamente. Porém a divisão tem que fazer-se com todo rigor para que a aprendizagem possa assimilar cada uma das operações particulares sem chegar a um excesso fraccionamento que não permitisse ao indivíduo dar-se constantemente e conta do papel que desempenham as partes dentro do todo. Feita a análise das operações e além dos



movimentos que devem aprender-se separadamente, poderão proceder-se à aprendizagem mesma, tendo em conta o seguinte:

- 1.º Em cada etapa de sua formação o aprendiz não deve abarcar mais que uma operação nova que se diferenciara e explicara experimentalmente para que seja bem compreendida por aquele.
- 2.º Não ha que aprender novas operações sem que as anteriores estejam suficientemente assimiladas na prática.
- 3.º Tem-se que evitar que se produzam movimentos e quivocados ou pelo menos se deve procurar que estes não se repitam, já que é muito difícil corrigir os maus hábitos.
- 4.º As etapas da aprendizagem tem que ser complemento sucessivo umas das outras e em cada uma delas ha de ver se a relação com um conjunto de trabalho.
- 5.º Para estimular o interesse do aprendiz pode-se fazer que este procure e encontre por si só ou com







quina e ao caráter individual de  
muitos labores nos trabalhos por  
equipes ou grupos, por se esperar:  
- 9.º - O exemplo do trabalho dos  
bons operários é estimulante de  
boa aprendizagem.

- 10.º - Na aprendizagem em grupos  
de indivíduos, as corridas ou  
campeonatos costumam ser bons esti-  
mulantes. Na aprendizagem indi-  
vidual a comparação com os re-  
sultados de outros aprendizes podem  
ser aproveitada como estímulo.

De todos os modos, estes meios  
não de ser utilizados com cuidado  
para não desanimar aos aprendizes  
menos dotados ou prejudicados pela  
natureza.

Si tomamos a aprendizagem  
em seu aspecto geral de iniciação  
e de preparação total para o exercício  
da profissão, pode-se dizer que as  
aquisições, tanto si se referem à  
ciência agrícola como a prática propria-  
mente dita, fazem-se muito melhor si  
se coloca aos que se iniciam em ati-  
vidades parecidas à que adota o descobridor.



ou o adaptador ao encontrar-se  
frente a problemas interessantes que  
resolver. O descoberto ou resolvido  
pelos demais, é sistematizado nos livros  
e nos mesmos planos de trabalho  
de aprofundado sem de guia para  
evitar rodar no caminho das aquisições,  
porém o trabalho ~~ha de~~ ser essencial-  
mente de formação e ~~plano~~ ~~de~~  
consistir principalmente em investigar  
e buscar, ~~em~~ ~~relacionar~~ ~~situações~~  
delinear (planejar) e resolver problemas; com  
o qual o novato, chama-se estudante  
ou aprendiz, não se prepara para  
trabalhar seguindo o conhecido e  
sabido, sem também para descobrir  
coisas novas para aperfeiçoar métodos  
de trabalho, para superar induso a  
seus métodos.

Atualmente bem, todas estas condições  
de uma boa aprendizagem são difíceis  
de obter nos habituais lugares de tra-  
balho. Todavia seria relativamente fácil  
conseguir-las nas explorações científica-  
mente organizadas e especialmente preparadas  
para a elevação do nível profissional do  
operário agrícola especializado e do agri-  
cultor em geral.



Porém necessita-se de escolas que formem ao operário agrícola especializado e escolas onde se forme o operário e pessoal que hade reger as explorações agrícolas e as organizações sociais e económicas que os agricultores têm de constituir para valorização de seus esforços profissionais, para melhora das condições gerais de vida no campo.

A preparação para estas ultimas actividades directoras tem uma importância excepcional.

Hté agora, a iniciação dos jovens nas funções de mando e de impulsão se tem feito de uma maneira muito irregular.

Geralmente se vem fazendo na mesma casa paterna, ao lado das autoridades familiares ou de administradores rotineiros submetida aos vícios de organização destes e ainda á influencia de seu caracter pessoal.

Como as explorações agrícolas bem organizadas e bem dirigidas são poucas o futuro agricultor-chefe tem se desenvolvido



Tem-se desinteressado, dirigindo  
sua atenção para outras coisas, ou  
bem, tem-se transformado tão rotineiro  
como seus antecessores. Porém isto não  
pode continuar assim.

Ainda que fossem muito nume-  
rosas as explorações agrícolas, bem orga-  
nizadas e o ambiente geral rural  
estivesse muito mais elevado, haveria  
que vigiar a formação dos diretores  
agrícolas e procurar-lhes lugares  
apropriados, escolas especiais.

O futuro diretor de empresas  
agrícolas deve receber um ensino espe-  
cial por pessoal técnico convenientemente  
preparada para ela; que quem  
científica e praticamente na aquisição  
dos conhecimentos agrícolas necessários,  
incluindo os de organização e de trato  
de homens, de administração de empresas  
agrícolas e de economia rural.

#### IV - A Escola Profissional Agrícola

Vemos visto que para a obra  
de formação profissional agrícola se  
leve a cabo com a devida sistematização



e com a intensidade que requer  
missão tão delicada como a do  
agricultor que dirige sua exploração  
não somente desde o ponto de vista  
administrativo, senão também no  
aspecto técnico, é preciso criar escolas  
especializadas.

Pelo menos faz falta um centro  
permanente de ensino em cada  
comarca ou zona agrícola natural  
que se acomode às necessidades  
dos cultivos e dos tipos de exploração  
que convenham em cada terra.

O mesmo se se vai a consti-  
tuição de grandes concentrações orgânicas  
pela qual a empresa agrícola se converte  
em uma vasta obra de coordenação sob  
um só plano e uma só cabeça, que se  
se conservam os tipos convetes de exploração  
e os que tem de realizá-los em plena  
liberdade de iniciativas.

Os ensinamentos destas escolas  
hão de desenvolver-se com planos  
curtos, intensivos e bem dirigidos na  
prática procurando ter pouco tempo  
separados dos afazeres das próprias  
explorações os jovens, especialmente se são



filhos de pequenos proprietários  
No mesmo tempo, tem-se que  
evitar que os cursos destas escolas  
não se incline para o funcionalismo  
como desafortunadamente fazem muitas  
escolas profissionais de quas partes  
mas que a realizar uma adaptação  
à atividade produtiva e criadora,  
a procurar um título que habilite  
para desempenhar determinados cargos  
da administração pública, que sirva  
de salvo conduto para entrar para  
ocupar determinados postos dos empregos  
privados.

Grande parte da tarefa destas  
escolas terá que desenvolver-se em  
cursos pequenos, breves, especializadas  
em série de demonstrações e em confe-  
rências práticas dadas fora do domínio  
da escola, nos lugares onde se possa  
reunir um grupo de pessoas interessadas  
jovens ou idosos.

O cinema, o material de divulga-  
ção ambulante, o rádio, o folheto  
ilustrado, serão poderosos instrumentos  
que deverão ter em sua mão as escolas agra-  
colas para o complemento de seu trabalho.



de extensão profissional.

Ainda que estas escolas comarcas não formassem os investigadores da ciência agronomica e os impulsores oficiais do movimento de revolução agricola que o mundo começou, deveriam ter nela uma participação importante, devido aos problemas praticos que hão de plantear? e ao contato intimo que hão de ter com as necessidades agricolas.

Neste trabalho não ha que se olvidar a mulher.

Não é necessario insistir em assinalar o papel importante que tem que desempenhar a mulher na vida da exploração rural e na conveniência de que se a prepare com as devidas garantias.

Para ser eficaz o trabalho da mulher do campo tem, se que dar caracter científico e revestido de seriedade e de precisão mediante um ensino adequado. As funções administrativas, as pequenas industrias domesticas, a tecnica de tornar o lar agradavel, bem merecem este ensino.



para que se adaptem às necessidades  
da vida do campo e da exploração  
agrícola.

Em alguns países tem-se organizado  
centros especiais para o ensino doméstico  
agrícola, que dão uma formação feminina  
composta mais ou menos completa  
ou que organizam cursos de temporada  
e cátedras (?) ambulantes para difundir  
modernos conhecimentos de aplicação  
em economia doméstico-rural.

Em vez de estabelecer o ensino  
feminino agrícola em instituições à parte  
quid seria melhor reuni-la e combiná-la  
com a das escolas profissionais agrícolas  
masculinas e fazer um conjunto orgânico  
de preparação para as funções da exploração  
rural.

Deste modo, a escola profissional agrí-  
cola poderia estruturar melhor seus elei-  
mentos práticos sobre a base de uma  
exploração de verdade, industrializada  
e os alunos de um e outro sexo poderiam  
comprovar, experimentar e resolver proble-  
mas em condições rigorosamente comparáveis  
com as que se lhes vão oferecer mais tarde  
em suas respectivas atividades profissionais definitivas.



Além destas vantagens, preparar-se-ia uma colaboração mais íntima da mulher na vida de exploração agrícola; poder-se-ia confiar ~~funções~~ à mulher, funções que de permanecer isolada em sua formação não <sup>de</sup> seriam confiadas, iniciaria-se a convivência e a harmonia que deve reinar entre os dois sexos para que as empresas rurais, especialmente indicadas para esta classe de colaboração, marchem por bom caminho.

No momento, enquanto não se tenham escolas técnicas que intensifiquem as campanhas de divulgação agrícola por meio da imprensa periódica, por meio de conferências, folhetos, etc, dedicando as funções agrícolas femininas a devida atenção.

Os pais devem saber trazer a responsabilidade que têm na formação profissional de seus filhos e ~~na~~ trabalho de reintegração da mulher na vida econômica rural. Têm de contribuir a situar a todos os seus filhos no lugar que



lhes corresponda, dando-lhes facilidades para realizar nobres ideais de expansão e de melhora dentro da órbita das atividades da vida de campo.

Os jovens que encontram possibilidades para desenvolver sua personalidade e para satisfazer sua personalidade e para satisfazer as nobres aspirações que pode oferecer-lhes a participação racional e conscienciosa nas coisas de exploração rural, não têm tentações de sair de seu ambiente si é que suas aptidões e disposições são chamam para ele.

Si possuem qualidades superiores que não possam dar o rendimento devido no ambiente rural para isto se dispõe de meios de seleção e de organização social que permitem os os superdotados sejam orientados e preparados para que possam dar o rendimento que lhes corresponde.

— V. A preparação p.<sup>o</sup> prevenir os acidentes do trabalho rural —

Um aspecto muito interessante da formação profissional é a de preparar



para a prevenção dos acidentes.

Todo o mundo sabe que si o trabalho agrícola não é dos que mais acidentes registram, não deixam de dar um tributo muito grande de mortos e inválidos.

Segundo uma estatística publicada pela Ass. Nacional para a prevenção dos acidentes de trabalho em 1929, registram na Itália pelas C. <sup>nas</sup> de seguros cerca de 90.000 acidentes de trabalho na agricultura. Outras estatísticas dão cifras muito elevadas que mostram a necessidade de remediar o mal por uma ação preventiva.

Analisando as causas dos acidentes da mencionada estatística italiana, observa-se que a maior frequência de acidentes dá-se no manejo de instrumentos cortantes empregados nos cultivos (17,84% do total de acidentes) especialmente aqueles de mango curto (11,88% do total), logo vem o choque de astillas e pontas contínuas (14,58%) e em continuação, as quedas no plano, (9%) as quedas das arvores (6%) as quedas de veiculos e similares (5%), de escalas 3% etc



Se examinarmos os mesmos acidentes por ordem de gravidade, medida pelas mortes ocasionadas, nos encon-

82

tramos que as mais elevadas cifras de acidentes seguidas de morte, acham-se nas produzidas por quedas de arvores e de veiculos; logo seguem os ocasionados por más condições do ambiente atinos físicos (asfixia principalmente), por puçança e astellazos, por trato com carabos, por quedas de pessoas em profundidade por quedas de produtos aguiladas (sacos) e florestais; por quedas de pessoas de escadeiras; por transportes de tração animal por trato com gado bovino; por quedas destes animais, por quedas em plano por quedas de construções, por transportes de tração mecânica, por instrumentos cortantes de manga certo, por máquinas de trabalho movidas a motor, etc.

O malogrado engenheiro M. Frois que foi experto de Seguro da Oficina Internacional do Trabalho, em uma estatística de 225 acidentes mortais, encontrou 10% de casos ocorridos em operários não qualificados tecnicamente, que haviam encontrado a morte por falsas manobras, e



e em outras estatísticas de 242 casos mortais estudados, encontrou 10%

produzidos nas mesmas condições de classificação e ignorância (Vide Mareel Frois, La Technique et la fréquence des Accidents do Travail ("Revue de Science du Travail" - Paris - Septembre 1929)

J. Lahy, em um estudo feito sobre 2.500 pessoas, encontrou uma frequência bastante bem maior de acidentes entre os peões especializados que entre os operários qualificados (Vide Conférence Internationale de Psychotechnique, Comptes rendus - Utrecht - 1928)

Entre outros estudos tem-se visto que a falta de conhecimentos dos elementos com que se trabalha pode produzir acidentes que causam graves danos, não só ao que o provoca mas também a um número mais ou menos grande de companheiros.

A formação profissional é, por si só, obra de prevenção do acidente, porém se além disso esta formação profissional se faz



sistematicamente e com preocupações de prevenção, teremos um magnifico instrumento para a diminuição da frequência de acidentes, não só nos jovens mas também nos futuros operários formados.

Uma aprendizagem, cientificamente organizada fará o profissional completo. Isto é, aquele que produz obra de qualidade no mesmo tempo que evita os perigos do trabalho.

Si os agricultores, desde jovens aprendem a trabalhar com técnicas solidamente fundadas e cientificamente comprovadas, dirigidas não só para a obtenção de um rendimento máximo na produção, porém também a defesa de sua integridade pessoal e de sua saúde, terão se adiantado muito.

Muitos obreiros têm a gala haverem-se ferido, mostram adicately, com um ~~certo~~ especie de orgulho de haver sobrepujado os perigos e desdenham os conselhos que se lhes dão para evitar o acidente. Formam-se profissionalmente em ambientes psicológicos que induzem a despreocupação e confiança absoluta na reação azarenta do



momento e se adaptam pouco.  
As medidas preventivas de ultima hora.  
Tudo isto focaliza a necessidade  
de organizar o ensino preventivo de  
acidentes do trabalho agricola, na  
qual se deve illustrar acerca das  
medidas que haõ de tomar-se nos  
principais setores da atividade rural  
dispondo as coisas para que se produ-  
zam menos acidentes e especialmente  
menos acidentes mortais. Assim por  
exemplo haveria que vincular que  
as quedas das arvores serãõ evitadas  
em grande parte por uma atunção  
constante sobre os apoios (desconfiança  
dos galhos secos) e com o uso de boas  
escadas portateis, que sejam bem solidas  
e que tenham seu proprio ponto de apoio  
quando se trata de subir a altura, das  
ramos das arvores e que os pes das  
escadas terminem em uma superficie que  
permita sua sujeição perfeita e não  
tem trevalar. Serãõ que evenciar o manejo  
dos instrumentos cortantes, procurando que  
estes tenham o mango largo, e que  
quando trabalhem em altura (arvores) estejem



amarradas para que <sup>vão</sup> fiquem seus  
companheiros de trabalhos que ficam  
em baixo. Ensina-se a provê-los

de bainhas ou dispositivos de segurança  
que evitem as frequentes feridas que  
são produzidas ao subir ou abaixar  
descer das árvores ou ao deslocar-se  
de um lado para outro.

Como em todas as categorias  
de acidentes da agricultura a base  
deles é encontrada nas imprudências  
e descuidos ou de má disposição  
das coisas, é preciso empreender um  
vasto trabalho de propaganda preventiva  
despertando a atenção, excitando a  
prudência, dando instruções para livramento  
dos perigos.

Onde melhor se pode fazer  
este trabalho é na formação profissio-  
nal dos jovens, já que a gente ma-  
dura dificilmente abandona seus  
hábitos e suas rotinas.



### III Parte

"Seleção e valorização do superdotado do campo."

I. O problema econômico social dos superdotados.

O problema da proteção dos indivíduos de dotes relevantes para o cultivo de uma ciência ou uma arte tem sido focalizado desde as remotas civilizações.

Na História da cultura e na biografia dos grandes homens de outras épocas, encontramos numerosos exemplos de proteção. Reis protetores de sábios e artistas, magnatas favorecedores da obra de artesãos e escritores, potentados que têm tomado a peito o fazer sair adiante capacidades de jovens modestos que não tiveram oportunidade de manifestarem-se, sucedem-se sem interrupção desde a antiguidade até nossos dias.

Sem embargo, por numerosos que tenham sido os protegidos, incomparavelmente mais numerosos são os que



~~Tendo iguais ou maiores capacidades  
de jovens modestos que não tiveram  
oportunidade de se manifestar,~~

86

~~Sucedendo~~

→ Tendo iguais ou maiores capacidades  
têm ficado alheios de toda proteção.

Especialmente no campo, onde  
é mais difícil que se manifestem os  
dotes superiores dos indivíduos, e onde  
pelo isolamento relativo em que se  
vive, raras vezes tem se podido exercer  
a ação filantrópica dos protetores de  
genios, tem ficado muitas vezes  
altas capacidades sem valorizar.

O primeiro inconveniente para que  
esta proteção se exerça provem da  
dificuldade intrínseca da manifestação  
dos genios e dos talentos.

Muitas capacidades têm permanecido  
em estado latente, não já só  
ignoradas do mundo dos seus semelhantes,  
como do próprio indivíduo, que não teve  
ocasião de provar para que se lhe revelassem  
as aptidões.

Outro inconveniente radicava<sup>se</sup> na  
escassez de protetores diante da massa  
dos que têm tido necessidade de proteção.



Costa-se sustinha na maioria das  
vezes por relação pessoal, e mais  
que ajudar ao primeiro desenvolvimento  
e formação do superdotado no passo  
de dificuldade máxima, proporcionava  
ao artista, ou ao sábio já formado,  
os meios para uma produção fácil,  
às vezes desvirtuadas pelo favor  
que outros seguramente teriam  
muito bem representado.

Têm-se que render homenagem  
a tantos protetores magnânimos  
de talentos demonstrados, que têm vindo  
dando a artistas e cultivadores do  
espírito possibilidades de produtividade  
e de influência social.

Porém a sociedade de hoje não  
tem bastante com essa ação direta e  
pessoal dos magnatas para com os  
que têm tido a fortuna de colocar-se  
sob sua proteção. A ação protetora  
tem que abarcar um número muito  
maior que sai fora do círculo pessoal  
dos poderosos.

O problema deixa de colocar-se  
em termos de relação familiar e



particular para passar ao terreno dos interesses sociais no qual os poderosos passam a desempenhar a função de primeiros colaboradores.

A ação destes será muito importante, porém se coordenará dentro da obra social que pede colaboração de todos, principalmente os poderosos em primeiro lugar.

Por outro lado, a sociedade que pede proteção para o desenvolvimento das capacidades das individualidades superdotadas, exige que esta proteção se conceda a quem realmente a mereça e a proveite socialmente. Posto que muitas vezes é difícil que as aptidões naturais se manifestem por si mesmas, especialmente quando o meio ambiente e a educação não proporcionam os reativos necessários tem-se que recorrer a uma ação especial de procura do superdotado valendo-se de meios que as ciências biológicas, especialmente a psicologia podem já proporcionar.

Tem-se que escolher dentre a massa de jovens os que por sua potencialidade funcional ofereçam garantias de um



rendimento global de seus esforços  
tem que procurar o bem estar coletivo  
distribuindo sua ação proporcionalmente  
aos benefícios que tem que tirar dela  
a coletividade.

Amparar o desvalido, ao  
enfermo incurável e tributo de  
humanidade e de respeito a vida  
sempre tão preciosa, incluso nas  
fases de esgotamento e proximidade  
de extinção. Nestes casos o rendi-  
mento econômico social do esforço  
é nulo, se não negativo.

Educar e proteger ao infa-  
dotado, ao deficiente, reduzir ao invá-  
lido e aproveitar para a sociedade  
certas energias humanas que se perderiam,  
e é dar a um sem fim de indi-  
viduos de capacidades limitadas  
possibilidades para a expansão vital  
e satisfação sobre a produtividade.

O rendimento econômico social  
do esforço nestes casos costuma ser  
representado por uma cifra de  
compensação.

Educar e favorecer o desenvolvi-



mento dos jovens normais, que constituem o núcleo central da grande massa das generalizações que se vão sucedendo, é fazer trabalhar de maneira sistemática a sociedade gastando devidamente em atividades de educação geral e de formação profissional dos que constituem essa maioria que se agrupa ao redor dos

Porém educar e favorecer o desenvolvimento dos superdotados e concentrar o esforço social em indivíduos de máximo rendimento, e, valendo a expressão numérica, multiplicar uma quantidade de valores humanos empregando ação social em uma empresa de valorização de elementos de máxima produtividade.

Por isto, a sociedade não deve contentar-se com que os superdotados se bastem a si mesmos e se abram para dentro do círculo de ação reduzido que lhes impõe às vezes a humildade de sua ação.

Para que a sociedade possa dar



satisfação devida nos sentimentos  
humanitários permitindo-se o luxo  
de obras de rendimento económico-  
social nulo ou negativo, atendendo  
cuidadosa<sup>te</sup> ao devalidado, é preciso  
que prepare os elementos de  
máxima produtividade a que  
dêem o rendimento de comple-  
mentação.

Com um povo onde os  
superdotados estivessem em seu lugar  
dando seu rendimento normal,  
sem esforço produzindo tão somente  
o que o funcionalismo humano redi-  
ma como meio de expansão da perso-  
nalidade e das potências vitais,  
os debeis, os que se veem obrigados  
a fazer um esforço superior às  
suas disponibilidades, os que se  
exotam em trabalhos desproporcionais  
à sua capacidade, veriam diminuir  
sua carga e os devalidos encontrariam  
o devida amparo.

Si quizermos que os debeis e os en-  
fermos fiquem devidamente atendidos  
fazamos que os fortes deem seu ren-



divimento, demos facilidades aos indivíduos de produtividade elevada.

O problema da miséria de um país não se resolve repartindo entre as folras as poucas riquezas existentes; o único remedio está em abrir novas fontes de riqueza, em valorizar os elementos de grande produtividade, em melhorar os rendimentos. Os países prósperos e ricos não conhecem o pauperismo. A riqueza faz como a manduca de azete, que se reparte e espalha por si só.

A existência de um núcleo de atividade econômica dá lugar a criação de outros núcleos. A vitalidade é creadora de um homem superior, da vida e riqueza dos demais.

Por isto o melhor meio de socorrer aos desvalidos consiste em dar facilidades aos capacitados para que decon seu pleno rendimento.

A produtividade destes será amplamente compensadora da improdutividade daqueles; os bens obtidos pelos superdotados representarão um aumento de bem-estar que aproveitará a todos.



Assim o tem entendido nestes  
últimos tempos alguns países que  
se viram submergidos em profunda  
crises como consequência da guerra,  
especialmente Alemanha, onde ao  
ensaio de seleção científica e de  
seleção de superdotados representaram  
iniciado por Moede e Prohormski em  
Berlim (1917 Zwei Jahre Begabteschulen)  
seguiu a criação de escolas e de classes  
para superdotados na maior parte  
das cidades importantes do país.

A ideia motriz tem sido  
desenvolvida pela consciência da  
necessidade de recuperar rapidamente  
as energias perdidas e reparar os  
danos causados. Ante tanto deficit  
econômico e social, pensava-se em recrutar  
especialmente aos indivíduos cuja  
capacidade oferecia um superavit.  
Estes eram os que melhor podiam  
contribuir a salvar a situação, e portanto  
haviãam de ser objeto de atenção especial.  
Porém que país se encontra em  
situação tão desafiada que não tenha  
que pensar no aproveitamento devido dos







a Associação para o Estudo e Educa-  
de "Exceptional Children" fundada  
em 1905 pelo Dr. Grossmann para o  
estudo e a educação metódica dos  
meninos anormais, especialmente dos  
superdotados. É a medida que a  
psicologia e a pedagogia experi-  
mentais não subministrando mais  
elementos técnicos, pensa-se e realiza-se  
com mais intensidade a adaptação  
dos estímulos educativos às modali-  
dades de aptidão e de capacidade  
dos indivíduos.

Em junho de 1926 tomamos uma  
nota do serviço oficial de imprensa  
prussiano recordando as estipulações  
da Constituição alemã relativas à proteção  
dos superdotados que precisam de meios  
econômicos e construindo às autori-  
dades competentes a seguir as disposições  
ditadas na Prússia pelo Ministro da Instrução.  
Com isto convidava-se aos países  
dependentes a apresentar as proposições de  
proteção de tais adolescentes superiores  
selecionados com medidas precisas  
a disposição recomendava ter em conta  
os escolares que em anos anteriores esti-



veram a ponto de obter as vantagens da seleção. Em todas as partes, a grupo seletivo de indivíduos dotados de capacidades superiores ha de merecer atenção e cuidados especiais em educação. Ainda que o esforço econômico e técnico seja maior que o que se dedique a <sup>massa</sup> ou a outros grupos especiais, vale bem a pena fazê-lo.

## II O analfabetismo e a atenção para o superdotado

Algum a quem se tem apresentado o problema dos superdotados contestou: Como vamos justificar filigranas de educação e de interesse publico nesse sentido si está todavia sem resolver o problema do analfabetismo?

É verdade que temos ainda muitos indivíduos fora do raio da ação direta de toda obra de cultura organizada e de todo plano educativo; é verdade que a cifra dos que não sabem ler e escrever é todavia muito elevada.



29 / Porém o despertar que se nota nestes últimos anos no povo e o empenho dos dirigentes encaminhado a dar término a este mal, fazem esperar para muito pouco realizações satisfatórias.

Ademais não é incompatível nem <sup>menos</sup> a atenção aos superdotados e a <sup>preocupação</sup> pela desaparecimento do analfabetismo. Antes, pelo contrario, trata-se de duas cousas solidarias; são duas obras que se completam entre si.

Efetivamente, quando fomentamos a escola, e <sup>que</sup> melhoramos o ensino, damos possibilidades de manifestação de talento a um certo numero de individuos que ficariam confundidos na massa dos <sup>incapazes</sup>.

Por isto, a luta contra o analfabetismo, ou melhor, a campanha em favor da extensão da educação organizada, é uma medida primária, ainda que indirecta, de protecção ao superdotado.

Elevenos em boa hora, o numero de escolas; dotemos a todos pelo menos do instrumento poderoso que significa saber ler, escrever e contar.



É indubitável que graças a este instrumento, uma maioria muito respeitável elevará o rendimento pessoal dentro da produtividade social.

É quasi seguro também que alguns indivíduos de cada millar por ter adquirido uns conhecimentos e umas técnicas elementares vejam abrirem-se horizontes novos e entrem em campos de atividade que de outro modo, lhes estariam vedados.

Porém o problema educativo em um país não é só questão de meios.

Especialmente nos casos em que a educação não pode ser suficientemente cuidada quando faltam meios para dar à massa todos aqueles elementos necessários para que tenham ocasião de surgir dela espontaneamente, as capacidades individuais tem-se que pensar na sua seleção.

A campanha contra o analfabetismo é obra de extensão, porém tem que fazer o mesmo tempo trabalho intensivo. Não só se deve pensar em near novas escolas, porém também em melhorar as existentes, e sobretudo



têm que dotar de meios que  
saberá utilizá-los ou que pelo  
menos têm capacidade para  
sabê-los utilizar.

Ha em nossa sociedade atual  
muitos indivíduos que têm gasto  
um tempo precioso pretendendo  
adquirir uma ciência que jamais  
haveriam de compreender, e algumas  
técnicas que nunca poderiam aplicar.

Temos gente de valor inferior  
que passou meses e anos em escolas  
para chegar a adquirir umas  
noções que não têm servido mais  
que para falsear o conceito de ciência  
e para deslocar a bastantes do centro  
de atividade que a natureza lhe cui-  
nalava.

Talvez seja exagerar a nota, mas  
a alguns lhes seria mais valioso não  
ter aprendido a ler e escrever.

Desde logo existem muitos indivíduos  
nos quais o esforço social que se fez por  
dar-lhes uma instrução, não resulta compen-  
sado. Quantos temos encontrado, que em  
crianças foram à escola, que aprenderam a



les e a escrever e que depois tudo esqueceram  
ou seja que o ensino tenha sido má<sup>95</sup> ou que  
tenha havido má disposição para  
aproveitá-lo, o fato é que a extensão ilimi-  
tada do esforço educativo conda a grandes  
faltas de rendimento. Em troca, a inten-  
sificação do esforço magister elementos de  
superior capacidade é de resultados  
quase sempre positivos.

Assim como para sanear a economia  
de um país tem se que recorrer á explo-  
ração intensiva daquelas zonas de máxima  
produtividade, fazendo que a agricultura  
tome especial incremento nas comarcas  
mais férteis e que se desenvolva aquelas  
indústrias para as quais tem se mais ele-  
mentos naturais e melhores matérias primas  
a valorização humana tem que fazer-se  
concentrando especialmente os esforços no  
cultivo daqueles indivíduos de máxima  
capacidade produtiva.

Nos períodos de revisão de valores  
e de reconstituição econômica e social, mais  
que a massa interessa o elemento directivo.  
Espanha que está vivendo atualmente  
uma época de mobilização de energias e de  
organização social, mais que no futuro



da cultura ha de ter especial empenho  
em crear uma elite que sera a que  
mais tarde conduza a massa do povo  
para as causas da cultura e do progresso.  
O governo mais perfeito e melhor  
orientado não pode fazer chegar a  
massa os beneficios de seu trabalho  
regulador si o pais não conta com  
uma selecao de homens que colaborem  
desde os postos dirigentes nas diversas  
esferas da atividade.

Quando estes postos estão em mãos  
de mediocridades não ha possibilidade  
de progresso e toda ação legislativa  
ou governamental se estrela ante a  
incompreensão e a indiferença.

Neste caso o chefe se confunde  
com a massa; não ha intermediarios  
entre a direção suprema e a grande  
quantidade de dirigidos, que são os que  
em definitiva haveriam de executar as ordens.

Um exercito que não tem mais que  
generais e soldados não podem fazer a  
batalha.

A sociedade necessita de chefes interme-  
diarios, a grande empresa de um pais necess.



sita de capatazes, contramestres e chefes de seção. Quando estes faltam há que procura-los e forma-los, selecionando-os dentre a massa.

Pratiquemos o cultivo das inteligências, estendendo-o a todos os indivíduos do país.

Porém sobre tudo e antes de tudo, intensifiquemos o trabalho com os que nós há de dar melhor rendimento e coloquemos nos postos de direção e responsabilização os verdadeiramente capazes. Estes são os que preparam a massa irradiando sua cultura e exercendo a função de guia e de orientação sociais.

Os homens verdadeiramente superiores, deixam a ilustração e o melhoramento da massa; não são como as mediocridades usurpadoras de cargos ou de posição social, que vêm em educação e preparação dos abaixo o perigo de uma substituição humilhante.

Facilitando o passo aos superiores, não só melhorar-se-á o rendimento individual mas também o coletivo.

A sociedade ou a nação eleva seu nível na medida de melhoria de capacidade de seus elementos diretivos.



Quando as funções diretivas da indústria e do tráfico estejam inteiramente em mãos de homens seletos; quando as atividades de verdadeira influência social, a cátedra, o periódico, a tribuna, etc., sejam exercidas por uma elite melhor recrutada, os atuais amalfabetos desapareceram sem grande esforço por própria virtude de propagação cultural, e os atuais descolocados encontrarão seu lugar pela ação organizadora dos que têm dotes para dirigir e para realizar.

### III A Escola Primária ou Geral perante o Superdotado

O menino de dotes superiores nem sempre se revela na escola. De tempos em tempos, nesses, prodígios de memórias, aptidões especiais para o cálculo ou outras disciplinas; porém a que constitui o valor vital e social dos indivíduos passa muitas vezes desapercebido. O ensino nem sendo todavia demasiado rígido e demasiado artificial para que as capa-



idades de verdadeiro valor podem  
manifester-se.

Especialmente na escola rural, estes  
defeitos sem (costumam) encontrar-se acentua-  
dos, porque a elas os impulsos de  
renovação chegam mais tardiamente e  
porque entre os mestres padecem também  
o mal de atrasação das cidades e dos  
os melhores costumam abandonar o campo.

A escola corrente apenas deixa lugar  
à espontaneidade.

A atividade nela é quasi toda  
imposta ou intervinda pelo professor.

Deste modo, a personalidade não  
pode desenvolver-se.

O trabalho de construção, de criação,  
de organização apenas encontra lugar  
nas atividades escolares. As escolas mais  
modernas têm introduzido trabalhos práticos,  
trabalhos manuais, atividades concretas;  
porém geralmente representam uma parte  
exigua das atividades dos alunos e  
ainda costumam ter-se como coisa  
desencaixada do resto do trabalho conti-  
nuando-se por outro lado na abstração  
ou no palavreado incompreensível.



Não se fazem sentir convenientemente finalidades mobilizadoras das energias infantis; mandam-se trabalhos, ensinam lições sem procurar que o aluno deseje aqueles trabalhos ou sinta a curiosidade ou o interesse daqueles conhecimentos. As verdadeiras necessidades de ~~esfratamento~~ ficam em grande parte sem ~~satisfação~~ satisfazem.

O disciplinamento da maioria das escolas atuais é excessivamente forte nessa idade em que as atividades têm que ser variadíssimas. Não há educador nem há nenhum plano escolar que possa assinalar detalhadamente e rigidamente os atos que o educando tem de realizar para seu melhor desenvolvimento, e portanto é preciso deixar uma margem de liberdade para aqueles setores do desenvolvimento infantil que ficariam paralisados e que o próprio indivíduo mobilizará instintivamente só <sup>em</sup> com encontrar-se em um



ambiente apropriado. Na escola, a atividade de rigida imposta, ou seja a que por seu caracter de violencia denota que a educaçãõ e inadequada às necessidades de desenvolvimento, os superdotados podem tomar as tres atitudes seguintes: uns se amoldam ao regimen estabelecido e se desequilibram por deixar inativos um sem fim de resortes de vitalidade; outros tomam uma attitude revoltosa e lavsam seu desequilibrio com uma continua sobrecarga nervosa; por ultimo os de mais reservas intelectuais e de maior potencialidade vital dão sua parte inescusavel a rigidez, porém procuram por todos os meios dar saida às necessidades internas de seu desenvolvimento.

La luta que estes individuos tem que livrar com o meio escolar inadeguado os ultimos são os unicos que saem vencedores, porém ainda estes não ficam livres de seus nefastos efectos.



Em muitos casos encontram-se  
meninos inteligentíssimos que, acostu-  
mados a burlar a disciplina  
absurda da escola, tornaram-se  
incapazes de todo disciplinamento  
para o trabalho e para a vida social.

Indivíduos, a quem uma formação  
adequada converteria em homens de  
grande proveito, consomem suas  
espectáveis energias em feias  
e em superficialidades de toda ordem  
necessitadas de uma iniciação para  
o trabalho sério e para a ação regular  
continuada, própria daquele que sabe  
entusiasmarse por um ideal.

Por outro lado, o trabalho que a  
escola corrente dispõe para a maioria  
dos alunos da classe é demasiado fácil  
para os superdotados. As energias destes  
não são estimuladas.  
Se nossas escolas fizessem verda-  
deira educação ativa, se deixassem  
margem grande às iniciativas individuais.



os superdotados procurariam por si mesmos o complemento de atividade de que seu desenvolvimento reclama.

Eles mesmos propoem objetivos mais elevados que lhes chegariam a intensificar seu trabalho e a disciplinar seus atos.

Porém desgraçadamente não costumam suceder assim e os alunos de superior condição encontram-se submetidos a um regimen que si não os deforma ou desequilibra, pelo menos os deixa sem o estímulo educativo conveniente. Num ambiente de educação no qual tudo está regulado e prefixado para uma media de alunos que não tenha adaptabilidade para os casos de individualidades destacadas, se não se levanta o protesto voluntamente expansivo do superdotado, não exige tão pouco deste o esforço que exigiria seu pleno desenvolvimento.

As possibilidades ficam adormecidas as capacidades vão perdendo sua vocação de manifestabilidade e de efetividade à medida



que a idade corre. O estancamento, a paralização, a atrofia são os graus por onde passam certas capacidades que nos jogos infantis haviam começado a desenvolver e que numa educação impropria se obstruíram inconscientemente em despropria.

Ainda quando estas capacidades passarem a vida escolar inadequada, sem haver sofrido os efeitos da atrofia, raramente escaparam aos efeitos desse elemento inibitório que o hábito da inatividade traduz nessa forma de atitude que conhecemos pelo nome de pereza?

Os indivíduos de valor superior de nossa raça e de nosso clima suave amolecidos tem que ser retirados do perigo da moleza? desde a tenra idade. Posto que geralmente não desfrutam de educação autónoma com atividade espontanea e variada autoadaptavel a seu desenvolvimento, é preciso descobri-los quanto antes e preparar-les uma



educação especial. Ante as dificuldades dos diagnósticos em uma idade em que as capacidades e aptidões não fazem mais que aflorar debilmente, talvez seria preferível pedir para todos educação ativa finalidades de atividades bem concretas e desejada com as que os mesmos alunos sem grande intervenção autoritaria do professor estimularam seu desenvolvimento

Isto aproveitaria a toda generalização. Porém si isto, como os fatos parecem demonstra-lo, não pode ser levado a cabo com a rapidez necessaria seria preciso fazer uma seleção de présumíveis superdotados, procurados cientificamente para dispor lhes uma educação acorde com as necessidades expansivas da infancia amplamente aberta a espontaneidade e as iniciativas individuais amplamente estimuladora de possíveis capacidades latentes.



## IV. O aproveitamento social

do superdotado

Quando o superdotado mais ou menos incógnito passou já o ensino primário geral, se é que não se viu privado de escola por condições especiais, se coloca o problema de se seguirá o caminho dos estudos ou bem se dedicará a atividades concretas da vida econômica.

Até bem pouco tempo os centros de ensino que recolhiam os alunos saídos das escolas primárias eram destinadas a preparar gente para o cultivo das ciências e das letras e para o desempenho das chamadas profissões liberais.

Os que não queriam seguir os estudos teriam que dedicar-se ao trabalho de predomínio físico. As mesmas escolas, que se haviam criado ultimamente para iniciar nas profissões da atividade ~~total~~ industrial e mercantil



estudo

### escalafon

inclinavam-se excessivamente a a teorias e sua gente pouco preparada para a luta da vida econômica procurava o emprego seguro e o escalafon

Porém agora é de esperar que ao redor dos centros de formação profissional e de outras iniciativas, como as cátedras divulgadoras de conhecimentos e de técnicas agrícolas que se intenta a divulgar a juventude encontra onde preparar-se para as ramais da produção e do transporte na mesma medida que para o cultivo das letras e da ciência

Pelo menos os superdotados, deverão poder adquirir este ensino secundário ou profissional que é a porta quasi obrigatória para entrar nos postos diretivos que para eles a sociedade deveria ter lhes reservado

Muitos que se preocuparam com o problema dos superdotados o tem feito no sentido exclusivo de dar meios a estes para que estudem nos centros de ensino secundário e superior



planteado

sem ter em conta a grave questão da sobrecarga no contingente das profissões chamadas liberais. Também tem havido quem dando-se conta da plethora nestas profissões tem tomado como perigo todo plano que tenha a dar excessos, melas aos elementos de que ninguém

Tem-se dito que havendo um excesso de pessoal para as funções que exigem uma capacidade de ordem algo elevada não devemos pretender que se deem meios de toda uma série de gente nova para que entre em na concorrência, tornando a luta a luta e fazendo-a inaguantável.

O problema não deve ser planteado: com exclusividade e as soluções não têm que inclinar-se nem em um sentido nem em outro sem haver análise devidamente.

Efetivamente os cargos que requerem capacidades superiores estão sobrecarregados.



de pessoal; os aspirantes são numerosos  
porém isto é devido sobretudo a que a que  
le que deveria estar a um nível elevado,  
desceu ao alcance das mediocridades.

A função delicada tem sido posta  
muitas vezes em mãos inexperatas e  
ainda daquelas que por suas condições  
naturais jamais poderá chegar a altura  
que se lhe deveria exigir.

Com demasiada frequência isto  
terá ocorrido por favoritismo, por inoportunidade  
na seleção; porém tem se que reconhecer  
que em muitos casos não se tem  
podido fazer uma boa seleção por não  
apresentar-se na concorrência elementos  
de verdadeiro valor. Quantos Tribunais  
de exames, de opposição e de concursos  
não terão sentido o pesar profundo  
de ter que dar uma colocação a um  
homem de condição inferior por não ter  
dado com aquele que desejavam encontrar?

Cinco, oito ou ainda mais de  
dez aspirantes apresentam-se para cada



cargo que se vaca em qualquer  
dos lugares da administração e  
das funções próprias dos que possuem  
títulos académicos; porém é possível  
que esta situação se verifique a menos  
da metade uma vez que entreu na  
vida as capacidades que permanecerão  
ocultas.

O problema capital se reduz a uma  
questão de seleção no país que as  
funções não de dar ao orientar-se para  
um dos ramos frutíferos da atividade.

...: Profissões manuais, profissões intelectuais  
Tudo depende de como se verificou  
o ingresso nos centros de ensino secundário  
e ensino profissional.

Está plenamente demonstrado que  
o exame a base de um programa previ-  
mente preparado, com contestações apren-  
didas com o exclusivo objeto de ser saltadas  
ante os examinadores, não é nem muito  
menos uma boa prova de capacidade  
como não seja de capacidade para



aprender-se as coisas da memória. E de todos sabido que hjeria psicologica proporciona metodos de exames muito mais seguros que são fi battantes os centros de ensino que para recrutar seu pessoal se utilizam com exito ao lado das provas de conhecimentos.

Com uma selecao feita nesta forma as escolas secundarias e superiores nrao desocupar muitos lugares dos que hoje tem ocupados as nulidables em potencia, sendo transferidos aos que possuem dotis indiscutivas.

Si as capacidades correspondem a uma verdadeira selecao iniciada no ingresso na escola e comprovada e prosseguida no curso dos estudos, tem que aparecer tipos tao abundos como o do opozitor ou concorrente que se apresenta a toda a classe de lutas de capacidades para as quais esteja em condicoes "leais" que e o que faz engrassar arbitrariamente as lutas de aspirantes a toda classe de destinos "seguros."



A ausência das mediocridades e das nulidades nas aulas e nos laboratórios permite indiscutivelmente um trabalho escolar muito mais sério que forçosamente ha de transportar para a vida profissional, dignificando as funções atuais e impelindo para a procura de novas vias nos ramos da industria ou em especulação científica.

Significa o triunfo completo do profissional que se encarna com a especialidade a qual vai entregar sua vida e ao mesmo tempo a entrada aberta ao homem que ha de dar novos impulsos ao trabalho e a investigação.  
(Isto deveria oferecer campo para uma complementação da obra que iniciou o Ministério.)

Para ele haveriam de encontrar dificuldades procedentes sobretudo de prejuizos de ordem social e ainda inconvenientes por parte do mesmo estado que tira das nulidades em conceito



de matrículas e títulos uma respeitável  
quantidade anual.

Porém o socialmente terrível é ~~que~~  
precisamente haver cursado estudos  
e haver chegado a possuir um título  
que não ha de servir mais que para  
perpetuar um deslocamento social e  
profissional.

Para o Estado, o verdadeiramente  
lamentável é ter um grande numero  
de cidadãos reduzidos a uma minima  
expressão de rendimento. Para os centros  
de ensino, os maus alunos constituem  
um lastro terrível.

Tem-se que convencer a todos  
que o interessante não está em formar  
muitos bachareis, muitos médicos, muitos  
engenheiros; mas sim que os bachareis,  
os médicos, os engenheiros tenham capa-  
cidade suficiente para ser dignamente  
o que tem querido ser mediante seus  
estudos.

Portanto convem facilitar a seleção



protetora dos superdotados, um recrutamento de futuros membros da elite

entre os indivíduos que valiam e que restariam seguramente sem valorização. É preciso desenvolver as iniciativas de proteção aos jovens de talento que em Espanha se concretizou principalmente em forma de bolsas de estudo, e que muito cristalizou-se na constituição de alguma entidade de carácter privado. (Instituto de Seleção Escola Obreira de Madrid.)

## V. Como seleccionar os superdotados

Sim se assinalado anteriormente como coisa fundamental o interesse da forma de desenvolver os verdadeiros talentos. Realmente, se as proteções que concedam os organismos de utilidade pública tem que ser distribuídas entre os memorisadores e entre essas inteligências de tipo verbal (que costumam ser a admiração dos professores na aula ou nos bancas de exame), que falam tão bem



de tudo, porém que não sabem  
fazer nada pouco se pode esperar  
do esforço econômico que em tal sentido  
se faça.

É essencial determinar o  
verdadeiro valor dos homens, diagnosticando  
do modo mais científico possível as  
capacidades dos indivíduos.  
O valor individual se mede  
principalmente pela inteligência geral  
pelo poder de resolução de problemas  
e de adaptação às situações novas  
pela tendência à expansividade vital  
e à criação de um porvir melhor,  
e tem que aplicar os métodos científicos  
de que hoje se dispõe para praticar esta  
medida nos indivíduos.

A prática, nem demonstrando  
que as instituições de orientação profissional  
e os centros de seleção de pessoal que  
empregam métodos psicotécnicos,  
oferecem mais garantias para o conheci-  
mento dos indivíduos que os habituais  
tribunais de exame.

Graças aos métodos fundados na



psicologia experimental, as manifestações intelectuais podem ser objeto de avaliação qualitativa e quantitativa capaz de classificar com bastante precisão os indivíduos e de estabelecer entre eles verdadeiras hierarquias de capacidade. Os aspirantes à proteção especial própria para preparar-se para render socialmente numa medida elevada, devem ser objeto de uma classificação a mais solidamente fundada.

Os antecedentes dos sujeitos que se devem examinar, as opiniões de seus mestres, as notas escolares e demais referências de vida, são muito interessantes para conhecimento de suas capacidades; porém é preciso que todo isto se complete com o exame psico-fisiológico direto dos indivíduos.

A observação dos meninos durante o período de sua formação primária, e o estudo que se pode fazer destes dados, pode descobrir muito no que se refere a inclinações e aptidões profissionais.



94  
e capacidades intelectuais.

Porém ficarão seguramente muitas coisas desconhecidas, que podem ter grandes interesses para a vida profissional e para a saúde dos indivíduos no futuro.

Na observação corrente influem muitas os factores <sup>sub</sup>objetivos de apreciação e é preciso procurar a máxima objectividade.

Não deve faltar um exame fisiológico e antropométrico cuidadoso, mer-  
por um especialista que se coloque no ponto de vista médico e de higiene preventiva profissional.

Por outra parte, posto que a psicologia experimental tem dado excelentes meios de exploração e ainda de medida das aptidões mentais e das qualidades individuais que se mostram com alguma dificuldade de exteriorização na vida corrente, devem aproveitar aqueles convenientemente.

Por isto deve praticar-se o exame psicotécnico, que tem a vantagem de colocar o sujeito em uma situação em que não se prejudica nada e na que se o submete a umas provas as mais objectivas possíveis.



em coisas muito difíceis de apreciar por observação superficial.

O mesmo em seu aspecto físico como no psíquico, o exame científico direto do indivíduo se funda sobre o conhecimento da massa dos indivíduos em cada um dos aspectos a examinar situando o sujeito no que se refere ao elemento que se examina no lugar da escala de valores que se haja formado com os indivíduos da massa já examinada. Assim tem-se uma medida relativa precisa, que é o que interessa para determinar quais são os indivíduos de capacidades superiores.

## VI - O conceito do Superdotado

Uma questão que convém assinalar para que os exames dos premonitores superdotados sejam devidamente eficazes é a de que se trata de procurar indivíduos que tenham sobre tudo uma harmonia funcional, que são os que oferecem mais garantias de rendimento social no



futuro. Deve-se ter em conta 95  
que o interessante não é a presença

de uma aptidão especial que pode  
ter-se desenvolvido a custa de alguma  
função primordial, mas uma poten-  
cialidade funcional geral e garantia  
de ação, de utilização das aptidões possuídas.  
Esta garantia há de verificar-se  
principalmente examinando o sentido ideal  
da vida do indivíduo, estudando qual  
é a posição do indivíduo com relação  
ao futuro assim como a harmonia há  
de verificar-se com um exame médico físico  
e em umas provas de inteligência.

Aquele que tenha intuitivamente projetado  
o sentido da vida para o futuro, aquele  
que sinta o interesse pelo que há de ser  
no futuro e o mundo em que vive; o  
que se veja com vontade e estímulo para  
preparar novas situações especialmente se  
tem o dom da previsão é aquele que real-  
mente importa selecionar e preparar para  
um rendimento elevado. Os Ford, Os Cor-  
neley e tantos criadores têm sido grandes  
idealistas, grandes optimistas, o que equiva-



dizer que tinham intensamente profi-

Toda sua vida de realidades presentes  
para o porvir. (Vide "Vida Henry Ford -  
"sua vida e sua obra". Ed. M. Aguilari-Madrid  
2) A. Carnegie - "O domínio dos negócios" Roseenthal  
3) L'Esprit des affaires - J. Payot. Paris. 1925

Parece <sup>ser</sup> que o indivíduo que tem  
orientada sua vida de realidades para  
o futuro, que sabe relacionar o presente  
com as possibilidades do futuro e atua  
em consequência, é o mais inteligente,  
o de mais harmonia funcional e o  
de mais capacidade biológica ou  
seja o melhor dotado.

O homem forte e biologicamente  
superior é aquele que melhor está prepara-  
do para fazer frente às lutas da vida,  
aquele que sabe preparar-se no concerto  
social numa situação completamente de  
acordo com seus gostos e suas aspirações.

Todos os seres vivos são tanto mais  
fortes quanto mais tendências têm, a  
expansão vital, a preparação de um porvir,  
e tantos mais meios para reunem p<sup>a</sup> conseguir  
o que se propozerem.



Por isto, um dos aspectos <sup>sup</sup> importantes do exame que temos que descobrir o superdotado, além disso a parte que revele o estado de integridade física e a posse de um grau elevado de inteligência, ha de consistir em procurar sintomas de uma vida profitada para o porvir.

Um robustez física e sem um nível intelectual superior a' média dos indivíduos da propria idade e condição, não se pode ser superdotado, se o individuo não tem desejo de ser, de devenir (tomar) de desenvolver sua vida e de estender sua influência sobre as coisas, também carece de uma condição essencial para ser superdotado.

O individuo que possui em alto grau uma determinada aptidão especial de aplicação profissional para que tenha possibilidades de êxito no exercício da profissão correspondente, e' preciso que esteja sadio e que tenha uma inteligência geral para que possa valorizar aquela aptidão. O pintor, o literato, o musico, por maior



que seja o temperamento artístico  
que possuam si necessitarem de uma  
certa harmonia funcional, não produ-  
zirão mais que extravagâncias.  
Por isto, o superdotado, si  
bem que se distinga pelo entusiasmo  
que lhe dá seu olhar para o ideal,  
não ha de ser confundido com o  
visionário, com aquelle que padece  
hipertrofia de projeção para o futuro  
à expensas das realidades presentes.

Contra o que creem alguns, o  
superdotado não pode ser como a  
planta que cresce rapidamente sem  
fortificar bastante suas raizes e sem for-  
tificar as fibras de seu caule, que cae  
ao sopro do menor vendaval.

Tampouco ha confundir-se  
o superdotado com o critico irrete-  
rado, com o censor agudo que subme-  
te a seu juizo sagaz tudo o que fazem  
os outros, porem sendo ele incapaz  
de fazer nada. Tão pode ser  
inteligente e estar muito robusto,  
porem precisando de ideal que os irrite



a caminhar para um porvir  
resultam estereis estes datos.

Socialmente falamos, vale mais  
pecar por idealista. O sábio, o inventor,  
o inovador têm seus momentos de arde  
no vale e vem das civilizações e os  
movimentos de impulso na carreira do  
progresso.

Por isto, ao lado do exame  
que informe sobre o nível intelectual  
terá que ver si o presumido superdotado  
tem suficientes imaginação inventiva  
força de vontade, optimismo, idealismo  
e sentido social que garantissem a  
aplicação de suas aptidões.

Por ultimo ha que considerar  
que não existe um tipo uniforme de  
superdotado, noem podem ser estabe-  
lecidos em tres grupos.

a) Superdotados gerais: Inteligência  
geral elevada. Grande equilibrio de apti-  
dões e de funções que por sua combinação  
harmônica dão um tipo superior.

b) Superdotados específicos: Inteligência  
geral normal. Grande predomínio de determi-



nadas aptidões especiais com um mínimo de equilíbrio funcional

c) Superdotados mistos: - Inteligência geral superior à média e certo predomínio de aptidões especiais determinadas com bastante equilíbrio funcional.

## VII - Os serviços públicos de orientação profissional na seleção do superdotado.

Em Espanha ainda que na atualidade são poucos os centros dedicados ao serviço público de orientação profissional, graças ao impulso dado pelo Estatuto de Formação profissional de 1928, existem uma série de Laboratórios-Oficinas nos povoados mais importantes, onde os jovens podem submeter-se às provas de capacidade e de aptidão com todas as garantias que possa oferecer a ciência. Para obedecer a um plano de conjunto, os trabalhos sob o controle científico do Inst. Psicotécnico de Madrid e de Orientação profissional de Barcelona, e por estar submetidos



a umas mesmas normas administrativas, estes centros são os que terão que realizar o trabalho principal de seleção dos superdotados espanhóis. No mesmo tempo existe em nosso país alguns estabelecimentos públicos e privados que por terem dedicado uma certa atenção aos estudos de psicologia experimental e de preparação geral dirigida a preparar para os jovens uma educação melhor, talvez poderiam colaborar na formosa tarefa de descobrir talentos e aptidões supernormais.

Em alguns, suas preocupações puramente científicas e docentes, e em outros suas miras excessivamente parciais supõem um movimento para uma colaboração eficaz ao desenvolvimento da obra, já que eles estão espalhados muito irregularmente pelo país, trabalhando em ambientes completamente díspares e é difícil estabelecer com eles um plano coordenado sem se tomarem como centros de ação. Porém podem prestar grande serviço como estabelecimentos auxiliares.



As Oficinas-Laboratórios de

Orientação profissional que nasceram no  
amparo do Estatuto de Formação profes-  
sional, têm a grande vantagem de  
constituírem um conjunto orgânico  
e de trabalhar já nestas atividades  
selecionadoras para os centros de ensino  
e para o público. Elas são as cha-  
madas a recolher as possibilidades cola-  
borações de outros centros a reunir esforços  
dispersos e a promover a valorização  
das capacidades humanas para  
promover a valorização das capacidades  
humanas para proveito do país, onde  
encontrem ocasião para elas.

Devem realizar-se miles? de  
exame de indivíduos e estão iniciadas  
na função de buscar entre os temas de  
examinados os que oferecem mais garan-  
tias de aproveitamento social de ensino  
ou dos auxílios económicos que se lhe  
concedam. A maioria dos Patronatos  
locais de Formação profissional que existem  
em todas as populações onde funciona



Onde se vai criar algum centro de ensino técnico obreiro, tem confiada a tarefa de classificação dos alunos e a seleção dos que não de desfrutar bolsa de estudos e outros auxílios econômicos.

Alguns centros que não têm Oficina Laboratório de Orientação Profissional mandam examinar seus alunos na Cf. Lab. mais próxima.

Ainda que no mencionado decreto de Instrução Pública de 7 de agosto de 1931 sobre alunos selecionados não se conta para nada com os serviços das Cf. Lab. de Or. Prof. estas são as chamadas a redigir tarde ou cedo esta classe de seleção. A omissão que teve o Ministério de Instrução Pública e Belas Artes ao redigir esse decreto não pode obedecer mais que ao fato de depender do Ministério do Trabalho aquelas Cf. Lab. no momento em que o decreto foi feito. Mais tarde passaram ao Ministério de Inst. Pub. junto com todos os centros de ensino técnico e de formação e de aperfeiçoamento profissional, e parece que as Oficinas Labor. vão ser encarregadas



de participar diretamente na matrícula seletiva que lhes corresponde.

Para julgar da importância que tem este tantas vezes citado decreto para a solução do problema dos superdotados e do papel que poderão desempenhar as Cf. Labor. de O.P. na execução do mesmo será bom repassar seu articulado:

art. 1- A matrícula em todos os centros docentes dependentes deste ministério será gratuita para os alunos selecionados.

art. 2- Os alunos selecionados de posição económica insuficiente p<sup>a</sup> seu sustento, durante o período de estudos viverão em residências por conta do estado ou receberão dele o conveniente subsídio. A insuficiência económica será devidamente controlada, constante na proposta a ocupação do pai, seus ingressos, os recursos integrais da família número de filhos e seus encargos tributários. O pai certificará a veracidade destes informes sendo avaliada a declaração pelo alcaide da



cidade onde reside o selecionado  
Toda declaração reconhecida

113

como inexata supõe-se a' o selecionado exonerado.

Art. 3º Para o passo do ensino primário nos Institutos considerando estes não como lugares para preparar homens de carreira, mas sim também como centros para desenvolvimento integral da melhor juventude do país, o exame de seleção tenderá a descobrir no selecionado estas aptidões: a inteligência, o caráter e a energia creadora. Estas serão determinadas: a) pela ficha (si e que existe) do aluno que compreenda as observações realizadas pelo mestre durante os quatro anos da vida escolar; b) pelas notas obtidas nas matérias distintas; c) por uma prova psicológica que evidencie a qualidade das aptidões exigíveis; d) e em todo o caso, pelos informes razoáveis do mestre nos que se reflète o histórico escolar do aluno.

Art. 4º Selecionados pelos mestres os alunos que considerem com as devidas aptidões e certificados estas devidamente



encaminharão?  
curso nas propostas ao Ministério  
de Inst. Pública e a seguir ao

As propostas acompanharão - a) Acta  
de nascimento do seleccionado. b) Os  
testemunhos de aptidão certificados  
pelos professores que se indicam  
no cap. 3.º - c) a determinação de si se  
deseja a matrícula gratis, o internado  
ou o subsídio, e si estes terão que  
ser sustentados pela família ou  
pelo estado; d) os certificados sobre  
as possibilidades economicas da fami-  
lia a que fazem referência os dois últi-  
mos paragrafos do art. 2.º - e) o certificado  
medico sobre a condição física do  
seleccionado; f) indicação do centro docente  
onde deseja ingressar.

Art. 5.º - Os seleccionados pelo Instituto  
para cursar nas Universidades deverão  
ser pelo acordo unanime do Claustro  
e proposta deste ao Ministerio

Art. 6.º - Todos os cursos, o mesmo  
nas instituições de ensino secundario  
como nas de ensino superior, poderão  
considerar-se como eliminatórias si o



aluno selecionado não evidencie  
as aptidões que se acreditam indis-

pensáveis para a seleção e que em  
princípio se suporão ou se não  
notes. A eliminação terá que ser pro-  
posta ao ministério pelo Claustro  
em sua reunião de apreciação.

Art. 7.º Institue-se no ministério  
um Comité superior de seleção, integrado  
pelas seguintes pessoas: o sub-Secretário  
de Instrução Pública, que presidirá; o  
diretor geral do Ensino Primário; o reitor  
da Universidade central; o presidente  
das Missões Pedagógicas; o presidente  
da Junta de Ampliação de Estudos; o  
diretor do Museu Pedagógico Nacional;  
o presidente do Conselho de Instrução Pub.  
ou um delegado destes; dois professores  
de psicologia, dois de Pedagogia e dois  
mestres de ensino primário. Este comi-  
tê se reunirá na primeira quinzena de  
agosto e terá feito seu ditame sobre  
alunos selecionados, antes de 15 de set.

art. adicional - Para o próximo con-  
curso destinam-se aos selecionados as



importâncias adequadas - ~~em~~ ~~uma~~ ~~outra~~ ~~parte~~ ~~do~~ ~~trabalho~~ ~~em~~

Como se vê o texto anterior, faltam órgãos técnicos para fazer uma seleção científica dos alunos. Socialmente, são as instituições de orientação profissional as chamadas a dirigir a obra de seleção e proteção dos superdotados já que elas são as encarregadas de promover a distribuição dos homens pelas diversas atividades segundo suas aptidões naturais. Tecnicamente não há dúvida de que os centros especializados, dedicados concretamente a orientar aos jovens não de ser melhor preparados para tal obra. Portanto a elas haverá de confiar-se a parte principal do trabalho seletivo.

? Como realizarão os centros oficiais de orientação profissional o trabalho de seleção dos superdotados?

Em primeiro lugar, como têm seus serviços abertos ao público por seus laboratórios e oficinas, não de passar um sem número de jovens



entre os quais tem que haver  
superdotado. Nesta linha, em nosso  
país os jovens acodem ao serviço de  
orientação profissional de uma ma-  
neira espontânea ou quasi, já que não  
costuma mediar mais que a indicação  
ou o conselho dos mestres e o bom  
critério dos pais. Os centros de  
formação profissional costumam  
levar os seus alunos a passar as provas  
de aptidão que servem para distribuí-  
los nos diversos ramos profissionais que  
se cultivam neles.

Algumas escolas primárias fazem  
exgymnal também pelas Oficinas Laboratórias  
os alunos que terminam o período escolar  
com objeto de dar-lhes um conselho de  
orientação profissional nesse momento  
decisivo de sua vida. Os demais acodem  
em completa liberdade; porém <sup>entre</sup> estes  
o maior contingente de frequência  
o dão por uma parte, os anormais  
deficientes que são levados por <sup>sempre</sup>  
a consulta do serviço de orientação  
porque os vêm na idade de trabalhar



e não sabem que fazer com eles.  
E por outra parte dão também

um contingente proporcionalmente  
grande de consultandos os super-  
normais ou os que se têm manifestado  
com dotes excepcionais em algum  
setor, nos quais as famílias nem  
a possibilidade de desenvolvimentos  
ulteriores.

Por tanto as instituições de orientação  
profissional em sua própria função  
geral estão chamadas especialmente  
para intervir nos casos de aptidão  
especial. Sempre que em seu trabalho  
se encontrar com um indivíduo de  
dotes sobresalientes terão as provas com-  
plementares para ver si se trata de um  
superdotado em cujo caso darão  
a família o conselho de orientação  
correspondente ou intervirão para que  
o jovem receba a ajuda social que  
mereça si a família não conta com  
recursos para proporcionar-lhe o trata-  
mento educativo conveniente.  
Por esta missão das instituições



de orientação profissional não se limitará somente a ação direta acerca do consultando que acode espontaneamente a suas oficinas e laboratórios, às vezes em uma idade demasiado tarde para que o superdotado possa receber a educação.

Ademais, os meninos do campo acodem e acudirão muito dificilmente às Ofic. Labor. situadas forçosamente nos núcleos de população de alguma importância e por tanto demasiado distantes do campo. Por isto a maior parte do trabalho de seleção de superdotados terá que se fazer pelas instituições de Orientação profissional em missões especiais de busca e pesquisa fora de seus lugares.

As escolas primárias campezinas e os centros rurais de ensino pre-profissional (escolas de caráter agrícola e técnica do segundo ensino), constituirão os melhores campos de operações para os psicotécnicos dos serviços de Orientação em seu trabalho selecionador de superdotados.

Ali se poderão praticar provas em massa com o material previsto e se



podem utilizar a classificação dos mestres que ha de ser muito interessante.

## VIII - A escola na seleção de superdotados

Indubitavelmente a escola é um lugar excelente para manifestar-se os superioresmente dotados. Os trabalhos escolares sobretudo se obedecem a necessidade que o aluno sente, e dizem-se práticos em condições normais de espontaneidade e de iniciativa, dando lugar por conseguinte a experiências muito reveladoras da personalidade. Um professor observador dotado de espírito científico para submeter a controle rigoroso as manifestações dos alunos na realização de seus trabalhos, pode muito bem dizer quais são os destacados de sua classe. Porém muitas vezes, mesmo



espírito de observação o professor se equivo-  
 ca sobre o valor dos alunos como se  
 equivocaria o psicólogo que examina aos  
 indivíduos com provas científicamente  
 elaboradas, si não se dirigira exatamente  
 a explorar as capacidades individuais  
 que fazem o indivíduo superdotado.

Nas escolas se aprecia com bastante  
 frequência, mais que o valor pessoal de  
 criação, de invenção de adaptações às  
 situações novas, o poder de retenção (memória)  
 e a aptidão para aceitar ou assimilar  
 passivamente as criações ou adaptações  
 dos demais.

Este tem grandes inconvenientes ao tratar  
 de julgar o valor ou o merecimento  
 dos alunos.

Não queremos dizer com isto que  
 certas qualidades que costumam apreciar  
 os professores como melhores nos alunos  
 (boa memória, docilidade, submissão) sejam  
 de valor negativo nem tão só nulo e  
 portanto podem ter-se em conta na



seleção de superdotados. Talvez outras como a laboriosidade e a aplicação que costumam considerar-se de um modo especial nas escolas, poderiam ser mais rendadoras.

Porém o juízo do professor sobre o aluno continua estar muito influenciado por fatores subjetivos, e ainda que seja dirigido à apreciação das capacidades de verdadeiro valor não só basta a simples observação e há que recorrer as provas psicológicas cientificamente elaboradas.

Existem professores especialmente preparados nas técnicas da psicologia e da Pedagogia experimentais que podem realizar por si mesmos as provas científicas de aptidão.

Nestes casos se reúnem em uma só pessoa o observador e o experimentador e se pode chegar a uma conjunção feliz de elementos de intuição, de impressão global e de dados de comparação e medida.



Sem embargo não é frequente tal preparação entre os professores e geralmente - in a raras colaboração desta com o pessoal especializado dos Serviços de Orientação profissional.

Por outro lado, sempre que se trate de fazer seleção entre alunos de uma escola ou entre pessoas procedentes de um centro de ensino, o pessoal especializado das Oficinas Laboratórios de Orientação profissional encontra nos professores colaboradores excelentes, sem os quais o trabalho seletivo faz-se com grande dificuldade. Estes podem dar sobre os indicados, indicações muito interessantes que nas provas psicotécnicas são as mais difíceis de obter, tais como as que se referem à laboriosidade, força de vontade, idealismo, que denotam em certo modo uma profusão da vida do indivíduo para a expansão e uma preparação para um porvir melhor, sinais evidentes de superioridade biológica e social, segundo se viu antes.



Em Berlim, os primeiros anos, a seleção de superdotados foi feita por psicotécnicos somente (sob a direção de Moede e Piorkowski), porém logo se deu intervenção aos professores e desta colaboração entre professores e psicotécnicos tem saído resultados muito satisfatórios. O mesmo ocorreu depois em outras várias cidades que tem estabelecido a seleção de superdotados demonstrando-se com isso que os dados e as apreciações dos professores são muito estimáveis ainda que necessitem acompanhar-se dos resultados das provas científicas.

Em algumas localidades que tem praticado seleção de superdotados tem se procurado a correlação entre as apreciações dos professores e dos resultados dos testes, elegendo-se o regime especial de superdotados aos que oferecem a correlação maior dentro das qualificações altas. Isto é indubitável



mente um processo <sup>muito</sup> seguro e provavelmente e' o melhor que podemos propor para adotar em nosso pais para a procura dos individuos superiores.

Praticamente parece que este processo permitiria que os professores fizessem uma pre-çleição de individuos os quais seriam submetidos ás provas psicológicas deixando ao resto dos alunos sem passar por estas provas.

Porém é recomendavel o exame do maior numero possível de individuos com objeto de que não reste algum positivo valor que tivesse permanecido ignorado do professor, ou que tivesse ficado relegado por motivos de ordem

Pensar-se que separar somente os que não ferem nenhuma duvida sobre sua inferioridade procurando que as provas científicas permitam que os individuos se manifestem.



IX - As <sup>atrasadas</sup> instituições ambulatorias  
p<sup>o</sup> a seleção do superdotado

Temos falado dos jovens que podem apresentar-se nos Cf. Labor. de orientação profissional que funcionam já em diversas localidades; nos temos referido também ao trabalho que os serviços de Cf. Prof. podem realizar em colaboração com as escolas locais. Porém, como vai sempre o trabalho relativo nas escolas dos povoados que não contam com Cf. Labor. de orientação profissional, não têm fácil acesso a nenhuma delas, e como se vai examinar as crianças de lugares afastados que apenas podem ir à escola? É indubitável que entre os jovens dessas <sup>escolas</sup> e desses lugares podem existir indivíduos de grande valor para o Tesouro social do país. Precisamente entre os merinos criados no ambiente natural, no campo



e na montanha se encontram proporcionalmente mais superdotados que entre os que se criaram na cidade. É um facto comprovado que as cidades dão um tanto por cento maior de debus mentais e de deficientes de toda a ordem.

No campo, os jovens costumam ser mais fortes, mais robustos, mais equilibrados. As provas de inteligência têm revelado neles certa inferioridade em aspectos cujo desenvolvimento está influenciado pela cultura e o ambiente industrializado e evoluído, porém no que se refere propriamente à capacidade intelectual e à base para ulterior desenvolvimento, tem mostrado geralmente uma superioridade.

Somente com isto bastaria para pensarmos muito seriamente nos superdotados que vivem em ambiente rural e que ficaram produzidos e que o país poderia pedir-lhes e que



tão gostosamente dariam.

Porém tem-se que ter ademais que o homem de capacidade superior encontra na cidade muito mais meios para seguir por si mesmo o caminho adiante na valorização de suas aptidões naturais.

Em troca o que vive em ambiente rustico, longe dos habituais meios de cultura, e pouco em contato com os elementos estimulantes da evolução e do progresso, encontra dificuldades quasi invencíveis no desenvolvimento e expansão de suas capacidades latentes e as mais das vezes morre sem ter dado mais que uma minima parte de suas possibilidades de rendimento.

Daí tem-se que pensar muito seriamente na seleção dos superdotados do campo; não para roula-los a terra matriz e transportá-los para a cidade, mas sim para



dar-lhes meios com que desenvolver  
suas capacidades e fazer que apliquem  
estas para o melhor proveito coletivo.

Suas aptidões especiais dirão si é  
conveniente que se apliquem no mesmo  
reio dos campos onde tanto faltam  
indivíduos de capacidades superiores  
comvenientemente preparados e tenham  
em técnica e adaptação científica o que  
em capacidade ~~de~~ natureza lhes deu.

Com objeto de que a ação selecio-  
nadora e protetora dos superdotados se  
estenda devidamente ás zonas rurais e  
penetre até os lugares mais afastados  
pode estabelecer-se um serviço ambulante  
dependente das Inst. de Or. e Seção Profissional  
como se fez o diretor do Instituto  
Psicológico de Madrid Don Cesar Madariaga

Hoje não fica já apenas lugar  
em Espanha que não tenha sua estrada  
facilmente transitável pelo automóvel;  
os caminhos todos têm melhorado nota-  
velmente seu estado e não seia



seria difícil estabelecer Lab. Ofic. de Or. profissional e de Seleção de superdotados em caminhonetes especiais<sup>te</sup> dispostas para isso. Mas só caminhonete bastaria p.<sup>o</sup> trasladar o pessoal e o material indispensável para o Trabalho de orientação e seleção e poderia prestar serviços em uma área segura<sup>te</sup> maior que a que se encerra nos limites da provincia tendo em conta que em muitos casos não se teria necessidade de ir a cada povoado porem se poderia estabelecer centros onde estacionaria o Lab. Ofic. ambulante e receberia os individuos dos lugares vizinhos

Por outro lado, talvez podesse contar com os laboratorios psicoteoricos ambulantes dos ferrocarris que as Companhias ferroviarias de varios paises têm já para a seleção de seu pessoal e que em Espanha se multiplicaram seguramente tambem dentro em pouco. A rede de vias vai se estendendo



com relativa rapidez nestes ultimos  
 anos e proporciona acesso a comarcas  
 onde difficilmente podera estabelecer-se  
 um centro ~~predominante~~ de orientação pro-  
 fissional. O trabalho de seleção de  
 pessoal ferroviario não seria seguramente  
 incompativel o trabalho de seleção de  
 superdotados e si esta incompatibilidade  
 existia não haveria seguramente grandes  
 dificuldades em fazer circular pelo  
 país uns coches laboratorios destinados  
 a procurar individuos de superior capa-  
 cidade, ao largo das linhas ferroviarias.

É indubitavel que o trabalho  
 de seleção no campo se faz mais difficil  
 e talvez seja mais dispendiosa que nas  
 cidades; porem mesmo prescindindo de  
 que no campo é mais necessaria que na  
 cidade a ajuda ao individuo de dotes  
 superiores tem-se que ter em conta  
 o dobro bem que se faz com uma  
 penetração desta natureza si se orienta  
 os selecionados para a valorização da terra



com a melhora dos cultivos e rendimentos  
 mediante uma preparação profissional  
 agrícola tem fundamentação de valor  
 e a Espanha necessita talvez mais  
 que muitos outros países que dispo-  
 ão de homens para contribuição elementos  
 valiosos para aproveitar o que a divina  
 e a solo lhe oferece com prodigali-  
 dade e não há dúvida que a elevação  
 do nível cultural e técnico do camponês  
 de capacidade superior há de cons-  
 tituir um firme ponto de apoio para  
 levantar o nível (palestra) da prosperidade  
 e da riqueza do país.

### X - Problemas de educação do superdotado

Uma vez descoberto o superdotado,  
 que deve fazer-se com ele?

Que proteção e que educação se  
 lhe dará?

Este é o problema de maior trans-



rendência dentro do tema que nos ocupa nesta terceira parte do trabalho.

Em uma série de questões que se deve analisar o maior cuidado

com primeiro lugar se nos apresenta a questão da abreviação dos estudos para os superdotados.

Tem existido e existem partidários de estimular a precocidade intelectual e cultural havendo se distinguido especialmente Sidis que conseguiu que seu filho aos doze anos passara os exames de matemáticas superiores na Universidade de Harvard - (Sidis publicou em 1911 um livro: "Philistine e gênios" que despertou vivo interesse.)

Com nosso país, por razões de entrada prematura como Escalafoni? e em carcerias onde se cotiza a antiguidade existe bastante tendência para a abreviação dos estudos ainda nos indivíduos que estão <sup>se</sup> lejos de possuir capacidades superiores e todos conhecemos



os resultados funestos que se acarretam com isto para a formação geral e profissional dos indivíduos.

Os superdotados podem indubitavelmente fazer uma abreviação em melhores condições que os demais e podem também chegar a melhores resultados.

Porém, *diversa* fazê-lo?

Ha pontos de vista que nos levam a pensar melhor na intensificação educativa e na complementação da formação geral e profissional. O superdotado mais que uma ação educativa rápida e curta parece necessitar uma formação lenta e prolongada, ~~por sua~~ <sup>em</sup> vez de profunda e intensa.

*vide sup* → O curso abreviado, a carreira rápida não permite mais que uma visão superficial. O individuo de capacidade superior poderá fazê-lo sem inconveniente para entrar em pouco tempo em posse de um título ou de



(2) Nota 3.ª  
m.º Lem. 2.ª e 3.ª  
resol. m.º 1.ª e 2.ª

mas conhecimentos que os demais demoram bastante para adquirir. Porém isto não quer dizer que se ponha por cima dos demais em preparação num talry tão pouco em capacidade produtiva.

A formação abreviada faz que fiquem nele, sem desenvolver setores funcionais que têm melhor dotados que os demais indivíduos e que por não exercitarem se perderão seu valor.

A carreira apressada faz ganhar em tempo para perder em energia.

Nela a superdotado consome as qualidades que fazem sua superioridade para colocar-se no lugar dos demais antes dos demais; deixa de aproveitar muitos elementos de aprofundamento e de visão pessoal das coisas para obter uma compensação de velocidade.

(Sub) observação à margem: "Há nesse problema além de uma questão fisiológica de maturidade cerebral, outra importantíssima, de maturidade de experiência. E estas não se improvisam nem se precipitam."



Qual dos caminhos, o da abreviação (superficial) ou o da preparação completa (profunda) é mais conveniente para os superdotados desde o ponto de vista de rendimento social?

Em alguns casos talvez seja melhor o primeiro; em outros, seguramente será bom combinar os dois; porém a maioria das vezes será de recomendar a formação profunda a preparação complementar da

O superdotado oferece possibilidades de criação, de visão pessoal de adaptação nova e tem se que procurar dar-lhe o espaço e o tempo necessários para que estas possibilidades se possam em realidade desenvolver.

~~O superdotado oferece possibilidades de criação~~

Mais que chegar rapidamente ao desempenho de uma função que os demais homens desempenhar também, interessa à sociedade que os superdotados



criem e produzam algo de novo.  
 Logo depois a ação educativa do  
 homem superior não ha de limitar-se  
 a procurar que este siga rapidamente  
 os passos que seguem os demais  
 nos estudos. Isto poderia fazer com  
 os estudos pudessem continuar por  
 graus superiores, para chegar  
 diretamente a's mais elevadas ativi-  
 dades sociais.

Porém, como os sistemas  
 educativos em uso deixam sem culti-  
 var aspectos de desenvolvimento que  
 darão valor ao superdotado, tem-se  
 que o melhor para a intensificação  
 um profundidade tem procurado-se  
 grande coisa para chegar rapidamente

Dai, mais que pelo sistema  
 de promoções especiais para o passo  
 rápido de um grau a outro do ensino  
 nos inclinaremos pelo da formação com-  
 plementar e o trato educativo especial.  
 Assim, proporemos uma formação



primária especial para os superdotados  
~~pre-adolescentes~~, um trabalho pessoal  
~~passivo~~ que amplie o trabalho dos  
cursos e todo um regimen de viagens  
de complementação de estudos, etc.,  
que proporcione meios de educação e de  
preparação profissional e científica de  
que se carece no desenvolvimento corrente  
dos estudos.

Outro problema muito importante  
na educação dos superdotados é o  
da especialização? Tem-se que fazer  
uma educação geral extensa ou bem  
tem-se que ir logo para a especialização?

Os partidários dos estudos  
especializados costumam coincidir na  
tendência marcada para a pronta  
especialização. Procuram que a formação  
profissional comece o mais cedo possível,  
fazem que se entre no segundo ensino  
e logo no superior, enquanto as <sup>recomendações</sup>  
disposições legais o permitem.

Em troca, os partidários de uma



formação profunda tendem geralmente a retrazar a especialização e a fomentar em intensidade e em extensão a base em que houvera de descansar a especialidade.

Ambas as direções têm vantagens e inconvenientes. Os superdotados, pela geral precocidade com que costumam aparecer suas capacidades, podem entrar na especialidade antes dos outros, e como que é precisamente na especialização profissional onde pelo certo rende socialmente, se aprendem pronto a proficiência e se iniciam no que ha de ser a especialidade de sua vida, começarão a render antes da idade que os outros requerem.

Porém a pronta especialização limita o campo de ação do superdotado; a formação unilateralizada deixa sem desenvolver uma margem grande de possibilidades que no superdotado significam elementos de rendimento superior; em potencia.

Pelo contrario, a formação geral da



na época do pleno desenvolvimento sig-  
nifica a extensão do campo de ati-  
vidade individual, facilitando o  
desenvolvimento das capacidades de  
toda ordem que se encontram no  
indivíduo e que este depois utilizará  
para fundamentar melhor a espe-  
cialidade.

Uma formação<sup>2</sup> geral demorada e  
acuidada retrazará o exercício profissional  
ou seja a placará?, algo a entrada no  
período de rendimento cōtizable, porém  
preparará para uma produção superior  
em quantidade e em qualidade.

Para resolver de uma maneira  
algo categorica o problema tem se que  
adotar-se como ponto de vista psico-fisio-  
lógico e justo que o que se pede ao  
superdotado é o rendimento social, tem  
se que ver como renderá social-  
mente: se deixando-o sem desenvolver certos  
setores para automatizá-lo em uma espe-  
cialização<sup>2</sup> prematura, ou bem desenvolvendo-



he suas diversas capacidades de ~~deixar~~ para  
 mais tarde os automatismos fixados e  
 paralisadores do decurso ~~vinte~~ posterior  
 com os outros acreditamos que ha de  
 dar um maior rendimento social ao  
 individuo que desenvolveu todas suas  
 aptidões naturais no seu devido tempo  
 que aquelle que deixou sem desenvolver  
 uma grande parte delas para hipertrofia,  
 as que se pegam a especialidade.

Por isto nos inclinamos ainda que  
 sem exclusividade, por uma formação  
 geral bem cuidada antes de toda especia-  
 lização e de toda formação profissional  
 de superdotados, ainda que se tenha que  
 recorrer a um regimen educativo especial

XI - Escolas especiais de formação  
 geral para superdotados.

Os seleccionados que estejam dentro  
 da idade chamada escolar, ou seja



de menos de catorze anos e que necessitem portanto uma formação primária fundamental, terão de ser educados em estabelecimentos especiais, já que não encaixam nos moldes da organização geral do ensino.

Uma das primeiras condições que ha reunir a educação do superdotado especialmente no periodo mais ativo de seu desenvolvimento é a de procurar a robustez e garantia de saúde.

Os superdotados de inteligência correm geralmente o perigo de um desequilíbrio funcional devido a hipertrofia mental.

Se a educação não procura os meios de estabelecer a harmonia pondo um contrapeso pelo lado fisico, o individuo pode muito facilmente unilaterar-se ou succumbir.

Por outro lado, a sociedade pedira dos superdotados um trabalho de grande rendimento. Uma vez os seleciona e os



ajuda em sua educação, exige deles uma produtividade que só no caso de possuir a robustez física convenientemente preparada resistir?

Por bem, como dar aos superdotados os elementos necessários para assegurar sua robustez e seu normal desenvolvimento físico? Nada melhor que situá-los em pleno ambiente natural no campo onde por outro lado poderão proporcionar-se-lhes as atividades fundamentais para seu desenvolvimento intelectual.

Se se deseja fazer uma educação verdadeiramente equilibrada e fundamental, as escolas especiais de superdotados não de ter o caráter de colônia campestre de atividade variada.

O contato com os elementos naturais, ar e sol, as singelas atividades do ambiente rural, bem ao alcance da compreensão e da vida dos adolescentes proporcionarão o melhor ambiente para seu desenvolvimento integral.

A vida tecnificada e especializada



das cidades não daria os elementos que fazem falta para uma educação fundamental, nem constituiria ambiente adequado para uma mentalidade que tem de passar pelas fases pouco complicadas da vida social campestre, antes de chegar ás formas sociais evoluídas que oferece a cidade.

A colônia de educação situa da no campo não longe e facilmente comunicavel com a cidade tal como se descreve em uma obra premiada e publicada pela Academia de Ciências Morais e Politicas no precedente concurso ao Premio de S<sup>ta</sup> Maria de Horta (Cyse Mallat - Colonias de Educacion p<sup>a</sup> formação geral e profissional e p<sup>a</sup> readaptação social - Academia de Ciências Morais e Politicas - 1930) poderia oferecer a vida de atividades de caracter qual que necessita a formação primaria dos superdotados e poderia iniciar na vida evoluída que terião



mais tarde a maioria dos indivíduos sem que por ele se chegue a uma especialização prematura

Na colônia, os superdotados terão uma educação plenamente ativa.

Em vez de receber passivamente lições, resolverão problemas e terão constituição em vez de ouvir as palavras ~~postas~~ dos professores, escutarão a linguagem viva das coisas; em vez de sumir-se nas nebulosidades da lógica abstrata do livro e da cátedra, se familiarizarão <sup>se-ão</sup> com a lógica dos fatos. Ali, dos trabalhos concretos, de finalidade sentida estimularão, a adaptação. O cultivo das terras, as ocupações variadas do laboratório e da oficina, a documentação na biblioteca, a consulta no momento que faz falta o dato, a copia de conhecimentos ou dos elementos científicos para conseguir determinado objetivo que interessa ao aluno, constituirão a atividade da escola de formação geral p<sup>a</sup> os superdotados.



Essa chamada "educação ativa" que se deseja como ideal para os meninos normais, ha de ser a que se adote em sua maior pureza e perfeição para a formação dos supra normais.

Em realizar o ideal de "escola ativa" para todos representa um gasto e um trabalho de adaptação que não se pode fazer em poucos anos. Realizar este ideal para os superdotados significa um pequeno esforço momentâneo que haveria de ser amplamente compensado em pouco tempo.

Agora bem não todas as pequenas comarcas possam ter sua "colônia de educação de superdotados", nem é talvez possível que de momento se acredite sequer de alguma importância.

Sem embargo se pode pensar para um porvir imediato em colônias regionais e talvez em colônias



regionais provincianas e ainda em  
comarcas naquelas zonas mais povoadas.  
Ali se concentrariam os super-  
dotados menores de catorze anos pertencen-  
tes á zona, submetendo-se ao regime  
educativo adequado.

Para a maioria deles haveria  
que solucionar o problema do aloja-  
mento e da separação das famílias.

O internato dos alunos apresenta  
vários inconvenientes. Os pais costumam  
resistir á separação de seus  
filhos e se muitas vezes o fazem por  
motivos sentimentais em outros têm  
a fina compreensão de que o internato  
se não vai rodeado de um sério  
perigo para a educação.

Por uma parte, o trato discipli-  
nar que se dá á massa de alunos,  
obrigando a uma regulamentação que  
deixa a iniciativa, ou intervindo nos  
detalhes que haveriam de quedar no  
domínio da vida íntima dos indivíduos



faz que muitas vezes, se perca a consciência moral e se busquem derivativos que uma vida autónoma rechaçaria.

Por outra parte, a falta de ambiente familiar costuma desviar a vida afetiva e faz perder aqueles hábitos singelos próprios da vida do lar.

O regimen de coletividade desindividualiza e despersonaliza, e se o individuo não tem uns pedaços de recolhimento de vida pessoal, corre o perigo de amular-se na massa.

Porém estes inconvenientes evitar-se-iam em grande parte e os pais resistiriam menos a separar-se de seus filhos se tivessem consciência de que a saúde moral e física destes não de ficar garantida. Poderão dar esta garantia, os poderes públicos poderiam incluso obrigar a que os superdotados se ausentassem temporariamente.



riamente de seus pais para fazer a formação geral que ha de dar a base do rendimento social que deles se espera.

Por isto o regimen de estadia dos alunos na colonia seria de lar, no qual teria uma liberdade vigiada e uma intervenção educativa indirecta

Nele desempenharia um papel importante a constituição de pequenos grupos familiares ao redor das familias dos professores e das pessoas oferecessem plena confiança desde o ponto de vista da educação moral.

Desta maneira, a vida privada individual estaria em harmonia com o plano de educação da colonia e se evitariam as influencias malvas que costumam exercer o espetaculo da rua e ainda as vezes o mesmo lar, em contraposição com a obra da escola e os <sup>seus</sup> perdotados preparariam em pleno jogo de simples atividades agricolas industriais e científicas.



de caráter fundamental, o passo para a especialização e a formação profissional.

## XII - Formação profissional e iniciação científica dos superdotados

Uma vez tenham a preparação geral ou tenham passado a idade de formação primária, os superdotados terão de ser seguidos em sua iniciação profissional. Deixaremos a parte a questão da ajuda econômica que o mesmo que na preparação geral ha de fazer-se sem reparos.

Porém se nos apresenta também o problema da ajuda técnica para seu desenvolvimento, e com ele, questões parecidas às que nos plantamos ao tratar da formação geral.

A primeira é esta:

? Lequirão os indivíduos os planos



ordinários de ensino profissional ou bem se faria para eles um regime especial?

De uma maneira geral não haveria inconveniente em que os superdotados sigam os planos de ensino secundário e profissional estabelecidos para todos se forem o ~~suficientemente~~ estimulantes.

Porém como estão adaptados a uma média de alunos de capacidade normal não proporcionam bastante elementos de desenvolvimento e de formação para os superdotados. O pior está em que esta adaptação está feita com uma rigidez que apenas permite amoldar-se às circunstâncias que criam os casos especiais.

O ideal seria montar uma ordem especial de formação secundária e profissional de superdotados. Na Austria se fez em parte criando a margem da organização escolar secundária uns Liceus nacionais (quatro para meninos e 2 para meninas) dependentes imediatos da Direção do Ensino



aonde se iniciam gratuitamente em  
alta cultura 1700 internos e muitos externos.  
Porém isto talvez não possa  
fazer-se por enquanto em nosso país.

Se a formação secundária e  
superior dos superdotados tiver que se  
fazer à parte, desenhando-se do ensino  
que se dá aos demais; se se tivesse que  
que atender a todos os ramos de  
formação profissional e à iniciação cienti-  
fica, seria uma obra dispendiosa.

Ademais oferece certos inconvenientes  
desde o ponto de vista do trato social  
que há de ter os superdotados para  
sua formação completa.

De momento será melhor aprovei-  
tar os elementos que se oferecem a todos  
dando a flexibilidade necessária aos  
planos de ensino.

Quando se disponha de recursos  
suficientes quicá se possa pensar na  
criação de estabelecimentos especiais de  
formação secundária e profissional de



superdotados, no entanto, bastará que os superdotados encontrem elementos para fazer, nos mesmos centros de ensino mais trabalho que os demais alunos.

Em primeiro lugar, tem-se que fazer que os superdotados possam em certos casos, seguir os planos de estudo em menos tempo não para chegar antes ao exercício profissional sem dar lugar a sua formação complementar.

Se os métodos de ensino não forem de tipo tão receptivo como são agora e permitirem em troca o trabalho pessoal e o jogo das iniciativas individuais, não haveria que pensar em formação complementar dos superdotados fora dos planos ordinários de estudos.

Encontrar-se-iam suficientes ocasiões para distribuir trabalhos mais delicados e profundos aos que os tiveram que fazer e como a relação entre professor e aluno seria quase individual, o professor adaptaria sua linguagem e seus estímulos de atividade



às necessidades de formação de cada um  
seja superdotado ou pertencente à massa.

Porém, enquanto isso tem-se  
que pensar em um labor complementar  
a que os superdotados se entregariam,  
intercalando-a ou dosando-a ao trabalho  
escolar.

Este trabalho complementar far-se-ia  
facilitando o acesso aos centros de  
investigação e de ampliação de estudos  
permitindo o contato com os elementos  
seletos de formação científica e profissio-  
nal dispensando de certas classes normais  
para seguir cursos especiais, favorecendo  
as visitas a laboratórios e a estabelecimentos  
industriais; dando meios para frequentes  
excursões a lugares interessantes.

Ademais haveria que proporcionar  
as viagens pelo país e pelo estrangeiro;  
haveria que procurar estâncias subvencionadas.

O que fossem futuramente para o  
comercio e para a industria passariam  
temporadas nos grandes centros mercantis e



industriais. Os que fossem cultivar a ciência os passariam nos centros de investigação.

A obra que realizaram em 1934 a Junta para ampliação de estudos e a Junta de Patronato de Engenheiros e Obreiros no estrangeiro, oferece antecedentes muito valiosos e talvez se possa realizar em combinação com estas entidades um formoso plano de conjunto.

Tudo o que se pede para a formação verdadeiramente intensa e de contacto com os phenomenos e as cousas que geralmente não se pode dar a massa dos alunos deveria dar-se sem (escalar?) nada aos superdotados. Por isto, mais que ensino especial, se pode dizer que os superdotados necessitam uma formação complementar.

Fazendo em primeiro lugar que todos elles possam concorrer aos centros de ensino especial sem embaraços economicos, obedecendo aos resultados do exame psicotecnico que ha de dizer sobre que ramo especial tem



que ir, ter-se-á já em parte resolvido o problema.

Logo haveria que pensar só na formação complementar, que não necessita de grande aparato técnico e sim de um profundo sentido da realidade e uma facilidade de adaptação às necessidades de instrução, de atividade e de contato com as coisas.

(Os detalhes) Além disso ha resolver-se a ajuda moral e material de colaboração abundo os laboratorios as oficinas e todos os lugares de ciência e de experimentação além da dotação de bolsas e subvenções de viagem e excursões para o qual faz falta a contribuição de entidades de toda a ordem e dos particulares.

Agora heu um regimen tutelado desta classe não ha de deixar os alunos abandonados ao azar das coisas.

Os superdotados têm que ser dirigidos aos centros de formação especial por uma organização que se atenda às



podem ser individuais de aptidão, dirigidas aos centros de por pessoal competente e que logo inicie a formação, procurando aqueles elementos de complementação educativa que sejam necessários para o maior rendimento da vida ulterior dos patrocinados.

O Conselho creado pelo Ministerio de Instrução publica, em virtude do Decreto 48-1931, não pode ser eficaz para esta missão tão delicada e tão ampla; porem algo pode fazer se recebe as colaborações técnicas, pedagogicas e economicas necessarias.

Uma das coisas melhores que se pode fazer para o desenvolvimento da obra é a do estabelecimento de bolsas de iniciativa particular, a instituição de premios e de auxilios de toda a classe para favorecer o trabalho formativo, já que os auxilios particulares officiais sempre não de ser escassos e as contribuições particulares dão força moral ás instituições alem do apoio material correspondente.



A formação geral e a preparação profissional dos superdotados que temos planejado a grandes rasgos, ha de fazer-se contando com todas essas colaborações além de ter garantidos os meios econômicos.

A julgar pelas iniciativas do 1º ministro de Instrução pública do novo regimen em nosso país o Estado vai proporcionar grande parte dos recursos que fazem falta - Porém se necessita uma organização a qual concorram toda classe de iniciativas de entidades e de particulares para que chegue mais estímulo e mais interesse na gestão da empresa.

Esta organização ha de ter á frente um Patronato especial para superdotados o qual em vez de ter como função a que se denomina o Comité Superior de Seleção creado no ministério de Instrução Publica ha de procurar o despertar das iniciativas que conduzam



a facilitar a formação profissional e científica dos superdotados em regimem especiais, estimulando todos os meios de cooperação a' obra e arbitrando ao mesmo tempo os recursos economicos necessarios para o mais amplo desenvolvimento do plano nacional.

### XIII O Patronato Nacional de Superdotados

Existe já na Espanha um ambiente favoravel a' ajuda e proteção dos jovens que oferecendo garantias para um rendimento social futuro precisam de recursos para fazer a preparação decidida.

Têm instituido bolsas e pensões de estudos, têm se creado prêmios para o trabalho dos estudiosos, têm-se dado auxilios para ampliar conhecimentos para viajar e fazer estadas no estrangeiro.

O Estado e as entidades de carater publico têm levado nisto boa parte; porém têm havido iniciativas particulares.



Muitas vezes, tem sido uma empresa industrial que tem concedido bolsas de estudo em uma escola técnica ou bolsas de viagem para completar a formação de um pessoal que ela necessita; outras vezes tem sido um filantropo que do~~ou~~ presta pensões e auxílios económicos para estudar carreira ou para aperfeiçoar-se na profissão. Em todo o Norte de Espanha e especialmente nos centros de actividades económica e social mais intensa encontramos numerosos exemplos ha tempo.

Nestes ultimos anos os poderes publicos tem accentuado seu interesse por este genero de protecção.

Bastaria recordar o regimen de matriculas gratis nos centros de ensino, as pensões de ampliação de estudos, os "préstamos" de honra dos estudantes que precisam de recursos para terminar seus estudos, as bolsas a



que se referem o Estatuto de formação profissional de 1928. Sobre este particular tem-se que assinalar especialmente o Instituto de Seleção escolar obreira que tem encarregado ao Instituto Psicotécnico de Madrid a seleção dos meninos de dotes privilegiados, nascidos nas classes humildes a quem custeia os estudos secundários e superiores submetendo-os a um regime de vida e de trabalho que corresponde a suas capacidades e a sua valorização.

No mês de julho de 1931, examinou-se a primeira série, na que foram escolhidos seis meninos e duas meninas entre uma centena que haviam apresentado as escolas de Madrid.

Os alunos selecionados, cuja proteção e educação toma a cargo esta Associação durante o Bacharelato, alternam seus estudos com o aprendizado de um ofício manual, o qual lhes serve de base de experiência e de ensino concreto, ao mesmo tempo que lhes faz



aprecia o valor deste tipo de trabalho e os prepara para o caso em que qualquer contingência os impeça de prosseguir seus estudos.

Admitem-se meninos de um e outro sexo, procedentes de todas as regiões de Espanha, porém não ha internatos.

Os que não tem familia em Madrid vivem em casa de operarios de honradez provada, preferentemente dos condiscipulos madrilenhos.

Procura-se estabelecer intercambio de becas com instituições analogas estrangeiras para que pelo menos durante os periodos de férias de verão os alunos possam viver na Franca, na Alemanha principalmente para aperfeçoarem-se nos idiomas destes países.

O Instituto de Sebeção Social Obreira começou a funcionar em um chalet doado por um industrial nos arredores de Madrid. É de esperar que o plano se desenvolva felizmente.



e que as iniciativas deste genero se multipliquem.

No terreno privado tem-se que citar o Instituto de seleção escolas obraira associação que começou a atuar publicamente em Madrid 1931 e que recebeu desde o primeiro momento importantes doações e colaboração de pessoas preparadas para levar a cabo missões educativas delicadas. É o mais interessante deste movimento é a tendência a conceder o auxilio economico, não ao que faz um exame brilhante a base de umas cousas aprendidas de memoria, porem ao de capacidade provada, ao que se tem mostrado digno por seu labor anterior ou ao que submetendo se ás provas cientificamente elaboradas demonstra possuir dotis superiores.

O advento da Republica com a exaltação das ideias democraticas densificou o ambiente a favor da proteção sem regateios aos superdotados.



Porém uma obra nacional tão importante deveria ter um plano de conjunto e uma ação combinada.

Parte dos esforços e dos bons propósitos se perdem por falta de técnica de realização e por carência de órgãos que deem vitalidade às iniciativas e encaminhem devidamente os esforços para a obtenção do resultado apetecido por todos.

É necessário alguém que permanentemente e tecnicamente possa recolher as iniciativas que em todo o momento possam surgir.

Sem contar com uma organização técnica, levada por pessoas ativas e não por figuras, se perdem muitos recursos que aproveitariam muito bem os necessitados de ajuda econômica para sua valorização pessoal.

Sobretudo faz falta um



organismo impulsor e coordenador que reúna tudo o que signifique a prestação económica e técnica a' solução do problema dos superdotados.

É precisa a existência de um Patronato Nacional de Superdotados que arca de uma maneira identific o interesse pela proteção a'quele que ha de reudir socialmente, que estimule as aportações voluntarias, que unifique a ação das entidades de carater oficial que organize a utilização dos centros de ensino e de investigação e que vele pela orientação dos superdotados para as atividades onde há mais falta para o levantamento económico e social do país.

Este Patronato Nacional deveria procurar fundamentalmente a constituição de um Fundo Nacional de Superdotados no qual haveriam de ter uma parte <sup>importante</sup> importante dos



donativas e dos legados que  
o Patronato cuidaria de estimular  
e ao qual contribuirão as subven-  
ções do Estado e das entidades oficiais.  
Com este Fundo Nacional, o  
Patronato sustentaria as escolas especiais  
para a formação geral de superdotados,  
concederiam becas de estudos, bolsas  
de viagens e de estadia pensões de  
aperfeiçoamento, etc —

O trabalho do Patronato Nacional  
de Superdotados seria facilitada com  
a constituição de Patronatos locais, com-  
postos de pessoas de prestigio da localidade  
tecnicamente preparada e profundamente  
interessada na obra, e Patronatos regionais  
ou provinciais os quais atuariam com  
autonomia tanto na recopilação de  
fundos como na administração dos  
mesmos; ainda que para a adjudicação  
de auxilios aos superdotados deveriam  
ater-se a' proposta nacionalada dos elementos  
tecnicos que na maioria dos casos seriam



as instituições de orientação e seleção profissional.

O Patronato Nacional de Superdotados com a colaboração dos Patronatos locais e regionais poderia recorrer a toda classe de meios de propaganda da obra dos superdotados e poderia utilizar os processos que estimam<sup>supor</sup> mais eficazes para interessar o país, para obter recursos económicos e para fazer que a acção seletiva e educadora dos superdotados chegasse aos lugares mais afastados.

Um dos meios que poderia empregar seguramente com proveito desde o primeiro momento poderia ser por exemplo a edição de uma grande tiragem de postais artísticos por exemplo, a edição alusivos ao problema dos superdotados com indicação de que o produto da venda se destina ao Fundo Nacional de Superdotados.

Da mesma maneira poderia recorrer ás subscrições publicas por meio da imprensa a qual padaria de além de



de procurar recursos economicos ime-  
diatos constituiria um poderoso  
elemento de propaganda incitadora  
de toda classe de colaboraçõ para  
a obra.

Isto não é mais que uma amostra  
do muito que se poderia fazer e não  
duvidamos que prontamente ta-se ia  
dinheiro ~~de~~ e toda classe de elementos  
necessarios.

A preocupação para o auxilio  
dos superdotados advanca do fundo  
dos interesses sociais e a ação prote-  
tora que dela se derine, ha de ser  
levada a cabo com um amplo  
sentido de colaboração social que não  
ha de faltar em nosso pais.

Felizes os que iniciando a  
obra, logrem tal colaboração e felizes  
os que por meio de seu trabalho  
estimulante consigam valorizar as  
fortes capacidades da juventude do  
campo para o melhoramento do mesmo



128  
e para elevação do nível social geral.

## 4ª Parte

### Organização dos esforços do agricultor.

I - A adopção de novos métodos de produção e de venda.

Uma das causas principais do mau-estar no campo vem da pouca facilidade com que chegam ao ambiente rural as conquistas da ciência e as aplicações da técnica moderna e as dificuldades que encontra a agricultura para adotar os métodos de produção que têm permitido à indústria alcançar o grau de desenvolvimento a que chegou nestes últimos tempos (maquinismo, especialização de funções coordenadas, fabricação em serie) devido a que se trata de trabalhos



de temporada, condicionados além disso por fatores variados alheios à vontade do agricultor

Si bem existem explorações agrícolas bem equipadas científica e tecnicamente, si ha empresas rurais bem preparadas para produzir em condições muito parecidas às de uma fabrica bem organizada, as maiores extensões de terreno têm cultivos antiquados onde as praticas de produção e venda obedecem a uma mentalidade pouco acorde com as exigências de nossos dias.

Todos os que nos temos ocupado algo pelo melhoramento de métodos de cultivo e de colheita pela adopção de determinadas praticas racionais sancionadas pela experiencia, sabemos a resistencia que opõe geralmente o agricultor a trocar sua maneira de agir de ação.

Todos temos podido compreender



que a incultura, a falta de visão ampla dos problemas da produção e da distribuição, o isolamento, fazem que o rendimento do trabalho agrícola seja ~~escasso~~, que as técnicas do agricultor não sejam todas as adequadas e economicas que deveriam ser e que do valor que alcançam os produtos do campo em mãos do consumidor, não recebe o produtor sua devida forção.

De um tempo a esta parte existe uma grande renovação das técnicas agrícolas: cada dia mais se vão estendendo os processos científicos de cultivo.

Selecionam-se as plantas, adu- lam-se os terrenos com os elementos que fazem falta, combatem-se com êxito as pragas do campo, praticam os trabalhos segundo as normas científica- mente comprovadas ~~ex~~ quanto a boa disposição do terreno, ao aproveitamento da humidade e do calor, ao melhor desenvolvimento dos produtos que se deseja obter.



Porém falta muito por fazer naquilo que se refere a organização geral da produção e da distribuição agrícolas se tem feito muito pouco para melhorar o rendimento do esforço do homem na pratica das operações recomendadas pela ciência agronomica. Esta, diz o que se tem a fazer porém falta averiguar na maioria dos casos como ~~ter que fazer~~ se fazer para se obter nas melhores condições de economia.

Tem-se que procurar a melhoria do rendimento agrícola, não só por meio da introdução das normas que ensinam a obter mais e <sup>nas</sup> melhores condições económicas.

Tem-se que procurar a melhoria do rendimento agrícola, não só por meio da introdução das normas que ensinam a obter mais e melhores frutos da terra porém também por meio da eliminação de uma serie de factores



perturbadores que desvalorizam o esforço do agricultor.

Tem-se que organizar a produção com vistas ao consumo; tem-se que aumentar a efetividade do esforço humano desde a busca das produções mais remuneradoras até a organização científica das atividades um tanto coordenadas e entrelaçadas com as leis da economia da energia.

Por uma parte tem-se que procurar adaptar a produção agrícola às necessidades ~~de~~olutivas do consumo.

Para isto tem-se que ter em conta as tendências econômicas da época, estudando as possibilidades de mercado para os diversos produtos agrícolas com objeto de fomentar as produções às quais se oferecem mais perspectivas e abandonar as de horizonte fechado em que pese as tradições locais.

Por outro lado tem-se que organizar a distribuição de produtos agrícolas



com vistas mundiais e não exclusivamente regionais ou nacionais, ~~o~~ não exclusivamente faz que apesar das dificuldades com que tropeça a organização econômica mundial caminhemos indiscutivelmente para a universalização dos problemas econômicos e as soluções que se deem ainda que enquadradas no marco local, regional ou nacional não de ter por detrás as perspectivas do mundo.

Cada produto tem que seguir suas vias naturais e racionais de expansão procurando abrir portas em vez de fechar e proibir. Tem-se que ir suprimindo à medida das disponibilidades, as produções que necessitam de medidas artificiais de proteção para outras de posição firme já que as primeiras estão constantemente expostas a sofrer o golpe de morte fazendo inútil todo esforço protecionista. Os preços não de ser fixados de



acordo com o custo da produção média, de maneira que as boas colheitas gerais não produzam a depreciação excessiva para o qual tem que resolver os problemas de armazenamento e de transformação eventual dos produtos.

Ademais pode-se estimular o consumo dos produtos no momento em que se apresenta a abundância de colheita por meio da propaganda.

Está demonstrado que as campanhas destinadas a fazer consumir determinados produtos dão excelente resultados.

Recordamos que em Inglaterra um sindicato de pescadores realizou em 1928 uma campanha que consistiu na difusão de uns cartazes e anúncios de imprensa que diziam simplesmente "Coma mais pescado", que deu por resultado o ingresso de mais de cem milhões de libras esterlinas sobre o ingresso do ano precedente. Por isto, em um Congresso de Agricultores de Lancashire



celebrado depois, propoz-se uma campanha para estimular o consumo de batatas, sob as seguintes palavras sugestivas: "Para criar melhores raios come mais batatas. Temos visto varias vezes na Imprensa Inglesa um anuncio suggestivo da Fruit Trades Advertising Dept. de Londres incitando a comer laranjas. Parece que vai estendendo-se bastante este sistema de anuncio anonimo, no qual se convida ao consumo de um determinado produto, muito a proposito para as grandes Associações de produtores.

A propaganda é um meio que tambem pode utilisar-se para estimular aos agricultores a substituir determinados cultivos pouco remuneradores por outros que oferecem mais futuro.

Outro aspecto da campanha organizadora está em despertar o sentido da previsão e da colaboração para a defesa dos interesses gerais frente aos egoismos mal entendidos.



Assim por exemplo tem que resolver em suas variadas manifestações a luta secular entabulada entre a pecuária por uma parte e os cultivos e a vegetação florestal por outra parte.

Também tem se que delimitar bem as zonas que pertencem ao domínio florestal e que os agricultores se obstinam em dedicar ao cultivo.

Tendo em conta a influência benéfica que as zonas arborizadas exercem sobre os cultivos próximos especialmente desde o ponto de vista da conservação e regularização da humidade (e por seu papel na formação da matéria orgânica principalmente, mantida, camada de folharada) que se encarregam de reter as chuvas e os ventos.

Atendendo a que em nosso país especialmente em Castela existem numerosas terras esquilhadas, muitas vezes em declive que se reviram para ser <sup>escarlam</sup>



semeadas, das que a água das chuvas  
leia as melhores. parcelas e substâncias  
que haveriam de alimentar as plantas,  
contemplando como estas terras a  
larga não sendo abandonadas a  
estabilidade e a ação destruidora das  
aguas torrenciais deveria declarar-se  
de necessidade nacional a re<sup>sta</sup>população  
florestal de todas aquelas terras que  
foram outrora bosques e que têm  
sido cultivadas até agora porém  
que estão ameaçadas de abandono  
e de todas as zonas impróprias para  
o cultivo naqueles lugares em que os  
bosques ou os arvores poderiam bene-  
ficiar directamente os cultivos próximos  
proporcionando-lhes abrigo, retendo-  
lhes a água das chuvas protegendo-as  
contra os arrastos das aguas, fabricando adubo  
em forma de folharada, galhos e diversos  
resíduos decompostos. Por isto os agri-  
cultores deveriam estudar a forma que  
seja conveniente adotar em suas respe-



tuas propriedades para estabelecer a  
associaçãõ da arvore com o cultivo  
de cereal passando imediatamente  
ao terreno das realizaçõs.

Nisto, como em muitas outras  
coisas tem-se que reconhecer a  
necessidade da interdependência  
da açãõ dos agricultores, interdepen-  
dência que se faz absolutamente impres-  
cindível na defesa contra os  
agentes destruidores (correçãõ de torentes,  
luta contra as pragas da lavoura, etc.)

Um dos problemas funda-  
mentais da organizaçãõ da produçãõ  
agrícola é o da intensificaçãõ dos  
cultivos. Na maioria dos casos é  
muito mais econômico cultivar bem  
um pedaço de terra que cultivar mal  
um pedaço grande.

Paralelamente tem-se que tender  
no possível à especializaçãõ de  
cultural em cada exploraçãõ. O tipo  
de granja agrícola que produz um



411  
pouco de tudo e que pretende corrigir a irregularidade das colheitas por meio da variedade, resarcindo em umas do que perde em outras dentro do mesmo ano, responde a uma organização econômico-social primitiva na qual a casa de campo vivia quasi independente com muito pouco intercambio.

Porém hoje, salvo raras exceções, o maior rendimento ha de encontrar-se no aperfeiçoamento de técnicas e de organização que permite a especialização.

O limite desta especialização ha de dar-lhe a facilidade de comunicações e de intercambio, não só desde o ponto de vista da venda dos produtos, mas sim tambem desde o abastecimento daquelles elementos de necessidade primaria na exploração agricola, como são alimentos para os homens e para o gado, adubos, etc,



que umas vezes sera mais economica produzir na propria exploracao, ainda que esteja especializada em outras producoes e outras vezes nao.

Uma questao muito debatida e a de si couvem mais as pequenas exploracoes ou bem se sao preferiveis as grandes. Isto depende da natureza do solo e de uma serie de fatores que e impossivel analisar aqui.

Sol se pode dizer que tem que se a constituição de unidades organicas de exploracao, e (prescindindo de teorias ditadas as mais das vezes pelos interesses particulares ou por certas afinidades ideologicas e sentimentais) em umas ocaes se proceder ao fracionamento de terras e em outras a reuniao das mesmas.

Si bem pelas sistemas de exploracao agricola praticados ate hoje os latifundios tem sido sinonimo de mau cultivo e de abandono, talvez



para adiante se necessitem unidades grandes de exploração para obter o máximo rendimento.

Isto não quer dizer nada respeito a possessão da terra, já que estas grandes unidades de exploração podem pertencer ou a proprietários únicos ou a sociedades constituídas por numerosos proprietários pequenos ou por cooperados modestos. (Sobre esta questão veja-se o folheto de José Mallart, a possessão da terra e a exploração agrícola traccional, Revista de Organização Científica, Madrid 1931.)

Outra questão interessantíssima é a de fixação da população rural.

Uma boa organização da produção agrícola requer um pessoal produtor que cifre todas suas esperanças na Agricultura e não tenha suas ideias de vida postas em outras atividades.

Para isto necessita um interesse directo na produção e uma parte



apagação razoável nos benefícios a parte de que estes têm que aumentar graças ao aperfeiçoamento das técnicas do cultivo e a melhoria da produção e do trabalho.

Do mesmo tempo tem-se que procurar a estabilização da mão de obra dentro da exploração agrícola evitando as imigrações de operários de Temporada, que se adaptam mal às necessidades do trabalho de cada uma das explorações, perdem no nomadismo uma energia e um tempo preciosos, têm que viver geralmente em condições péssimas e produzem um trabalho de qualidade inferior.

As explorações que praticam o cultivo intensivo geralmente podem ocupar com muita facilidade durante todo o ano o pessoal que necessita graças a variedade de atividades que têm que desenvolver no curso das estações e



estações e o emprego de maquinaria nas operações de maior urgência de tempo, (recolhimento de colheitas, trabalhos de arado, etc).

Ademais se oferecem à exploração agrícola uma série de ocupações complementares de transformação de produtos, de melhoria de instalações e de dispositivos de reparação de instrumentos, que são de grande utilidade e podem ajudar muito à estabilização da mão de obra.

De uma maneira geral se pode dizer que há que tender no possível à industrialização da produção agrícola no sentido de que tem se que adotar métodos parecidos aos que tem empregado a indústria para obter suas grandes cifras de rendimento: a mecanização, a intensificação, a especialização de funções e de produções, a seriação do trabalho, a coordenação,



denação dentro de grandes agrupamentos, etc.  
 A facilidade com que se pode atualmente distribuir pelo campo a força motriz especialmente por meio da eletrificação e a melhoria das comunicações e dos meios de locomoção oferecem amplas perspectivas à organização científica ou pelo menos racional da produção agrícola.

Porém há que organizar também cientificamente a distribuição da força motriz e sobre tudo tem-se que constituir redes de comunicação bem adaptadas às necessidades de intercâmbio entre as diversas zonas agrícolas e entre estas e os núcleos urbanos e industriais.

## II. A organização científica do trabalho na Agricultura

De um tempo a esta parte se tem fundado em quase todos os



países, prémios para as famílias de agricultores que tenham contraído certos meritos, e têm criado diversos estímulos para reter no campo os agricultores.

Por outro parte na maioria das legislações ~~assemam~~ asomam propósitos de fazer participar aos trabalhadores do campo, das mesmas vantagens obtidas ou em vias de obtenção, pelos trabalhadores dos centros urbanos e industriais (regulação da jornada e de salários, seguros sociais) e incluso ha em alguns países uma corrente favoravel á isenção ou á redução de determinadas cargas cívicas, como por exemplo, certos impostos, o serviço militar, em favor dos agricultores.

Tudo isto merece plenos aplausos.

Porém si a agricultura produz um baixo rendimento, não será este aumentado por medidas desta ordem.



Com elas poderá mellhorar a situação social dos agricultores; poderão estes viver com alguma comodidade e mais porém a produção seguirá fazendo-se com má rendimento, o que quer dizer que não se corrigirá a anormalidade económica que supõe produzir em má's condições de eficacia

Estas medidas custarão muito caras e contribuirão muito pouco para o levantamento do nível económico social da população rural.

A possibilidade de applicação dos principios de organização científica á Agricultura tem sido negada por muitos que se fundamentam em que a produção agrícola se verifica por processos biológicos e não por meios mecânicos como ocorre geralmente na industria.

Dizem que si se applica maquinaria nas practicas agrícolas, tem uma parte muito limitada



na produção, a qual segue estando eminentemente sujeita às leis do desenvolvimento da vida e aos agentes naturais (chuvas, frios, etc)

Tábeis não se possam adotar os mesmos métodos da industria fabril ou tem maiores dificuldades para aplicar métodos parecidos; porém os principios de organização científica são perfeitamente adaptaveis.

Organisar uma granja, organizar a exploração de uma fazenda não é nenhuma coisa nova.

Todas as fazendas de campo, todas as explorações agricolas obedecem a uma organização disposta, pelo menos teoricamente com o proposito de extrair da terra o maior produto.

Em todo o tempo a terra dirigida agricultores que se tem sucedido de geração em geração na regência



das marmas. Claro que esta organização  
 tem sido adaptada aos conhecimentos  
 da época e a preparação profissional  
 do agricultor. Até agora para prepara-  
 la e para mantê-la e aperfeiçoá-la  
 mais ou menos se tem necessitado  
 uma certa inteligência natural sem  
 muitos conhecimentos científicos.

Porém chegou o momento em que  
 faz falta muito mais, os métodos  
 de trabalho e de disposição das coisas  
 tem que tomar elementos científicos  
 descobertos modernamente.

Todos os setores da economia  
 os tomam para aumentar rendimento,  
 e a agricultura não pode deixar de  
 tomá-los si quizer melhorar a situação.

Deve-se pensar na energia  
 que se perde em uma casa de  
 campo de um dia a outro e de um  
 ano a outro, empregando instrumentos  
 inadequados para os respectivos trabalhos,  
 contrapondo forças, perdendo tempo



malbaratando a atividade produtiva em uma má distribuição e coordenação de tarefas. Se a situação do campo fosse brilhante, não haveria necessidade de pensar em trocar as coisas, em substituir práticas tradicionais que às vezes tem grande encanto, porém a vida do agricultor é geralmente rude e difícil e tem-se que melhorá-la no possível.

Se o esforço humano aplicado ao trabalho da terra pode dar mais ou menos rendimento segundo as condições psicofisiológicas em que se aplique; tem que procurar as maneiras mais adequadas para que não se malgaste energia e para que não sobrevenham as doenças corporais reveladoras de que o trabalho não se realizou devidamente.

Se se quiser aumentar o rendimento e diminuir as fadigas



do agricultor, tem-se que apromontar os resultados da preocupação científica e da investigação no domínio da organização económica agrícola.

É verdade que os elementos com que se operam em agricultura não podem ser submetidos a regras tão fixas e matemáticas como as que costumam regular a organização da maioria das outras indústrias. Os trabalhos agrícolas concedem geralmente uma margem muito ampla à iniciativa individual e apenas conhecem a subordinação rígida e a coordenação em grupos, que existe regularmente nas explorações fabris.

As práticas da agricultura requerem uma acomodação contínua a fatores variáveis (temperatura, chuva, moléstias e pragas das plantas, etc) e não podem ser condicionadas de autêntica com o rigor que podem ter as práticas das oficinas e das fabricas que operam com fórmulas fixas, com temperaturas



dadas, com pressões determinadas,  
com grau de pureza de materiais  
predefinidos, com um conteúdo de  
humidade regulado.

Isto dificulta a aplicação dos  
princípios de organização científica  
na agricultura, por ser não a im-  
possibilita. Os obstáculos não são  
para assustar ninguém.

Existe quem acredite  
que não vale a pena preocupar-se  
pela economia de tempo e de esforço  
do trabalhador agrícola porque nos  
trabalhos do campo raramente se  
tem grupos numerosos, que são  
precisamente os que põem de manifesto  
focalizam bem as grandes perdas  
que se tem com a má regulação  
do trabalho. Realmente para uma  
empresa onde trabalham centenas  
ou milhares de operários uns minutos  
de tempo ou uns gramas de energia  
que perca cada um dos indivíduos



representa uma soma consideravel de prejuizo na totalidade do pessoal. Porém a perda relativa em uma empresa que tem muito pessoal e' igual a empresa que ocupa pouco e como o tanto por cento empregado no pessoal e' tão grande ou maior na agricultura do que nas fabricas a melhora que se obteria com a organizaçãõ científica das atividades do pessoal tem em uma e em outras a mesma importancia.

A maior dificuldade que apresenta a applicaçãõ dos principios de organizaçãõ científica na agricultura estriba se no carater temporal que tem a maioria de suas operações e nos obstaculos que se oferecem a permanencia dos instrumentos e dos homens no mesmo lugar e na mesma funçãõ.

O trabalho agricola e' geralmente de movimento, de extençãõ.



sem dúvida os fatos demonstram que a possibilidade existe, porquanto se tem organizado cientificamente e racionalmente diversas granjas com magníficos resultados e funcionam diversas instituições dedicadas ao estudo dos problemas de organização científica do trabalho agrícola.

Por sua parte as associações protetoras do agricultor ao orientar suas preocupações para os problemas de organização técnica e econômica não fazem mais que confirmar esta posição.

Assim em 1930 se tem organizado em Paris uma jornada de estudo dirigida à melhoria qualitativa das produções, a uma melhor disposição da produção e do trabalho agrícolas e a redução dos preços de custo mas que de um modo especial se assinalou a necessidade de organiza



a contabilidade e a documentação económica da exploração agrícola e se demonstrou que a evolução da economia rural se dirige para uma solidariedade económica e social cada vez mais acentuada entre os produtores e para uma preocupação maior pelos interesses dos consumidores, solidários também dos do pelos interesses dos produtores.

### III - Organização da Ação Coletiva

Para que a ação elevadora da vida agrícola e rural se assente sobre bases firmes, é preciso fomentar entre os agricultores o sentido da colaboração em tudo quanto tenda a conseguir fins comuns e defender interesses gerais. É mais, tem que acostumar os a focalizar seus interesses particulares através dos coletivos.

Geralmente está longe da compreensão



da gente rural, o que pode derivar-se da ação ou da inação coletivas. É frequente o o governo mal entendido cêque a visão de benefícios coletivos que se derivam da realização conjunta de iniciativas organizadoras e de planos de revalorização agrícola e por isto é preciso fazer ver a interdependência em que se encontra a vida ativa dos agricultores em operações tais como as que se referem à correção de torrentes, à luta contra as pragas e molestias, ao reflorestamento, etc, mas que a atitude acertada ou desacertada de cada um repercute geralmente sobre os interesses dos vizinhos ou da coletividade.

Reconhecida esta interdependência ter-se-á o terreno preparado para a organização da ação comum dirigida a conseguir determinados fins de melhora para grupos determinados de produtores agrícolas ou para a classe rural em geral.



A constituição de sociedades para a mesma exploração do solo e a venda dos produtos agrícolas, seguindo os princípios da concentração e a coordenação de funções se encontrará com aquela preparação muito simplificada.

Sem embargo, para que a associação dos camponeses seja toda proveitosa como deve ser, deve focalizar seus problemas com visão elevada, defendendo seus interesses sem ofender aos dos demais que estejam dentro da linha dos interesses gerais.

Os agricultores, ante os perigos que os ameaçam, ante a infinidade de problemas que têm de resolver por ação comum, tem constituído organizações permanentes encarregadas de velar pelos interesses das profissões agrícolas.

Os trigueiros (triticultores), os viticultores, os criadores estão unidos em associações que procuram para a classe respectiva



positivos, benéficos, porém muitas vezes fazem guerra entre si e isto produz sérios transtornos que deve-se evitar.

Se os presumidos interesses dos que se ocupam de um ramo da produção chocam com os de outro ramo é que existe algo anormal. Os interesses dos produtores e menos os dos agricultores não podem estar contrapostos.

Em Espanha temos presenciado, por exemplo, uma luta entre cerealistas e criadores porém tem havido no meio uma questão aduaneira, que por seu caráter artificial, põe àquelas produções em situação de anormalidade.

Se existisse algum motivo fundamental de roçamento entre produtores agrícolas seria derivado da competição no mercado; porém não seria entre agricultores de diversos ramos porém sim entre os que concorreriam no mercado com os mesmos produtos.



Porém esta luta é distinta, pode ser admitida e ainda desejada se vai dirigida à conquista do preço mínimo do custo e de venda com o mínimo sacrifício de energia humana.

Uma das formas mais interessantes da organização dos agricultores é a que se oferece no Sindicato Agrícola e na Cooperativa. Graças a estes agrupamentos, se podem melhorar as técnicas agrícolas, pode-se empregar maquinaria que não estaria ao alcance da potencialidade econômica dos indivíduos isolados se podem melhorar os rendimentos e a qualidade dos produtos, uma vez que se possa organizar solidariamente a ajuda mútua e a ação coordenada.

Para o desenvolvimento destas organizações tem contribuído muito a difusão das ideias socialistas, porém as instituições cristãs tem feito também com elas laços reais realizações.

Funcionam com pleno êxito, cooperativa,



para a conservação e a transformação de grãos, para a aquisição de sementes e adubos, para a fabricação de azeite, de derivados da uva, do leite, etc, e é de desjar que se estenda grandemente para que todos os agricultores modestos e medianos, em todos os setores da vida da exploração, possam disfrutar das vantagens da concentração e a coordenação dos esforços que se obtém com as cooperativas.

Porém o problema da cooperação agrícola não fica resolvido criando e fazendo funcionar grande numero de cooperativas, mediante a qual a concentração e a coordenação abrangem raios tão dilatados como seja possível.

Neste aspecto, é interessante a obra da Federação de Cooperativas agrícolas alemãs que tende a unificar as Cooperativas de cada município e a centralizar em cada estado, provincia ou território, a ação reguladora.



O agrupamento de agricultores sob a forma de círculos de estudos e de ensaios, tem dado muito bons resultados em varios países. Tem por objeto realizar de comum acordo, ensaios e estudos na respectiva exploração com objeto de trocar impressões e examinar resultados de experiência.

Nelles se pode tratar de adubação, de prova de variedades de plantas de modos de cultivo, e podem por-se muito bem a estudar os problemas de melhoria de rendimento no trabalho para economia de energia e de tempo.

O fomento de todas estas formas de associação e de colaboração seria muito conveniente em Espanha, posto que nossos agricultores são muito individualistas e seu individualismo se pode ser vencido por uma ação muito enérgica que desperte o espirito de concordância de vontades.

... usualou-se como coisa do indi



individualismo e por tanto da resistência  
a ~~colaboração~~ colaboração em obras cole-  
tivas, o isolamento em que vive o  
agricultor, começando com as viveudas  
dos agricultores <sup>quasi</sup> sempre separadas  
umas das outras.

Talvez a disseminação das  
casas dos agricultores dificulta as  
aquisições culturais nas famílias cam-  
ponêsas; porém deide o ponto de  
vista da exploração agrícola, o <sup>sempre</sup>  
notamos vantagens o estabelecimento  
da população rural em granjas  
rodeadas de terra que tem que cultivar,  
o agricultor.

Assim se pode notar seguramente  
como causa de grandes males para  
a agricultura, a ausência da casa  
de trabalho, da granja, que faz com  
que os trabalhadores do campo vivam  
em povoados e vão para suas tarefas  
como os empregados vão ás officinas,  
perdendo um tempo precioso em ir e vir.



gastando inutilmente suas forças pelo caminho.

Indubitavelmente, graças a estes sistemas de granjas se tem podido desenvolver a agricultura em países jovens e a base destes estabelecimentos rurais pode dizer-se que se tem levantado principalmente o edificio economico dos países que nos oferecem atualmente mais pujantes. Assim a estancia, na Argentina; a fazenda, no Brasil; o rancho nos Estados Unidos (ha 5 milhões em todo o país) e as estancias na Australia aumentando continuamente em numero se nos apresentam como os centros irradiadores da energia propria para o desenvolvimento economico.

É o mais natural que a casa de trabalho, a granja esteje situada no meio das terras que se tem que cultivar.

A exploração agricola exige do homem uma serie de cuidados continuos que o une estreitamente a terra.



Os animais domésticos, elementos inseparáveis da verdadeira casa agrícola, necessitam do ambiente que dá o pleno campo e estes reclamam a presença do homem de uma maneira constante.

Oferece realmente inconveniente a disseminação da população rural desde o ponto de vista do progresso geral e da cultura.

As casas isoladas opõem grandes dificuldades à relação social e ao estabelecimento de instituições de cultura. Os habitantes do mes, do caserío deixam de ir, muitas vezes à escola pelos rigores do tempo e pelas ares de importância independente que dá a vida na casa isolada.

Porém em nosso país não parecem notar-se muito os efeitos de tal disseminação. Em Espanha, as regiões cuja agricultura está mais adelantada e em cultura ocupam as



primeiros lugares dentro da península tem uma grande importância fraste de sua população rural espalhada pelo campo. Em Catalunha a gente do mas põe-se em relação social com os mercados comerciais e o proprio faz o habitante do casarô Vasco e o do casarô asturiano.

A vida aquiola tende a uma complicação maior, a umas maneiras de viver que redamam uma estreita relação social e não basta a quella relação social que se vem tendo a base dos mercados e das feiras comerciais.

Aos pequenos cultivadores se pede cooperação; aos directores de explorações de alguma importância se lhes pede uma relação e uma documentação frequentes.

Porém todos podem permanecer no meio do campo, porque cada vez mais disponõ de meios facis de locomoção.

Tem havido uma epoca em que se acredite que o tipo de habitagão rural



disseminada corresponderia a um estado rudimentar do desenvolvimento agrícola; porque a agricultura tem que estar ligada a outros importantes fatores de riqueza que não pode obter mais que a associação de esforços.

Na Alemanha assim o entendimento e a ação legislativa incluso havia posto entraves à edificação de casas separadas dos núcleos de população. Queriam que o cultivador que vive em uma aglomeração por si mesmo que fosse encontrasse mais meios para elevar seu nível intelectual: lugares de reunião, periódicos, bibliotecas, sociedades. Isto podia redundar em benefício da preparação para o trabalho agrícola. Porém obrigava a um gasto de energias pela traslado (transporte) desde a habitação à terra de cultura, não compensado pela economia no abastecimento de artigos de consumo.



diário e a expedição dos produtos da terra e com os meios de comunicação que se tem atualmente (caminhões, correios, telefones, rádios), o problema de isolamento pode dizer-se que já não existe.

### IV - Ação oficial

Como o povo dos equinosses tem muito difícil domínio para a organização racional da vida rural, e é preciso a intervenção de organismos qualificados que em nome dos interesses coletivos e dos poderes constituídos, influam para que toda a ação organizadora é elevadora da vida do campo se faça segundo requeira as conveniências gerais segundo um plano cientificamente elaborado.

O Estado e seus órgãos colaboradores, a província e o município, têm de procurar levar a cabo uma regulamentação que preveja todos os pontos difíceis e se antecipe aos conflitos, não com



afã intervencionista porem com  
uma organização que facilite o  
desenvolvimento de todas as iniciativas,  
bem orientadas e canalise o  
esforço dos individuos e das  
coletividades.

Os problemas de organização  
da vida rural espanhola, apertam  
de um modo directo o fecho dos  
interesses economicos e sociais gerais  
e sua solução não pode ser abandonada  
à livre fogo das iniciativas  
interessadas. É mais, os problemas  
de economia geral de nosso país  
estão intimamente ligados aos pro-  
blemas rurais dos demais países.

As associações de agricultores  
que começaram por ser locais, comu-  
nais ou regionais e logo por meio  
de federações, geralmente se tornam  
nacionais, tendem a converter-se  
em internacionais e talvez em mundiais  
Os interesses dos produtores



de uma especialidade se solidarizam  
com os interesses de seus similares  
nos demais países.

O país que se fecha em si mesmo,  
se afivia. Portanto, os agricultores  
e os organismos nacionais que notam  
pelos interesses camponeses não de olhar  
na cima das fronteiras e trabalhar  
em um plano o mais alto e amplo  
possível.

Quanto mais ampla seja a visão  
mais sólida será a obra que se realize.  
Quanto mais se preveja o porvir,  
mais positiva e mais útil será a tarefa  
empreendida. O futuro não se pode  
prever se não se focaliza um setor  
muito amplo no qual se possam conter  
para os movimentos das coisas em suas  
grandes trajetórias.

Por isto é de grande importância  
o trabalho condecorado dos Congressos  
internacionais de economia rural,  
a Agricultura, de Embelezamento da vida rural,



etc., que se tem realizado nestes últimos anos (Especialmente os de Economia Rural, de Totnes-Devon (Inglaterra, 1929); o do Sindicato Agrícola, de Lieja-Amberes, 1930; o de Entrelaçamento da vida rural, de Lieja-Amberes, 1930 e o de Agricultura, de Praga, 1931.) e o papel das entidades internacionais e mundiais que se ocupam da organização da economia agrícola (Sociedade das Nações, Instituto Internacional de Agricultura, etc.).

Sem embargo o trabalho internacional é de orientação e de coordenação. A cada país corresponde a verdadeira obra de impulso e de construção. Daí a preocupação dos governos de quasi todos os países, pela reorganização económico-social do campo.

Assim, em Inglaterra, o governo laborista empreendeu como obra de reconstituição nacional e para solucionar a terrível crise, um amplo plano de revalorização agrícola, estabe-



criando uma Corporação para a Utilização  
 Agrícola do país, com objeto de levar  
 a cabo em grande escala os princípios  
 modernos de exploração agrícola dando  
 aos jovens um ensino técnico do trabalho  
 agrícola e estabelecendo granjas modelos  
 em todo o país de maneira que levem  
 ao fim de uma maneira rápida o  
 melhoramento agrícola. O desenvolvimento  
 da educação agrícola desejou-se  
 estimular com a criação de um Conselho  
 de Investigação Agrícola.

Um dos aspectos mais interessantes  
 do plano está na cessão, pelo Governo,  
 de uma extensão determinada de terreno  
 aos obreiros desocupados, para que sob a  
 direção de agricultores responsáveis, culti-  
 vem a terra com o qual, além de contri-  
 buir para a solução do problema do deso-  
 cupado, tendia a diminuir a importação  
 de vários artigos, sem estimular as produções  
 antieconômicas.

Na Alemanha, na França, na Itália



na Tchecoslováquia, etc., os problemas dos agricultores e do campo tem sido objeto de atenção especial por parte dos Governos.

As conferências de expertos de Bulgaria, Estónia, Ungria, Letónia, Polónia e Rumania celebradas em 1930 em Bucarest, Sinaia e Varsóvia, para estudar a crise agrícola e concertar uma ação comum, parecem ter despertado nos países agrícolas um desejo de reorganização e de melhora tanto mais forte quanto a crise que aflige o mundo repercute grandemente sobre os camponeses.

Na Polónia, tem sido foi criado o Ministerio de Agricultura, Colonização e Previdência Social, o qual cuida especialmente do fomento e desenvolvimento da agricultura e pecuária, de propagar os modernos processos de cultura estabelecendo sistemas agrários regionais, fomentam,



do a criação, a colonização agrícola e fundando o crédito rural, de ditar em matéria de previdência social, leis, decretos e regulamentações tendentes a melhorar a condição moral e material dos trabalhadores e a garantir, ao mesmo tempo uma frutífera inversão de capitais no campo.

Em diversos países as questões de reforma agrária preocupam extraordinariamente.

No momento em que se escrevem estas linhas, Espanha empredide, pelo menos legislativamente sua reforma agrária.

Segundo o projeto de lei parece ser que o essencial da reforma está em fazer anualmente um certo numero de assentamentos de camponeses em terrenos de latifundio para que os cultivem por sua conta.

Para se assegurar a comunidade de camponeses que serão os administradores



dos terrenos e estas poderiam concordar que a exploração da terra se faça individual ou coletivamente.

Porém é possível que dado o espírito individualista de nosso povo (especialmente no campo, e particularmente nas zonas a que tra de afetar as reformas) fomente a exploração em pequenos de preparar o projeto.

Ademais dada a pouca preparação técnica com que chegarão a possessão da terra os assentados (3) é possível que se empreguem sistemas antiquados de exploração do solo sacrificando a possibilidade de adotar métodos científicos de produção.

Sem embargo é de esperar-se que se tome o exemplo dos pequenos agricultores adiantados que para obter rendimento têm que associar-se em cooperativas e reunir suas



exploração. Parece de razão que o Estado não vá criar explorações agrícolas nos lugares onde não existem, pois que por natureza não foram nunca possíveis.

Em troca é de desejar-se que se estimule a exploração dos latifúndios mal cultivados, fomentando a constituição de empresas que tenham elementos técnicos e económicos suficientes para a exploração científica das terras e cedendo as terras em grandes unidades orgânicas, a cooperativas que as cultivem e que valorizem seus produtos seguindo demandas os tempos modernos em vez de lançar umas pobres gentes a lutar com grande dificuldade e grande responsabilidade para que posteriormente tenham que abandonar novamente a terra porque não lhes deu para viver.

A vida do campo ha de empreender carreira para a sistematização, ao agrupamento e à coordenação coletiva, ou pelo menos



no estado de... de...  
deservação despetiva? em que se  
encontra com relação aos centros  
urbanos.

— V — A preparação social  
para a organização da vida rural

Como o espírito das classes  
rurais não está muito bem dis-  
posto para colaborar na organização  
racional da vida do campo, é preciso  
uma preparação rápida, não só por  
meio da escola (que se faz a longo prazo)  
senão também por meio de uma  
ação cultural sobre os agricultores  
já formados.

Do apresentado problemas, muitos  
quizeriam que os Governos se lhes dessem  
todos feitos, e tem-se que  
ensinar a pensar que os Governos  
não podem fazer nada sem a cola-  
boração decidida dos governados.



O mesmo ocorre em relação com os organismos internacionais. Muitos quizeram que das reuniões dos experts agrícolas sairá a solução definitiva das questões pendentes.

Porém seus trabalhos encontram enormes dificuldades enquanto se trata de sacrificar pequenos interesses particulares para os grandes interesses comuns.

Para atenuar os egoísmos não há seguramente nada tão eficaz como o formento das relações por meio de viagens, reuniões, Assembleias e Congressos de caráter profissional nos quais se contrapezem os interesses, estudam-se os problemas e se estabelece a comunhão de pensamentos, indispensavel para a constituição de associações, de cooperativas e de toda classe de obras de colaboração necessarias no campo.

Um aspecto muito importante da preparação para a organização da vida rural consiste na divulgação



em matéria económica e social.

As questões Económicas e Sociais representam tanto na vida geral, que seu estudo deve trazer a clareza às classes populares, mantendo a influência que cada uma pode exercer sobre a produção e consumo, como produtores e consumidores, de actividades ou como colaboradores, e de grande interesse para os agricultores adquirirem a cultura económica e social para saber associar seus interesses individuais com os da colectividade e para colaborar em uma obra de organização rural e geral tanto na esfera nacional como na municipal.

Tem-se que ensinar às gentes dos princípios de organização científica da produção e do trabalho.

Tem-se que mostrar as vantagens da coordenação dos esforços, da



especialização, das grandes séries, da tipificação internacional, da harmonia de atividades entre os homens, da colaboração econômica entre os povos.

Dever-se-ia desenvolver a obra das instituições nacionais e internacionais que se propõe o melhoramento da vida rural e a organização científica do trabalho.

Estas instituições, trazendo as técnicas das aplicações os princípios científicos de organização, contribuem muito para preparar o estado de coisas que se necessita para estabelecer a colaboração orgânica dos agricultores. Ao mesmo tempo haveria que implantar o ensino da organização científica nas escolas agrícolas, nos cursos abreviados nas Catedras Ambulantes para agricultores etc, procurando dar-lhe todo o caráter prático possível, à base de fatos e de resultados de experiência.

Tem-se que insistir em que a



bases da valorização hierárquica nos  
campos, de tal modo que o agricultor  
produza em melhores condições e  
tire maiores benefícios de seu esforço e  
do Poder estatal, este tem que valer  
em primeiro lugar, quanto à produção  
de alimentos, não se esquecer o ponto  
de vista das condições dos terrenos,  
do clima das exigências das plantas  
e a qualificação que lhe dará a ciência  
módica e a experimentação, sem esquecer  
também desde o ponto de vista das  
facilidades de venda ou valorização  
do produto para o qual ha de recorrer  
aos resultados da investigação  
Como guia das preocupações do  
agricultor e por cima de sua ação  
deve existir a ação coordenada  
geral que estabeleça uma organização  
(ou pelo menos nacional) da produção  
e da circulação de produtos assinalando  
a cada zona o que convém produzir



preferentemente dentro do que assimilem  
 suas condições naturais, dando normas  
 práticas ~~de~~ ~~para~~ ~~os~~ ~~setores~~ ~~de~~ ~~produção~~ ~~de~~ ~~adotar~~  
 adotar determinados tipos de exploração  
 estimulando a constituição de determina-  
 das comissões entre produtores para  
 a obtenção de determinados efeitos  
 convenientes para a valorização geral  
 dos rendimentos agrícolas dando lugar  
 a planos de ação nacional ou supra-  
 nacional para facilitar a chegada  
 dos produtos aos consumidores.

Por outra parte, o agricultor  
 dentro de sua exploração ha de procurar  
 que as instalações estas fiquem dispostas  
 de modo que economisem passos inúteis  
 que as ferramentas respondam ao fun-  
 cionalismo dos homens que ha de manejar  
 que cada tarefa seja feita por quem melhor  
 possa fazê-la; que o horario de trabalho  
 se acomode a racionalidade  
 fisiologica dos trabalhadores; que  
 a contabilidade penetre todos os setores



da empresa rural e se fossem  
conhecer perfeitamente os custos  
das operações e os preços dos produtos  
Deste modo a riqueza  
natural do solo passará a ser  
riqueza do homem e o valor de  
um e outro, no concerto dos  
valores sociais e economicos terá  
aumentado consideravelmente.

(11)

fim



# Índice

## Primeira Parte

Ação da escola de formação geral

I	O problema do exodo rural e do analfabetismo	Página 4
II	Fazer agradável a vida do campo	12 I
III	A ruralização da escola	15
IV	Instituições paralelas ao ensino da escola primária	21
V	Ação cultural de irradiação da escola	26
VI	A educação da mulher do campo	29 II
VII	Fomento de indústrias rurais	32
VIII	Ação social pro florestamento. A gravidade do mal exige remédio coletivo. A Cartilha Florestal nas escolas. Creação de um ensino de silvicultura. Um bosque para cada escola. Sociedades para o fomento do reflorestamento. Propaganda florestal.	37 III
IX	A volta ao campo dos jovens da cidade	44



X Creação do ambiente elevador: Pag.

O poder do ambiente. O campo e o ambiente para a vida e a educação geral.

48

## Segunda Parte

### Trabalho de formação profissional

I As exigências do trabalho agrícola e as funções delicadas e especializadas da moderna agricultura.

O operário agrícola. As especialidades profissionais agrícolas.

56

II A distribuição do pessoal agrícola: a orientação das aspirações da juventude rural. A busca do pessoal para a exploração agrícola.

64

III A valorização das aptidões: as aptidões naturais e seu aperfeiçoamento. A profissão tradicional e a aquisição das técnicas novas. O problema da



formação dos trabalhadores em condições de um bom aprendizado

68x

IV

A escola profissional agrícola

78

V

A preparação para proferir discursos

82

~~82~~

~~do trabalho agrícola e de outros trabalhos~~

~~82~~

~~e de outros trabalhos~~

~~82~~

Seleção e avaliação de superdotado do campo

III

do campo

I

O problema economico social dos superdotados

86

II

O analfabetismo e a atuação para com o analfabetizado superdotado

93

III

A escola primaria ou geral ante o superdotado

94

IV

O aproveitamento social do superdotado

100

V

Como selecionar os superdotados

105

VI

O conceito do superdotado

107

VII

Os serviços publicos de orientação profissional na seleção do superdotado

110

VIII

As instituições ambulantes para

V



	para a seleção do superdotado	120
X	Problemas de educação do superdotado	124
XI	Escolas especiais de formação geral p <sup>o</sup> superdotados	128
XII	Formação profissional e iniciação científica dos superdotados	132
XIII	O patronato nacional de superdotados	137

## Quarta Parte

	Organização dos esforços do agricultor	
I	A adoção de novos métodos de produção e de venda	142
II	A organização científica do trabalho na agricultura	150
III	Organização da ação coletiva	155
IV	A ação oficial	161
V	A preparação social p <sup>o</sup> a organi-	



sação da vida	mural	165
Bibliografia		169

FIM

1940

Elevação Moral e Material  
dos Camponeses - Mollat e Curi

INCLUSO ou INCLUSIVE?

REVÊR AS PONTUAÇÕES.

VERIFICAR ENGANOS E PON-

TUAÇÕES - ORTOGRAFIA MODERNA

João.



## Normas de Orientação para Plano de Aula (concurso de ingresso nos G. Ruas)

- a) Os objetivos visados
- b) Os métodos e processos adotados para a consecução dos objetivos.
- c) As razões justificativas do procedimento didático.
- d) As atividades físicas e mentais a que as crianças serão levadas, sempre que o 'plano' comportar, mais:
  - e) Os conhecimentos e informações que os alunos deverão dominar.
  - f) - A influência que com esses elementos se intenta exercer no comportamento infantil.
  - g) - Os meios de medir os produtos do trabalho executado
  - h) A organização da classe e o critério adotado para esse fim.
  - i) As condições especiais do ambiente de trabalho.

————— do. Of. 11-7-48



